



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social

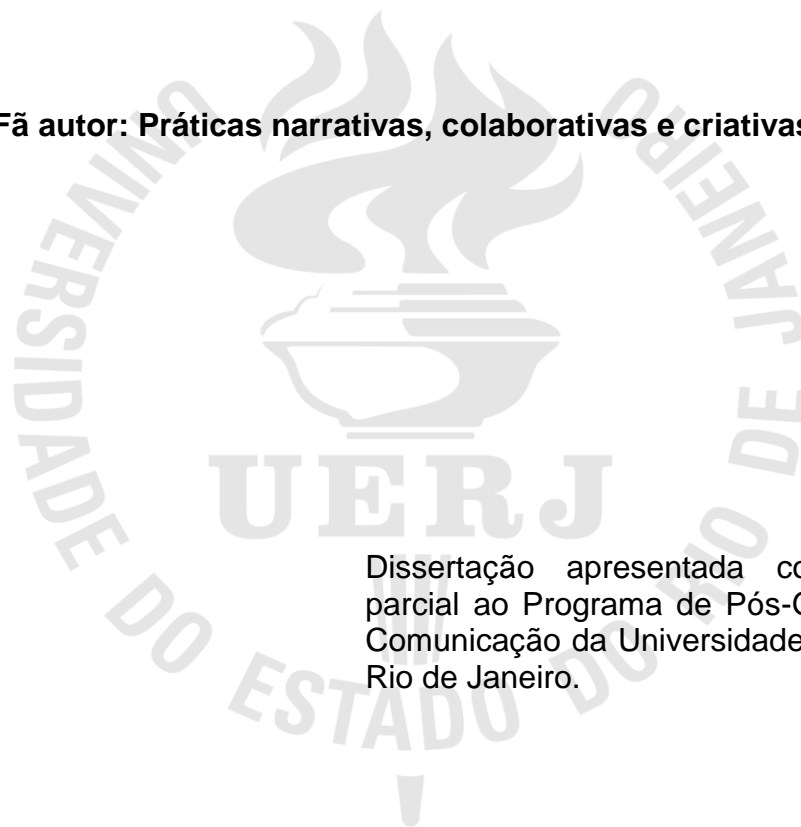
Mayara Fidalgo Pereira de Barros

Fã autor: Práticas narrativas, colaborativas e criativas

Rio de Janeiro
2018

Mayara Fidalgo Pereira de Barros

Fã autor: Práticas narrativas, colaborativas e criativas



Dissertação apresentada como requisito parcial ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Fátima Cristina Regis Martins de Oliveira

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B277 Barros, Mayara Fidalgo Pereira de.
Fã autor: Práticas narrativas, colaborativas e criativas / Mayara Fidalgo Pereira de Barros. – 2018.
120 f.

Orientadora: Fátima Cristina Regis Martins de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Comunicação Social

1. Comunicação Social – Teses. 2. Fan fiction – Teses. 3. Criatividade – Teses. I. Oliveira, Fátima Cristina Regis Martins de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mayara Fidalgo Pereira de Barros

Fã autor: Práticas narrativas, colaborativas e criativas

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Apresentada em 27 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Fátima Cristina Regis Martins de Oliveira (Orientadora)
PPGCOM / FCS – Uerj

Prof.^a Dra. Letícia Cantarela Matheus
PPGCOM / FCS – Uerj

Prof.^a Dra. Adriana da Rosa Amaral
PPGCOM – Unisinos

Rio de Janeiro

2018

AGRADECIMENTOS

A Fátima Regis, por me orientar e acompanhar nessa jornada cheia de altos e baixos. Às professoras Letícia Matheus e Adriana Amaral, por aceitarem participar desse processo.

A Alessandra Maia e Pollyana Escalante, por compartilharem do meu entusiasmo e estarem dispostas a me ajudar quando precisei. Aos integrantes do grupo de pesquisa CiberCog, por suas sugestões e questões, para que eu fizesse o melhor trabalho que poderia ter feito.

A Claudia Bianco, por estar lá para me ouvir nos momentos de incerteza.

A minha família e amigos, por me apoiarem incondicionalmente em todos os momentos.

RESUMO

BARROS, Mayara Fidalgo Pereira de. **Fã autor**: Práticas narrativas, colaborativas e criativas. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Essa pesquisa mapeou práticas narrativas, criativas e colaborativas possíveis com uso da cultura digital a partir da relação dos fãs com os produtos de entretenimento midiático, tomando como base o estudo de caso do universo das fanfictions brasileiras. A base teórica foi formada por conceitos de cultura do fã (JENKINS, 2006; JAMISON, 2017), cultura participativa (SHIRKY, 2011), teorias literárias (KRISTEVA, 2005; ECO, 1989; MCKENZIE, 2004), e as categorias de habilidades cognitivas de Regis (2008), tendo como paradigma a cognição atuada (VARELA, THOMPSON, ROSCH, 1993). A metodologia foi inspirada na etnografia virtual (RECUERO, 2016) e utilizou-se de questionários e entrevistas para delimitar o grupo de fãs e fanfics estudados, assim como gerar dados para análise. Observou-se que a prática da fanfic é dialógica, criativa e intertextual por natureza e engloba práticas de revisão e pesquisa.

Palavras-chave: Cultura do Fã. Fanfiction. Narrativa. Intertextualidade. Criatividade.

ABSTRACT

BARROS, Mayara Fidalgo Pereira de. **Fan Writer**: colaborative and criative narrative practices. 2018. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This research mapped narrative, creative and colaborative practices possible in the context of digital culture, from the perspective of fan relationship with products of entertainment media, specifically those in the Brazilian fanfiction universe. The theoretical basis was composed by concepts of fan culture (JENKINS, 2006; JAMISON, 2017), participatory culture (SHIRKY, 2011), literary theories (KRISTEVA, 2005; ECO, 1989; MCKENZIE, 2004), as well as the categories of cognitive abilities by Regis (2008), and the perspective from acted cognition (VARELA, THOMPSON, ROSCH, 1993). The methodology was inspired in virtual ethnography (RECUERO, 2016), using questionnaires and interviews to determine the fans and fanfics to be studied, as well as generate data for analisis. It was observed that fanfic is inherently dialogical, creative and intertextual, and includes practices of revision and research.

Keywords: Fan Culture. Fanfiction. Narrative. Intertextuality. Criativity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Popularidade de termos de busca relacionados à fanfic no Brasil	35
Gráfico 2 – Popularidade de termos de busca relacionados à fanfic no mundo	36
Figura 1 – Comentário no primeiro capítulo da fanfic <i>A Garota Malfoy</i> , datado de 03/11/2017	52
Figura 2 – Comentários datados de 30/08/2017	53
Figura 3 – Comentário da autora, datado de 30/08/2017	54
Figura 4 – Perfil do entrevistado Lucas	55
Figura 5 – Perfil da entrevistada Luna.....	55
Figura 6 – Perfil da entrevistada Monique	56
Figura 7 – Perfil da entrevistada Pâmela	56
Figura 8 – Perfil da entrevistada Paula	56
Figura 9 – Perfil da entrevistada Sofia	57
Figura 10 – Comentário da autora, datado de 17/01/2017	57
Figura 11 – Comentários datados de 20/08/2017	61
Figura 12 – Comentário da autora, datado de 15/09/2017	62

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	8
	INTRODUÇÃO	10
1	DESVENDANDO O FANDOM	19
1.1	O fã e as coisas	24
1.2	A história da fanfic	28
1.3	A prática da fanfic	30
1.4	A fanfic no Brasil	34
2	CRIATIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE	40
3	O FÃ-AUTOR	49
3.1	Metodologia	49
3.2	Questões sobre o fã-autor	50
4	PRÁTICAS E RELAÇÕES DO FÃ-AUTOR NO UNIVERSO DA FANFIC BRASILEIRA	55
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	70
	ANEXO A – Questionário	75
	ANEXO B – Roteiro de Entrevista	78
	ANEXO C – Entrevista: Lucas	79
	ANEXO D – Entrevista: Pâmela	83
	ANEXO E – Entrevista: Paula	90
	ANEXO F – Entrevista: Luna	94
	ANEXO G – Entrevista: Monique	100
	ANEXO H – Entrevista: Sofia	106
	ANEXO I – Seleção de Respostas do Questionário	111

APRESENTAÇÃO

Ser fã é algo difícil de conceituar, a maneira como interagimos com outros fãs e com o objeto de nossa adoração varia de indivíduo para indivíduo. Portanto, devido a natureza do estudo aqui apresentado, peço licença para explorar uma forma alternativa de abrir essa dissertação. O fato de que a pesquisadora também é fã se faz relevante, portanto segue abaixo um relato dessa relação entre pesquisa e fandom.

O primeiro contato com fanfics foi ainda no Ensino Fundamental, baseada nas histórias que via na televisão e lia nas horas de lazer. Na época, não publicava na internet, por ainda ser muito nova e ter pouco acesso, mas compartilhava com amigos que tinham os mesmos gostos. Por volta de 2007, publicou pela primeira vez no Fanfiction.Net, maior site internacional de fanfics. O período entre o Ensino Fundamental e o final do Ensino Médio foi o de maior atividade nos fandoms a que pertencia, buscando principalmente mais conteúdo sobre os personagens preferidos. Todo esse percurso pelas fanfics resultou na vontade de ser escritora e, culminou no ingresso na faculdade de Jornalismo em 2011.

O contato com pesquisa se deu inicialmente no segundo semestre de 2011, quando surgiu a oportunidade de trabalhar num documentário sobre eventos de anime para uma das disciplinas. Em 2013, ingressou na iniciação científica, no grupo de pesquisa Comunicação, Entretenimento e Cognição - CiberCog, criado em 2007 e coordenado pela professora doutora Fátima Regis.

Durante a iniciação científica, teve o primeiro contato com os conceitos de habilidades cognitivas e as possibilidades para estudo dentro do campo da cognição, da cultura do fã e da cultura participativa, a partir do entretenimento. Nesse período, estudou a narrativa na série *Once Upon a Time* e as habilidades cognitivas nos jogos de RPG, ambos artigos apresentados em congressos: este no 8º Coneco e aquele no XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Vale destacar que, desde 2014, o grupo CiberCog integra o Laboratório de Mídias Digitais (LMD), também sob coordenação de Fátima Regis. As pesquisas desenvolvidas buscam elaborar métodos de aprendizagem para o ensino formal, começando pelo nível fundamental, a partir de ações da área de comunicação social e dos conceitos de cognição estudados.

Agora no mestrado, a pesquisadora volta seu olhar para a prática da fanfic, onde enxerga potencial para explorar processos criativos e colaborativos de criação de narrativa. Durante o processo de pesquisa, artigos tangentes foram apresentados nos congressos Póscom 2016, Alcar 2017, Alaic Cone Sul 2017 e XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Durante todo esse percurso, houve um crescimento da pesquisadora enquanto acadêmica e fã, que contribuiu para o desenvolvimento de uma possível identidade como pesquisadora e para reforçar os laços com o trabalho realizado pelo grupo CiberCog.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca explorar as práticas criativas e colaborativas possíveis com uso da cultura digital que surgem da relação dos fãs com os produtos de entretenimento midiático, tomando como base o estudo de caso do universo das fanfictions brasileiras. O objetivo geral do estudo é mapear as práticas de criação e colaboração existentes no universo das fanfictions a partir das relações afetivas, criativas e colaborativas entre os fãs que delas participam.

A prática das fanfictions abrange a interação com outros fãs, a análise do produto em que se baseia a história e das referências que ele contém, o ato da escrita e a divulgação da história. Num contexto de cultura do fã, a participação do público, que reage ao produto, discute e critica o material, muitas vezes culmina na criação de algo novo, que é compartilhado por meio de diferentes mídias. Esse processo não é feito de forma isolada, mas integra comunidades maiores e redes que permitem inclusive extrapolar barreiras geográficas.

Fazendo uma busca preliminar, as fanfictions costumam ser estudadas enquanto problema autoral (BARROS, 2009) ou como possibilidade de aprendizado escolar (NAKAGOME, MURAKAMI, 2013; SOUZA, 2014; BLACK, 2006), principalmente no campo de Letras. Na comunicação, uma abordagem possível é a da construção da narrativa pela colaboração e pela economia da afetividade, envolvendo o público no processo de produção – pensamento presente na linha de pesquisa dos autores Chris Anderson (2012), Henry Jenkins (2006) e Roz Kaveney (2005). Percebe-se também a existência de uma produção distribuída de conhecimento na rede (ANDERSON, 2012), o que pode ser apropriado para os estudos das formas de criação coletiva de histórias e universos ficcionais de personagens.

Nossa pesquisa se alinha a esta perspectiva de análise (construção da narrativa pela colaboração, afetividade e engajamento) e tem como ponto de partida teórico o conceito de cognição atuada (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1993), que considera que o desenvolvimento cognitivo engloba a interação do indivíduo com o outro – ou seja, inclui a interação com artefatos tecnológicos, ambiente, e sociedade. O conceito de cognição atuada também estabelece que o processo cognitivo é processual e corporificado, ou seja, apoia-se na experiência corporal e no contexto,

como explicam os autores:

Pelo termo corporificada, queremos realçar dois pontos: primeiro, que cognição depende dos tipos de experiência que derivam do fato de se ter um corpo com várias capacidades sensório-motoras, e segundo, que essas capacidades sensório-motoras individuais são, por sua vez, embutidas num contexto biológico, psicológico e cultural. Pelo termo ação, queremos enfatizar mais uma vez que processos sensoriais e motores, percepção e ação, são fundamentalmente inseparáveis na cognição vivida. (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1993, p. 172-173, tradução minha).

Assim a cognição atuada oferece a base teórica que fundamenta a importância da experiência concreta, das interações e do contexto no processo cognitivo, problematizando o paradigma logocêntrico ocidental. O interesse desta pesquisa na cognição atuada é que este conceito nos permite pensar a experiência do fã de modo integral, reunindo um conjunto de fatores – sensoriais, afetivos, intelectuais, culturais e ambientais – que favorecem o engajamento e o processo cognitivo e, portanto, criativo do fã.

Numa pesquisa em que analisou seriados de TV e videogames, Regis (2008; 2011), mapeou 5 competências cognitivas estimuladas por produtos de entretenimento, a saber: intertextualidade, sociabilidade, criatividade, logicidade e sensorialidade. Para esta pesquisa, selecionamos as habilidades de criatividade, intertextualidade e sociabilidade, como ferramentas para auxiliar no mapeamento das relações existentes no universo da fanfiction brasileira.

Por meio da análise de fanfictions brasileiras e com base em teorias sobre a cultura do fã (JENKINS, 2006), cultura da participação (SHIRKY, 2011) e teorias literárias (KRISTEVA, 2005; ECO, 1989) buscaremos compreender como esses leitores / escritores ampliam suas redes de sociabilização, e, por meio de criação, recombinação e colaboração nos processos de produção e consumo das fanfictions, produzem práticas de leitura e escrita características do meio digital. A ideia é entender como essas teias de textos (intertextos), fermentadas pela afetividade, sociabilidade e criatividade típicas das mídias e redes digitais, estimulam práticas de criação, interação e trocas entre os fãs específicas do universo digital, promovendo interação/interferências com o material original e a expansão do universo da série.

Nesta pesquisa privilegiaremos a investigação e análise das habilidades criatividade e intertextualidade (REGIS, 2008) estimuladas pela produção de fanfictions; enfatizaremos intertextualidade, por entendermos que a prática da fanfic

é essencialmente intertextual, já que desde sua conceituação já pressupõe um diálogo com o texto em que é baseada; quanto à criatividade, sua importância é percebida na natureza criativa da fanfic, uma atividade que nasce dos fãs explorando possibilidades e se fazendo perguntas sobre cenários e situações alternativos aos que são apresentados no cânone dos textos em que é baseada.

As fanfictions são uma das maneiras dos fãs interagirem com a mídia, explorando detalhes para além do que é apresentado na mídia original, construindo em cima da base estabelecida e imaginando situações que gostariam que acontecessem com os personagens. A partir das habilidades estudadas por Fátima Regis, intertextualidade se refere à capacidade de fazer referências a outros textos, compreendê-las e recriá-los, partindo do conceito de Kristeva; criatividade é a capacidade de observar e criar de forma inovadora – o que se aplica ao escrever fanfictions, produzir fanarts, vídeos, mas também se aplica às perguntas que os fãs podem ter e às discussões que surgem a partir dessas perguntas; e sociabilidade seria a capacidade de interagir com os outros fãs. Mais especificamente, pretende-se investigar como e quais habilidades cognitivas podem se desenvolver por meio desse engajamento dos fãs.

Tendo como base o trabalho de monografia de conclusão de curso, no qual se mapeou a narrativa, sobre uma perspectiva material e estrutural, a partir dos estudos em estrutura da narrativa de Propp (2006) e de Barthes (2013), em que foi identificado que os elementos de intertextualidade e criatividade são passíveis de um estudo mais aprofundado, é cabível investigar dentro do campo da Cibercultura como as fanfictions podem oferecer um campo de estudo interessante da narrativa produzida de forma colaborativa, em uma perspectiva que foge do estruturalismo, bem como elencar os aspectos culturais da contemporaneidade, através da análise do dinamismo das trocas entre os fãs e da cooperação entre eles.

A escolha do objeto fanfiction também é pertinente à perspectiva da temática da intertextualidade, pois sua concepção parte do princípio de diálogo de um texto anterior com o fã. Ao considerar que “consumir textos é um processo ativo de apropriação, não um recebimento passivo por parte do leitor” (GONÇALVES, REGIS, 2015, p. 1), pode-se entender que os fãs se apropriam do produto cultural para contar suas próprias histórias.

Como objetivo geral, pretende-se mapear como se dá a criação e a colaboração entre os fãs no universo das fanfictions, levando-se em consideração as

relações afetivas, criativas e colaborativas que podem se formar entre eles. Para tal, a investigação é constituída de pesquisa bibliográfica, exploratória e descritiva.

A pesquisa bibliográfica abrangeu cultura pop (SÁ, 2015); cultura do fã (FISKE 1992; HILLS, 2002; VARGAS, 2005; BUSSE, 2006; JENKINS, 2014), cultura participativa (JENKINS, 2006; SHIRKY, 2011), e conceitos como cauda longa (ANDERSON, 2006), criatividade (FLUSSER, 1985; REGIS, 2008; JOHNSON, 2010;), texto (ECO, 1989, 2012; MCKENZIE, 2004; KAVENEY, 2005), intertextualidade (ECO, 1989, 2012; KRISTEVA, 2005; REGIS, 2008;), sociabilidade (SIMMEL, 1993; REGIS, 2008; CASTELLS, 2010;), interatividade (PRIMO, 2005;), fanfic (SÁ, 2002; JAMISON, 2017), todos conceitos que se relacionam com o tema dessa pesquisa por estudá-lo diretamente (como é o caso de cultura fã, cultura participativa, fanfic e texto), por representarem aspectos do tema (como criatividade, intertextualidade, sociabilidade, interatividade e cauda longa).

A pesquisa exploratória foi aplicada por meio de um questionário estruturado com fãs-autores brasileiros para levantar dados sobre o engajamento desses fãs com o universo das fanfictions. O questionário foi aplicado por mídias digitais, feito com o auxílio da ferramenta de formulário do Google Drive e divulgado entre os fãs por meio de redes sociais, principalmente grupos de fanfic no Facebook. No total, foram arrecadadas 501 respostas num período de 9 meses.

Para realizar a pesquisa descritiva, optou-se por um método inspirado pela etnografia virtual (RECUERO, 2016), para observar as relações internas ao fandom e as relações dos fãs com o material original. Os procedimentos metodológicos foram realizados nas seguintes etapas: identificar fãs-autores dispostos a participar da pesquisa, por meio de questionário e entrevistas. Em seguida, a partir das fanfics indicadas pelos entrevistados, elaborar uma planilha de análise contendo os possíveis momentos em que se percebe a intertextualidade – citações a outras obras, sobretudo, outras fanfictions. A terceira etapa constituiu uma observação dos comentários deixados pelos fãs em tais histórias, já que os fãs são centrais para o projeto e é essencial tentar compreender como eles percebem a intertextualidade dentro do fandom. Por fim, foi realizada uma reflexão sobre os dados coletados a partir da análise das fanfictions escolhidas e das entrevistas com os fãs-autores.

Há muitos nomes para se referir à aplicação dos métodos da etnografia clássica à pesquisa na internet, netnografia é um exemplo. É um método derivado da etnografia e costuma ser usado como “monitoramento de comunidades online a

fim de se estabelecer hábitos de consumo” (ROCHA; MONTARDO, 2005, p. 13). São considerados instrumentos de pesquisa as entrevistas feitas com auxílio do computador (via Skype, Google Hangout, etc), troca de emails, observação (e participação, no caso de uma pesquisa participante) de fóruns de discussão, sites e redes sociais.

A discussão da terminologia nasce da percepção de uma separação entre o universo *online* e *offline*:

[E]m uma “primeira onda” dos estudos de comunicação mediada por novas tecnologias, o foco residia nos aspectos que se supunham específicos de uma realidade emergente. Nessa abordagem inicial, os dados apresentados não eram relacionados a contextos socioculturais particulares, partindo-se do pressuposto de que o universo *online* seria apartado do *offline*. Propunha-se, assim, a criação de um termo específico para a etnografia realizada nesse “novo mundo”, frequentemente percebido como carente de “autenticidade” (CAMPANELLA; BARROS, 2016, p. 7)

Mas como explica Hine (2016), não há mais uma divisão tão clara entre *online* e *offline*. A internet se tornou hábito integrado ao cotidiano das sociedades de tal forma, que não parece mais ter sentido essa separação:

Nós encaramos a internet como um componente do dia a dia, não falamos mais em “ficar *online*” como se fosse uma viagem para um local distante, mas ao invés disso, usamos a internet de uma forma despercebida para fazer nossas atividades diárias, fazer fofocas, comprar objetos, encontrar amigos e para nos entreter. Os dispositivos móveis encorajam essa incorporação, à medida que mais e mais pessoas possuem acesso a essas interações mediadas digitalmente, durante todo o dia e em movimento. (HINE, 2016, p. 15-16)

Mais recentemente, tem-se preferido o termo “etnografia virtual” para se referir à aplicação dos métodos etnográficos à internet. De acordo com Raquel Recuero, esse é um método essencialmente qualitativo, com base nas percepções do pesquisador por meio de coleta de dados através de entrevistas ou observações das práticas de um grupo (2016, p. 122):

A adaptação para o ciberespaço como *locus* específico vem especificamente da discussão estabelecida por Hine (2000, 2008) em diversas obras. A premissa de Hine é a de que a internet é, ao mesmo tempo, um “artefato cultural” e um espaço onde a cultura é “formada e reformada”.

A etnografia tem suas raízes na antropologia e nos métodos de estudo de grupos sociais utilizados pelos seus pesquisadores (GEERTZ, 1973). Hine (2000) explica que o ponto comum da etnografia virtual e da etnografia

consiste, justamente, na imersão do pesquisador em seu campo, ou *setting*. Essa imersão é especialmente importante porque vai dar ao etnógrafo a percepção de *insider*, ou seja, de um sujeito que convive com um determinado grupo, focando as práticas sociais características deste. A etnografia virtual segue as mesmas premissas, mas adapta essa visão para um novo objeto. (RECUERO, 2016, p. 122)

A autora ainda explica o foco essencialmente empírico do método etnográfico, a partir das ferramentas que tem a sua disposição:

A etnografia virtual enquanto método é adaptável, como dissemos, embora um conjunto de técnicas sejam frequentemente associadas, como o uso de diário de campo, as práticas de observação, observação participante, contextualização, entrevistas com informantes e interpretação sistemática dos dados. Essas estratégias auxiliam na sistematização da coleta de dados, e são bastante qualitativas, focadas na documentação das práticas que são observadas. Quanto a análise de dados, o processo interpretativo é a principal estratégia, de modo a extrair sentido dos dados sistematizados. (RECUERO, 2016, p. 123)

No que concerne a este projeto, o método será utilizado na coleta de dados, que será realizada de modo qualitativo e a observação será não-participante. Pretende-se realizar entrevistas com os fãs-autores, utilizando o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), por Skype, Facebook Messenger e similares com o objetivo “de ouvir detalhadamente (a profundidade é um alvo comum) aquilo que, em contextos naturais e da forma mais livre possível, os entrevistados têm a dizer” (NICOLACI-DA-COSTA, 2007, p. 67). Esse método de entrevista se baseia num roteiro estruturado para abordar todas as questões do pesquisador e aprofundá-las, mas que é aplicado de maneira flexível para que a linha de raciocínio dos entrevistados seja respeitada:

Isso significa dizer que a ordem dos itens pode ser alterada; que, dependendo dos pronunciamentos dos entrevistados, alguns itens talvez sequer necessitem ser transformados em perguntas porque já foram por eles abordados espontaneamente; e que, apesar de todas essas alterações, o entrevistador deve estar atento para que nenhum dos itens do roteiro deixe de ser abordado. O MEDS incentiva a introdução espontânea somente de perguntas de aprofundamento ou esclarecimento. (NICOLACI-DA-COSTA, 2007, p. 69)

A realização de tais entrevistas ajudaram a pesquisa a extrapolar o ambiente *online*, já que haverá possibilidade para que o fã exponha suas relações com o fandom para além do que é observável nos sites e nas redes sociais. Como explica Christine Hine:

Se focarmos somente nas atividades observáveis nos espaços *online*, perderemos de vista a contínua recirculação do conteúdo online na medida em que este é apropriado pela mídia de massa e pelos usuários individuais, e incorporado na vida diária. Focar somente nas atividades evidentes nos espaços *online* também impede uma avaliação de seus significados para a maioria dos que são consumidores mais do que produtores de conteúdo *online*.

Existe uma divisão da produção digital (...) e os estudos de mídia correm o risco de se tornar demasiadamente focados em um grupo demograficamente restrito ao se basear somente no estudo daqueles que participam ativamente nos espaços online. Corremos o risco, em resumo, de desenvolver uma perspectiva sobre a internet muito centrada na internet. É importante executar outras formas de estudo além daquelas realizadas somente online, a fim de considerar as conexões *online/offline* e a circulação de conteúdos de formas imprevisíveis. (HINE, 2016, p.14-15)

Inspirada nessa base teórica, a metodologia desta pesquisa foi pensada de forma a melhor entender a interseção entre a criatividade dos autores e a elaboração de narrativas colaborativas.

No decorrer deste trabalho, no capítulo 1, é feita uma revisão da bibliografia sobre cultura do fã a fim de melhor explicar o que é o fã, ao que diz respeito a esta pesquisa. Jonh Fiske (1992) caracteriza fã como uma pessoa que se envolve emocional e intelectualmente com algum produto midiático, leitor excessivo. Mais recentemente, Jenkins (2014) entende o fã como propagador de conteúdo. Kristina Busse (2006) entende fã e fandom como espectro de engajamento, abrindo espaço para múltiplas formas ser fã. A cultura do fã está inserida no que Shirky (2011) denomina cultura participativa, que Jenkins (2009) define como o espaço onde os fãs e outros consumidores se envolvem com a criação e circulação de conteúdos. Andrew Keen (2007) não é tão otimista. O autor vê nas tecnologias digitais e na cultura participativa uma ameaça aos “conteúdos sérios”, produzidos por profissionais qualificados, mas sua tese ignora que todo conteúdo é criado por alguém e reflete a visão de mundo de quem divulga.

A cultura da participação tem, portanto, seus lados positivos e negativos, porém não cabe nesse trabalho analisar questões relacionadas aos problemas da participação especificamente, já que o foco é na maneira como o fã está inserido nela. A partir das considerações de Kristina Busse, fãs podem ser vistos como pessoas que dedicam energia ao foco de sua adoração.

Também será feita uma explicação do contexto e da origem da prática da fanfiction, fazendo relação dessa prática com o processo cognitivo. A partir dos estudos de Jamison (2017), podemos ver que essa prática não é nova, mesmo que

tivesse outra nomenclatura. É, porém, na década de 1960, que a fanfic começa a tomar sua forma atual, com as fanzines de *Jornada nas Estrelas*. A autora Rebecca Black (2006, p.172) define fanfiction como escrita em que fãs fazem uso de narrativas e ícones midiáticos como inspiração.

No capítulo 2, aprofundaremos os conceitos de criatividade e intertextualidade, de forma a melhor entender como informam as práticas criativas e colaborativas na fanfiction. O ponto de partida é uma definição de texto como uma trama finita, com espaços para interpretação e influência do suporte, de acordo com os conceitos de Donald Mckenzie (2014) e Umberto Eco (1984). Também é útil o conceito de texto denso, de Roy Kaveney (2005), que leva em conta o processo de criação, abrangendo, assim, a história e a linguagem do meio, e os artistas que precedem e sucedem o texto propriamente dito.

O conceito de intertextualidade usado neste trabalho se baseia no conceito de Julia Kristeva (2005), aliado às noções de dialogismo intertextual de Eco (1989), caracterizando a intertextualidade como uma conversa entre textos. No que diz respeito a criatividade, são usados o conceito de Flusser (sd.), que entende criatividade como diálogo com o outro, e a categoria de habilidades cognitivas de Regis (2008), relacionada a participação e criação de atividades colaborativas. Também se faz importante o conceito de sociabilidade, estudado a partir de Simmel (1983), que a entende como um processo e forma de interação social, e Castells (2010), que conceitua sociabilidade como forma de relacionamento interpessoal.

O capítulo 3 será dedicado às práticas dos fãs-autores, apresentando dados colhidos durante a pesquisa, através do questionário, das entrevistas e das observações dos comentários nas fanfics analisadas. Exploramos a produção do fã como um diálogo que estabelecido com o produto midiático, motivado pelo afeto, a partir dos conceitos apresentados no capítulo 2 e no conceito de sensível de Denise Siqueira (2015) e no conceito de gosto de Simone Sá e Beatriz Polivanov (2012). Para analisar o alcance dessa produção, é usada a noção de democratização dos meios de produção e distribuição, de Chris Anderson (2006). O conceito de leitores empíricos, de Umberto Eco (2012), também é importante para entender como a produção do fã emerge da relação que ele estabelece com a mídia.

O mapeamento dos processos de criação e colaboração na fanfic será explorado no decorrer do capítulo 4, traçando um paralelo entre o que foi observado durante a pesquisa e as respostas dadas pelos próprios fãs, tanto no questionário

quanto durante as entrevistas. A partir de Jamison (2017) e Kaveney (2005) e do que é explorado nos capítulos anteriores, os dados coletados nas entrevistas são analisados e a trama de relações criativas começa a tomar forma. Os fãs criam a partir de seus contextos e experiências de vida. A fanfic nasce de um contexto específico e precisa dele para gerar sentido. Nesse capítulo, também é apontado para a existência de divergências e discussões entre os fãs, com exemplos coletados a partir da análise das fanfics escritas pelos entrevistados.

Por último, serão apresentadas as considerações finais acerca de resultados observáveis e possíveis conclusões. Também serão indicados alguns apontamentos para pesquisas futuras, bem como possíveis aplicações práticas deste trabalho. O conceito de texto denso de Kaveney (2005) permite o entendimento da prática da fanfic como uma prática colaborativa em sua essência, desde a decisão do fã-autor em começar a escrevê-la até a interação social com outros fãs. É nesse entendimento que podemos enxergar os processos colaborativos e criativos que originam a fanfic. Além disso, apontamos para possíveis pesquisas futuras, como os pontos de tensão que existem no fandom, nascidos do diálogo natural do contexto, e a lacuna na história da fanfic no Brasil, que parece começar antes do advento da internet, mas cujas pistas são escassas e difíceis de encontrar.

Ao final, estão anexados os roteiros tanto do questionário aplicado quanto das entrevistas (Anexos A e B), assim como a transcrição das entrevistas realizadas (Anexo C a H) e a seleção de respostas do questionário e dados quantitativos relevantes (Anexo I).

1 DESVENDANDO O FANDOM

A palavra *fã* tem origem no latim “*fanaticus*”, usada para indicar alguém que servia ou era devoto a um templo. O tempo transformou a conotação da palavra, que passou a significar alguém em estado de frenesi causado por um rito orgiástico (JENKINS, 2005). Em português, “fanático” é o termo mais próximo, que geralmente significa uma pessoa obcecada com alguma coisa ou alguém.

Seguindo a linha da “excessividade” e da obsessão, Jenkins (1992) identifica dois estereótipos atribuídos aos fãs, com marcas de gênero: o psicótico assexuado normalmente é atribuído a fãs masculinos, e o feminino é a histérica; ambos incapazes de separar a fantasia da realidade. O autor, porém, defende que eles não são apenas “consumidores passivos”. Jonh Fiske (1992) caracteriza *fã* como uma pessoa que se envolve emocional e intelectualmente com algum produto midiático. Seria, para o autor, um leitor excessivo, baseado no grau de importância que esse envolvimento adquire em sua vida.

Com o desenvolvimento e a popularização das tecnologias digitais, as fronteiras entre consumo e produção se estreitaram: os meios de produção e distribuição ficaram mais acessíveis (ANDERSON, 2006). Isso permitiu que mais pessoas se envolvessem na lógica de produção e compartilhamento de conteúdo midiático, de forma a se aproximar do comportamento “excessivo” dos fãs, que passou a ser desejado pela indústria do entretenimento, como maneira de aumentar o envolvimento com uma franquia e gerar lucro.

Antigamente, o consumidor ideal assistia televisão, comprava produtos e não respondia. Hoje, o consumidor ideal fala bem do programa e ajuda a divulgar a marca. O ideal antigo pode ter sido a ‘batata de sofá’; o novo ideal é quase que certamente o *fã*. (JENKINS, 2007, p. 361, tradução nossa)

Em *Cultura da Convergência*, Jenkins se refere a uma outra interpretação do termo *fã*; o *fã* enquanto propagador de conteúdo, de forma a também abranger quem interage com sua fonte de adoração sem necessariamente produzir algo novo.

Ser *fã* é algo intrinsecamente social (já que se pode considerar que, mesmo quando não há outros fãs por perto, ainda há o diálogo com o conteúdo do qual se é *fã* e, talvez, com o seu criador), por isso quando se fala em *fã*, mesmo que no

singular, normalmente estamos nos referindo a um grupo. O coletivo de fãs de algum texto, artista ou gênero é conhecido como fandom, do inglês “fan” e “kingdom”, significando reino dos fãs.

Para Jenkins (2007, p. 361), o comportamento dos fãs é o comportamento do futuro, mas o fandom como entidade distinta não teria futuro, já que, se todos fossem considerados fãs, seu conjunto seria sinônimo de consumo midiático, e não mais um comportamento de nicho. De tal forma que:

[o] fandom de mídias é mais uma interação de uma longa série de práticas culturais em que as pessoas apropriam elementos e narrativas da cultura popular para fazer sentido de sua vida e articular suas experiências (THE JANISSARY COLLECTIVE, 2014, p. 77, tradução minha).

Kristina Busse (2006) discute que ampliar a definição de “fã” é um problema, pois considerar todos fãs esvazia o senso de identidade e comunidade dentro do fandom. A autora entende que não existe uma única forma de ser fã, o fandom deve ser entendido como um espectro de engajamento formado pelo conjunto do investimento emocional individual e do envolvimento participativo com a comunidade (BUSSE, 2006).

Para os fãs, a cultura funciona como um portfólio de investimento emocional, matéria-prima da qual criam mapas de significado (GROSSBERG, 1992). Não faz mais sentido enxergar o engajamento do fã como incapacidade de distinguir o que é real, a proximidade dos fãs com a mídia é normalizada quando a sociedade passa a incentivá-la, já que vivemos todos na mídia, e não apenas com ela (THE JANISSARY COLLECTIVE, 2014). As práticas de fãs de ler e manipular produtos midiáticos tornaram-se habilidades fundamentais para lidar com o ambiente midiático que nos cerca.

A cultura do fã se insere no que Shirky (2011) denomina cultura participativa. Como já vimos, os fãs produzem e compartilham conteúdo, se engajam com a mídia. Podemos relacionar esse comportamento ao que o autor considera excedente cognitivo, recurso usado pelas pessoas para produzir, compartilhar e consumir informações e produtos culturais.

O problema central do autor é pensar qual seria o tamanho desse excedente, considerando que ele é o coletivo do tempo livre dos cidadãos escolarizados (SHIRKY, 2011. p. 14), que deve ser tratado como um recurso global compartilhado,

um potencial que pode ser usado pela sociedade. Cada indivíduo poderia aplicar seus talentos em prol da coletividade, e os grupos, ao mesmo tempo, podem usá-los para trabalharem juntos. O excedente cognitivo seria matéria prima, e pela participação, cidadãos do mundo poderiam usá-lo de diversas formas.

Algo que torna a era atual notável é que podemos agora tratar o tempo livre como um bem social geral que pode ser aplicado a grandes projetos criados coletivamente, em vez de um conjunto de minutos individuais a serem aproveitados por uma pessoa de cada vez (SHIRKY, 2011, p. 15).

Shirky usa o termo cultura participativa para indicar as maneiras que o advento do computador e da internet transformaram a sociedade ao estabelecer um retorno ao potencial social inerente ao ser humano, que teria ficado adormecido durante o auge da televisão. Para o autor, a mídia do século XX priorizou o consumo de conteúdos, mas a mídia não se resume a consumo. Ela inclui consumo, produção e compartilhamento. “Sempre gostamos dessas três atividades, mas até há pouco tempo a mídia tradicional premiava apenas uma delas” (SHIRKY, 2011, p. 25).

Como resultado, “membros individuais da sociedade, antes felizes em passar a maior parte do seu tempo livre consumindo, começam voluntariamente a fazer e a compartilhar coisas” (SHIRKY, 2011, p. 18). Potencializa-se, então, o conteúdo gerado fora do circuito tradicional de produção, que engloba atos pessoais, mas também atos sociais, incluindo aí as práticas dos fãs.

Voltando o foco para o fã, Henry Jenkins (2009) define cultura da participação como espaço em que fãs e outros consumidores participam ativamente e se envolvem com a criação e circulação de novos conteúdos. No entanto, essa criação se resume a produtos de mídia. Shirky (2011) aponta casos em que a participação pode envolver esses amadores com projetos como campanhas de caridade, compartilhamento de informações e relatos acerca de um determinado serviço.

Shirky e Jenkins são otimistas e entusiastas em relação aos possíveis desdobramentos da participação, entretanto, autores como Andrew Keen (2007) são adeptos de uma versão apocalíptica. As tecnologias digitais fazem do usuário um integrante notável nos processos de produção e compartilhamento de conteúdo dentro da internet. Para Keen, isso representa uma ameaça aos “conteúdos sérios”, produzidos por profissionais qualificados.

Keen entende que o amador não está comprometido com a elaboração de

conteúdo “fiel ao fato”, e sim em apenas compartilhar as suas próprias opiniões baseadas em sua visão. Outros problemas que Keen aponta são o excesso de vozes e assuntos, que acabariam por resultar na escassez de usuários interessados em ouvir; e o estreitamento das fronteiras entre autor e público, que geraria uma possível crise de confiabilidade. O autor ignora, porém, que toda informação divulgada possui o viés narrativo e a visão de mundo de quem divulga, a multiplicidade de pontos de vista não é algo novo.

A cultura da participação tem, portanto, seus lados positivos e negativos. O excedente cognitivo de Shirky (2011) tem potencial transformador na sociedade, mas os receios de Keen apontam para alguns problemas reais: a questão da credibilidade da informação é algo a se levar em conta, mas isso não se restringe apenas às informações fornecidas por “amadores”, como acredita o autor. Porém não cabe nesse trabalho analisar questões relacionadas aos problemas da participação especificamente, já que nosso foco é na maneira como o fã se insere nessa lógica.

Caracterizar o que é fã é uma tarefa complexa no contexto atual. Muitas das atividades tradicionalmente vistas como exclusivamente do fã tem sido incentivadas e desejadas pela indústria do entretenimento e o público como um todo age de forma que tangencia essa definição.

Kristina Busse vê a necessidade de limitar as definições de fã e fandom, principalmente para que o campo da cultura do fã tenha como continuar existindo sem cair em generalizações:

Eu quero sugerir que façamos distinção entre fã e fandom, assim como reconhecer que existem diferentes trajetórias que se combinam em níveis de “fã”. Em outras palavras, o investimento emocional intenso num texto midiático que é completamente singular pode criar um fã, mas não faz do indivíduo parte de um fandom maior, enquanto uma pessoa agindo como fã pode não se definir assim. Pode ser útil, então, considerar os eixos sobrepostos mas não independentes de investimento e envolvimento como dois fatores que podem definir o engajamento do fã. Além disso, precisamos considerar modelos que diferenciam entre pessoas que são fãs de um texto específico, aquelas que se definem como fãs e aquelas que são membros de fandom.

É aqui que as diferenças de definição de identidade comunitária e individual aparecem. [...] Fazer a definição muito inclusiva deixa qualquer termo tão inútil quanto uma definição muito fechada: se todo espectador de televisão que visita um site pode ser considerado fã, como poderemos inteligentemente diferenciar daqueles para quem o fandom é um componente central de suas vidas diárias, afetando interações pessoais e suas identidades? Da mesma forma, se apenas definirmos fãs como aqueles que vão em convenções / eventos cuja rede social é inteira da

comunidade de fãs, excluimos o engajamento emocional e intelectual de um grande número de espectadores para quem determinado show pode ter tido um impacto imenso. (BUSSE, 2006, p. x, tradução minha)

A partir das considerações da autora, podemos entender fãs como pessoas que investem energia no foco de sua adoração, seja produzindo conteúdo por meio de discussões, fanarts, fanfics, etc; seja colecionando conhecimento, souvenirs; ou até se envolvendo em eventos que celebrem o fandom; e participantes de fandom seriam aqueles que colocam esforço em compartilhar suas criações e discussões com outros fãs e efetivamente buscam o contato com a comunidade.

Num contexto de cultura popular, pensamos em produtos criados na lógica do mercado e do espetáculo (SÁ; CARREIRO; FERRARAZ, 2015); produtos feitos para serem consumidos pela “massa” e muitas vezes considerados rasos quanto aos temas tratados por serem vistos apenas como entretenimento.

Oriundo de língua inglesa como abreviação do “popular”, a denominação “pop” assume uma característica bastante específica em sua língua de origem. Como abreviação de “popular”, a palavra circunscreve de maneira um tanto quanto clara, as expressões aos quais, de alguma forma, nomeia: são produtos populares, no sentido de orientados para o que podemos chamar vagamente de massa, “grande público”, e que são produzidos dentro de premissas das indústrias da cultura. (SOARES, 2015, p. 19)

Fábio de Castro, no texto *Temporalidade e quotidianidade do pop*, aponta para duas possíveis interpretações do fenômeno da cultura pop:

as fisiológicas, que o compreendem como empobrecimento e como resultado de um esgarçamento dos tecidos e padrões culturais; e as materialistas, que o colocam como consequência de um processo de complexificação da sociedade capitalista, seja descrevendo-o como apropriação de práticas, usos e costumes culturais por classes desprivilegiadas, seja compreendendo-o como estágio da cultura capitalista avançada. (CASTRO, 2015, p. 37)

No contexto brasileiro, o termo também é usado para se referir ao folclore; ambiguidade que no idioma original é resolvida pelo uso da palavra *folk* (SOARES, 2015). Há ainda a relação com o movimento artístico *pop art*, que surgiu no Reino Unido e nos Estados Unidos no final dos anos 1950 (SOARES, 2015, p. 19-20).

Neste trabalho, “cultura pop” é entendida no sentido de produtos oriundos da lógica de mercado, mas que estabelece formas de consumo onde se percebe um senso de comunidade e afetos compartilhados (SOARES, 2015), essenciais para a

cultura do fã.

Importante definir que, nas abordagens dos Estudos Culturais, considera-se os fruidores/consumidores da Cultura Pop não só como agentes produtores de cultura, mas também como intérpretes desta. Os sujeitos dentro do contexto da Cultura Pop interpretam, negociam, se apropriam de artefatos e textos culturais ressignificando suas experiências. (SOARES, 2015, p. 22)

É a partir dessa apropriação que vemos a aproximação da cultura popular e da cultura do fã. Fandoms não necessariamente nascem em torno de um produto com características pop, mas a maneira como a cultura popular é consumida atrai o comportamento associado aos fãs e, portanto, abre espaço para o surgimento de comunidades de fãs.

1.1 O fã e as coisas

As partes mais visíveis das práticas dos fãs são as que resultam em alguma produção, seja de histórias (fanfics), ilustrações (fanart) ou fantasias (cosplay). Mas essas não são as únicas formas de engajamento afetivo e cognitivo de um fã, engajamento esse que, muitas vezes, é imaterial e não cabe ser avaliado por uma métrica de produtividade.

De acordo com Matt Hills (2002), o enaltecimento da produtividade nos estudos de fãs implica uma valoração moral em que “apenas” consumir produtos midiáticos seria “negativo”, em oposição à produtividade material, vista como “positiva”. Os fandoms, de fato, existem em uma dupla relação com as indústrias culturais, nascendo em torno da vinculação afetiva dos fãs a seus produtos e negando a lógica dessa indústria ao produzir artefatos derivados desses produtos e compartilhá-los gratuitamente entre si (FISKE, 1992). Há também a relação contraditória com o objeto do fandom, ao qual o fã se sente atraído, mas que também lhe causa uma insatisfação ou falta (JENKINS, 2005). Na tentativa de preencher essa lacuna, eles podem, por exemplo, produzir sua própria versão da história ou buscar outros fãs com quem discutir interpretações e significados do texto original, numa produção colaborativa de conhecimento sobre o produto midiático, muitas vezes fugindo ou ultrapassando a intenção do(s) criador(es).

Essa relação dos fãs com o foco de seu interesse pode ser entendida dentro da lógica da cultura material, estudada por Daniel Miller. Em seu livro, *Stuff*, o autor define esse campo como o estudo de artefatos, “o mundo material criado pela humanidade” (MILLER, 2010, p.2, tradução minha). Assim, “estudar os fandoms de mídia é, essencialmente, estudar a relação entre pessoas e mídia: o que as pessoas fazem com a mídia, como elas a consomem e o papel que ela tem em sua vida” (THE JANISSARY COLLECTIVE, 2014, p. 86, tradução minha).

As tecnologias digitais, principalmente da Internet, potencializaram a capacidade do fã de se relacionar com a mídia e de produzir a partir dela. Considerando, como Miller, que “a Internet não é um de seus usos particulares, mas sim um termo usado que consolida formas de uso conectadas pelo acesso online” (MILLER, 2010, p.111, tradução minha) e que ela é “melhor entendida não como tecnologia, mas como uma plataforma que permite a criação de tecnologias e essas, por sua vez, são feitas com funções particulares em mente”, podemos imaginar a organização dos fandoms como grandes redes sociais que se articulam online.

Castells também vê a Internet como “um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da Internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são” (2010, p. 273) e nessa lógica, “as comunidades virtuais na Internet também são comunidades, ou seja, geram sociabilidade, relações e redes de relações humanas, porém não são iguais às comunidades físicas” (2010, p. 273). As diferenças entre comunidades *offline* e *online* seriam principalmente de organização e escopo, já que comunidades na Internet podem transbordar barreiras geográficas e temporais.

Em seu texto *Conceito de rede e as sociedades contemporâneas*, Ana Lucia Enne explora as várias abordagens do conceito de rede a fim de buscar uma forma de melhor aplicá-lo aos estudos atuais e, a partir do que ela apresenta, podemos entender rede:

[...] ou como sistema de integração entre pessoas, mediante práticas de interação, em um sentido mais social; ou como um sistema de troca de mercadorias e bens materiais, em um sentido mais econômico; ou como trocas de informações e bens simbólicos, em um sentido mais cultural. (ENNE, 2004, p. 271)

Nas práticas do fandom, identificamos tanto o conceito em seu sentido social quanto econômico e cultural, mesmo que a economia dentro dos fandoms seja

majoritariamente baseada numa lógica não-comercial. Os fãs que se dispõem a participar das discussões ou que criam algo estão atuando tanto no nível de interação entre pessoas quanto trocam informações e bens simbólicos. No nível econômico, estão os fãs que participam de eventos como amigo-oculto, em que se troca presentes ligados ao fandom (geralmente fanarts ou fanfics), por exemplo.

[...] as comunidades virtuais de fãs não são apenas espaços de troca, de engajamento e de participação em discussões que tratam de aspectos de produtos midiáticos específicos, mas também, e sobretudo, espaços de intensa produção e apropriação criativa por parte dos fãs. (AUXÍLIO; MARTINO; MARQUES, 2013)

A organização dos fãs em comunidades virtuais encaixa também nos impactos observados por Miller quanto a aparição de “um novo meio” (2010): a concretização dos desejos já presentes de compartilhar e discutir sobre o foco de adoração em maior escala e num tempo menor; a percepção de novas liberdades e novos controles – como era o caso dos *disclaimers* que precediam as fanfics numa tentativa de dissuadir ação legal contra os fãs; e os impactos da materialidade – a internet permitiu que os fandoms extravasassem os limites locais. Como diz Miller:

Exploramos as coisas novas que conseguimos fazer, experiências entendidas como novas liberdades, mas que também induzem a ansiedades de que algum controle sobre como essas liberdades e capacidades são empregadas seja mantido. (MILLER, 2010, p.116, tradução minha).

As atividades do fandom existem em constante diálogo com a indústria do entretenimento. Dentro da lógica do fã, o material criado pela comunidade deve ser compartilhado no que Henry Jenkins caracteriza como economia do dom, onde o “valor afetivo” é a moeda de troca e lucro não deve aparecer:

O conceito de economia do dom, ou da dádiva, tem sua origem na antropologia clássica, que remonta ao trabalho de 1922 de Marcel Mauss, *Ensaio sobre a dádiva* ([1922], 1990). [...] No entanto, o conceito da economia do dom tem sido adotado por teóricos digitais como uma maneira útil para explicar práticas contemporâneas, nas quais ‘a economia do dom’ funciona como uma analogia às trocas baseadas informal e socialmente que caracterizam alguns aspectos da ética digital. (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 97)

Por causa dessa diferença de valor, há conflito entre os produtores e o público quanto ao que é considerado “legítimo” quanto às formas de consumo.

Muitos fãs buscam circular conteúdo sem autorização – seja por falta de acesso, como os fãs que legendam e distribuem dramas asiáticos; seja por não ter o conteúdo específico disponível no formato e momento que o fã prefere – como forma de contribuir para a comunidade.

A circulação não autorizada de conteúdo frequentemente surge da frustração das audiências quando elas lidam com o estado de transição dos canais de distribuição alternativos, com a frustração ao tentar navegar por um sistema que parece prometer-lhes a mídias que elas querem, quando elas querem, mas que frequentemente desaponta. É essa situação que quisemos descrever quando sugerimos que a ‘pirataria’ é mais frequentemente um produto de fracassos de mercado por parte da indústria da mídia do que de fracassos morais por parte das audiências de mídia (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p.154)

Apesar desses conflitos e, às vezes, por causa deles, o fandom cria uma relação íntima com o ambiente e recursos à sua disposição, tanto online quanto offline, e faz uso deles para dar continuidade às suas práticas.

Adriana Amaral e Giovana Carlos, ao voltarem suas questões para a prática de *scanlation*, apontam para a importância de não ignorar essa relação com a materialidade:

“[A]s diferentes lógicas da cultura *pop* e do entretenimento nos convocam à construção de mapas de gosto e afeto que ganham novos significados e contornos políticos e afetivos. Práticas tratadas como ‘banais’ e ‘cotidianas’ oscilam em diferentes tempos, gerações e campos midiáticos em ritmos, normas, comportamentos, gramáticas ora mais, ou ora menos massivos ou de nicho, mas cuja ênfase nas mediações tecnológicas é central, desde suas variadas origens *offline*, e nos dão pistas para uma compreensão de um modo relacional entre o ser humano e seus objetos de afeto.” (AMARAL; CARLOS, 2016, p.52)

É nesse contexto que os fãs produzem. O engajamento e compartilhamento de informações no fandom gera interesse sobre o produto midiático e pode ser aproveitado pela indústria do entretenimento. Como explicam Jenkins, Green e Ford, engajamento tem sua base na participação do público, que reage ao conteúdo, discutindo e criticando e, muitas vezes, até criando algo novo, e compartilhando pelas diferentes modalidades de mídia.

1.2 A história da fanfic

Uma das formas de produção dos fandoms mais visível é a criação de histórias baseadas em outros produtos midiáticos, chamada de fanfiction ou fanfic ou, ainda, simplesmente fic. Apesar desse tipo de produção literária ser característico do comportamento do fã, não é novo.

Anne Jamison, em seu livro *Fic* (2017), explora alguns pontos importantes sobre fanfic e faz um apanhado histórico de comportamentos que, apesar de não terem sido chamados assim na época, se aproxima do que hoje entendemos como fanfiction:

Os fãs já realizavam interações ilícitas e não autorizadas com os personagens e histórias de outras pessoas pelo menos desde o século XIX. A sobrinha de Jane Austen escreveu certa vez uma carta endereçada a Georgiana Darcy [personagem coadjuvante de *Orgulho e Preconceito*]. Em 1893, [...] J. M. Barrie escreveu uma história com Sherlock Holmes e Dr. Watson. Holmes foi o foco especial da primeira fanfiction: quando um ator norte-americano chamado William Gillette escreveu uma peça de teatro sobre Holmes, ele entrou em contato com Arthur Conan Doyle pedindo permissão para casar Holmes. Doyle respondeu, solícito: 'Você pode casá-lo ou matá-lo, ou fazer o que quiser com ele'. (JAMISON, 2017, p. 12)

Um dos exemplos mais antigos que a autora dá em seu livro é o caso do romance medieval *O Cavaleiro da Carreta*, encomendado a Chrétien de Troyes em aproximadamente 1171. A história envolve Arthur, Lancelot e Guinevere, mas “[h]á alguma evidência que sugere que Chrétien acrescentou todo o enredo do adultério, que acabou se tornando um cânone” (JAMISON, 2017, p. 41). Como muitos autores de fanfic, Chrétien diminui seu próprio papel e trata com “muita deferência sua fonte e os poderosos” (JAMISON, 2017, p. 41).

Outro caso digno de nota é a questão da autoria dramaturgica da Renascença. Como explica Jamison, o dramaturgo ganhava (e ainda ganha) dinheiro com a encenação e, por isso, a peça era emendada de acordo com a reação do público (2017, p. 42). Esses casos exemplificam alguns dos comportamentos atribuídos aos fãs-autores: criar enredos a partir do que já existe (como é o caso de Chrétien) ou adaptar o caminho da história conforme feedback daqueles que acompanham a narrativa (ao exemplo dos dramaturgos renascentistas).

Mas não são apenas comportamentos semelhantes que podemos encontrar

ao investigar as práticas de escrita do passado. Em 1614, um escritor sob o pseudônimo de Alonso Fernández de Avellaneda escreveu e publicou uma continuação para *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, que pode ter contribuído para a decisão de Cervantes de escrever sua própria continuação. Lady Bradshaigh reescreveu o romance *Clarissa*, de Samuel Richardson, de quem era fã e com quem se correspondia por cartas a respeito de alguns personagens da narrativa. Insatisfeita com o final, ela criou sua própria versão, como muitos fãs fazem até hoje (JAMISON, 2017, p. 42-45).

Natasha Simonova aponta para um outro exemplo, dessa vez do século XVII que apresenta indícios de comportamentos de fã e produção de fanfiction na história de *Arcádia*, de Sir Philip Sidney:

Proponho um momento alternativo de origem [da fanfic] na virada do século XVII, após a morte de Sir Philip Sidney e a subsequente publicação de seu trabalho. Contudo, ambos antecipam a prática atual e constituem um importante momento na história da fanfiction [...]. Como na fanfiction contemporânea, os suplementos e continuações de *Arcadia* adotam os personagens e o cenário do original de Sidney para preencher furos aparentes, impulsionar a história em direção a um final feliz, e reformular em novo molde. Mais que isso, os materiais paratextuais que envolvem esses textos (incluindo prefácios, dedicatórias e poemas comendadores) fornecem evidência para as maneiras com que escritores e leitores da época abordavam o tema de continuar o trabalho de outrem. (SIMONOVA, 2012, sp., tradução minha)

Apesar das semelhanças, essas práticas não são exemplos exatos do que entendemos por fanfic hoje. As diferenças podem ser entendidas a partir da mudança do nosso entendimento sobre alguns aspectos centrais:

[N]ossa compreensão das relações centrais – as que existem de forma variada entre escritores, textos, leitores, editores, objeto publicado e fonte – muda com o tempo. O que não muda, ou melhor, o que nunca desaparece, é o hábito comum de escrever a partir de fontes. Escritores sempre entraram e intervieram em histórias familiares e estilos, e colaboraram na autoria através de discussões ou outras formas de influência. (JAMISON, 2017, p. 48)

Na década de 1960, a publicação de *Wide Sargasso Sea*, de Jean Rhys, reimaginando a história de Bertha Mason, primeira esposa do Sr. Rochester, personagem do romance *Jane Eyre*; e a primeira apresentação da peça *Rosencrantz and Guildenstern Are Dead*, de Tom Stoppard, que foca na vida de dois coadjuvantes de *Hamlet*, de Shakespeare são exemplos mais recentes (JAMISON,

2017, p. 11).

Também foi nessa década que estreou *Jornada nas estrelas*, que apesar de ter tido apenas três temporadas, é considerada a primeira série a conquistar uma comunidade de fãs e foi essa comunidade que deu início ao processo de popularização do fandom:

Jornada nas estrelas [...] foi uma das primeiras séries a atrair algo mais do que uma audiência; uma comunidade de fãs. (...) No final, o fandom de *Jornada nas estrelas* se tornou tão intenso que o tecido canônico da série não era mais suficiente. Os fãs precisavam de mais do que os criadores da série podiam entregar.
[...] Começaram publicando e circulando zines mimeografados sobre *Jornadas nas estrelas*, com nomes como *Spocknalia* e *T-Negative*, contendo – junto com artigos, ensaios, editoriais e fan art – fanfiction: histórias originais e não autorizadas sobre os personagens da série, situadas no universo da série. (JAMISON, 2017, p. 11)

Podemos considerar que a nossa relação com essa forma de escrita – coletiva, compartilhada – mudou com o tempo também por causa do avanço das teorias de direito autoral. Nosso entendimento de quem é o autor e sobre a importância da originalidade das histórias foi se transformando com o passar do tempo. A fanfiction se torna comportamento de nicho quando o mercado tradicional precisa proteger sua fonte de renda.

1.3 A prática da fanfic

Como vimos, escrever com base no que foi feito antes, como resposta ou para ‘corrigir’ algo do material base não é algo novo e tem sido uma prática comum durante séculos. Precisamos entender que tipos de trabalhos, de maneira geral, agregam atenção suficiente para serem interessantes para os fãs criarem fanfics, tendo em mente que padrões que emergem não significa que sempre ocorre dessa maneira, como Grossberg fez questão de pontuar:

A maneira como o texto é produzido, ou as motivações por trás dele, não garantem qual será o seu lugar no contexto cultural mais amplo nem como ele será recebido pelas diferentes audiências. Então, talvez, a resposta para a nossa questão seja a mais óbvia: o que faz de algo popular é sua popularidade; é, em outras palavras, uma questão de gosto. (GROSSBERG, 1992, 51, tradução minha)

Simonova, ao analisar as relações dos leitores com *Arcadia*, de Sidney, identifica algumas das características que um texto poderia ter para atrair uma comunidade de fãs:

São trabalhos longos, que se espalham, com vasto alcance geográfico e grande elenco de personagens, todos os quais tinham potencial para se apaixonar e desiludir, sair em aventuras, se enfeitiçarem, e ter filhos que poderiam crescer e seguir aventuras próprias. [...] Tais textos abertos eram particularmente acolhedores para as invenções e continuações dos leitores. (SIMONOVA, 2012, sp., tradução minha)

A autora está se referindo a textos dos séculos XVI e XVII, mas identifica neles características que os aproximam das narrativas de ficção (principalmente de fantasia e ficção científica) contemporâneas. Nessa linha, Umberto Eco (2012, p. 9) explica que:

[N]arrativa de ficção é necessária e fatalmente rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor que preencha toda uma série de lacunas. Afinal (...), todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho.

Atualmente, prática da fanfic também é intrinsecamente ligada a sua organização na internet. Castells (2010, p. 277), ao falar sobre sociabilidade na rede, vê na internet uma “estrutura organizativa e [um] instrumento de comunicação que permite a flexibilidade e a temporalidade da mobilização” e também aponta que apesar dessa flexibilidade, a internet retém “um caráter de coordenação e uma capacidade de enfoque dessa mobilização.”. As comunidades de fãs prontamente a usam para criar e distribuir não só fanfics, como todo tipo de conteúdo, se aproveitando dessas características para se organizar em torno de seus gostos.

A autora Rebecca Black (2006, p.172) define fanfiction como “escrita na qual fãs usam narrativas midiáticas e ícones da cultura pop como inspiração para criar seus próprios textos”. Apesar de enfatizar o quesito da *inspiração*, ela continua sua descrição para que não haja dúvidas sobre a que textos está se referindo:

Em tais textos, os fãs-autores imaginativamente expandem o enredo ou a *timeline* (como nos casos de histórias sobre o nascimento e infância de Darth Vader), criam novos personagens (como introduzir um vilão, filho de uma paixão entre Capitão Kirk e uma líder alienígena de um planeta de um planeta inventado) e/ou desenvolvem novos relacionamentos entre personagens que já estão presentes na fonte original (como histórias sobre

o surgimento de uma relação romântica entre Harry Potter e Hermione Granger). Fanfiction impressa existe em vários formatos há muitos anos (...), porém novas tecnologias agora oferecem aos fãs a oportunidade de 'se encontrarem' em espaços online onde podem escrever colaborativamente, trocar, criticar e discutir as ficções um do outro. (BLACK, 2006, p. 172, tradução minha)

E mais uma vez, temos as tecnologias digitais como divisoras entre um “passado” da fanfic e a contemporaneidade. Na década de 1960, com o fandom de *Jornada nas estrelas*, as fanfics eram distribuídas em fanzines (revistas feitas por fãs, para fãs) e os encontros se davam em convenções (PENLEY, 1991); atualmente, a distribuição ocorre, majoritariamente, em sites como FanFiction.Net, Archive Of Our Own, Wattpad, Nyah! Fanfiction, entre outros. As tecnologias digitais também permitem que discussão, comentários e outras conversas aconteçam em torno das fanfics sem a necessidade de um encontro em espaço físico, apesar de ainda existirem convenções locais que atraem os fãs (eventos como Anime Friends, Jedicon, Comic Con Experience, que acontecem anualmente no Rio de Janeiro e em São Paulo são alguns exemplos).

Anne Jamison vê a fanfic como algo que vai além de uma homenagem ao conteúdo de origem. Para ela, a fanfiction “trata de distorcer, ajustar e minar a fonte material da fanfiction e, neste processo, acrescenta camadas e dimensões de significado que o original nunca teve” (2017, p. 12). A autora também aponta para o foco numa comunidade preexistente de leitores como uma das diferenças das práticas de escrita anteriores.

Outro possível impacto do digital é o espalhamento das fanfics e da atividade do fandom por vários sites e redes sociais, um autor que publica uma história no FanFiction.Net pode ler outras histórias disponíveis no Tumblr e discutir com seus leitores no Facebook. Como explica Jamison:

A maioria dos fãs-leitores lê por todas as partes de seus fandoms; alguns leem em variados grupos de gostos parecidos por gênero (dor/alívio, slash, gen, fluff, BDSM, PWP, movidos por enredo, etc.), mas eles leem *por todas as partes*, geralmente seguindo muitas histórias que se desdobram simultaneamente. Essas histórias são lidas de forma comparativa, uma cita a outra, pegam e levam coisas emprestadas. As linhas de enredo se cruzam, se tornam confusas, criam padrões – se não nas histórias individuais, então geralmente na cabeça dos leitores. A fic experimentada desta forma se parece mais a uma rede (algo bem apropriado) do que a uma série. (JAMISON, 2017, p. 27)

A ideia de fanfic enquanto rede, de histórias que se cruzam, é bem representativa da maneira que ela se organiza. São redes de fãs que escrevem e

leem histórias que, em sua maioria, estão espalhadas pela internet, cada uma dialogando com seu próprio universo de referências e abrindo espaços para outras discussões e histórias.

O conceito de fanfic gira em torno da noção de que são fãs escrevendo baseado em outros produtos midiáticos, mas os detalhes do que é considerado fanfic varia de fã para fã.

Luna, uma das fã-autoras entrevistadas para essa pesquisa, escreveu uma fanfic intitulada *Maré Imprevisível*. A autora afirma que a história é baseada na história *A Pequena Sereia*, mas uma leitura superficial pode não encontrar similaridades nem com o conto de fadas, nem com o filme da Disney. Luna não utiliza os personagens do filme da Disney, a história não se passa no fundo do oceano, mas numa ilha brasileira.

Por que, então, caracterizar tal história como fanfic? *Maré Imprevisível* não se utiliza dos nomes dos personagens, mas suas personalidades continuam as mesmas do filme da Disney; a história segue o mesmo enredo, inclusive acrescentando detalhes da história de Ariel que são apenas revelados no terceiro filme, como o que aconteceu com a mãe da personagem. Ao terminar a leitura, percebemos que, essencialmente, apenas o cenário foi alterado.

Podemos então, definir fanfic como uma história escrita por fãs que faz uso de, pelo menos, um elemento reconhecível de algum produto midiático, seja esse elemento o enredo, os personagens ou o cenário.

Outros dois pontos importantes da prática da fanfiction é a relação com o lucro e a comunidade enquanto espaço de desenvolvimento para novos escritores. Os fãs, em sua maioria, não escrevem com o objetivo de vender suas fics, muito pelo contrário, costumam ver tal prática com maus olhos. Jenkins (2014) verificou que a circulação de conteúdo no fandom se inscreve numa economia do dom, em oposição à economia de mercado capitalista. Nas palavras do autor, “é importante perceber que o público e os produtores frequentemente seguem lógicas diferentes e operam dentro de economias diferentes (se por ‘economias’ quisermos dizer sistemas diferentes de avaliação e alocação de valor)” (JENKINS, 2014, p. 95). Há exceções, como o caso de *Cinquenta Tons de Cinza*, escrito primeiramente como fanfiction de *Crepúsculo* e depois adaptado para ser vendido no mercado tradicional, mas em sua maioria, os fãs não estão interessados em lucrar em cima de suas fics.

Sobre o desenvolvimento de escritores, Anne Jamison explica:

as comunidades de fanfiction oferecem uma rede de apoio para escritores iniciantes de uma forma que nenhum empreendimento comercial poderia. Hoje, centenas de milhares de novos escritores – jovens, crianças – crescem escrevendo não no isolamento, mas com uma comunidade pronta de leitores e comentaristas que já adoram os personagens e o mundo sobre os quais escrevem. (JAMISON, 2017, p. 34)

Já para aqueles que começam a sua jornada para se tornarem escritores, as comunidades de fanfic são um ponto de partida que já proporcionam leitores, possibilidade de *feedback* e um lugar onde se pode treinar sem a pressão do mercado tradicional. Muitos dos fãs que responderam ao questionário¹ disseram que esse foi um dos motivos para se aventurar no universo das fanfictions.

1.4 A fanfic no Brasil

A grande maioria dos textos acadêmicos indicam o início do fenômeno das fanfics no Brasil com o lançamento da franquia Harry Potter em 2000. Maria Lúcia Vargas (2005) aponta para o aumento nos sites dedicados a fanfictions nessa época:

Os websites brasileiros dedicados à coleta e à publicação de fanfictions passaram a ser mais numerosos a partir de 2000, precisamente o ano em que o primeiro livro da série Harry Potter, intitulado Harry Potter e a pedra filosofal, foi lançado no país. (VARGAS, 2005, p. 19)

Apesar de Harry Potter ser um marco na história do fandom, não só no Brasil, mas no mundo; é difícil aceitar que não haja indícios da prática das fanfics antes disso. Fazendo uma busca preliminar no site Fanfiction.net, a fanfic em português mais antiga disponível no site data de maio de 2001 e é baseada no anime Sailor Moon².

Porém, tentativas de encontrar relatos mais antigos especificamente no Brasil se mostram difíceis. Isso pode ser indicativo de que a internet banda larga só começou a se popular por aqui em 1994 e, portanto, a cultura de publicação de

¹Questionário anônimo realizado entre 9/11 e 20/11/2016 para a pesquisa de mestrado em andamento.

² Disponível no link: <https://www.fanfiction.net/s/275241/1/Um-S%C3%B3-Sonho-Uma-S%C3%B3-Pessoa>. Acessado em 12/10/2017.

fanfic online no Brasil tenha demorado a ganhar força.

A internet cresceu e logo, em 1994, começou a sair do âmbito acadêmico e tornar-se também comercial. No Brasil, em 1995, o Ministério de Ciência e Tecnologia e o Ministério das Comunicações criam o Comitê Gestor da Internet (CGI), formado por representantes da academia, das empresas envolvidas nas conexões, provedores e usuários (OLIVEIRA, 2011, p. 22).

A fã Monique conta em entrevista que escrevia fanfic na década de 90, mas na época, não compartilhava com ninguém. Ainda hoje, diz ela, mantém sua persona de fanfics separada de sua vida pessoal. Ela também indica que lia e escrevia fanfic em fóruns relacionados aos produtos midiáticos de seu interesse, mas tais fóruns não existem mais e não é possível acessá-los.

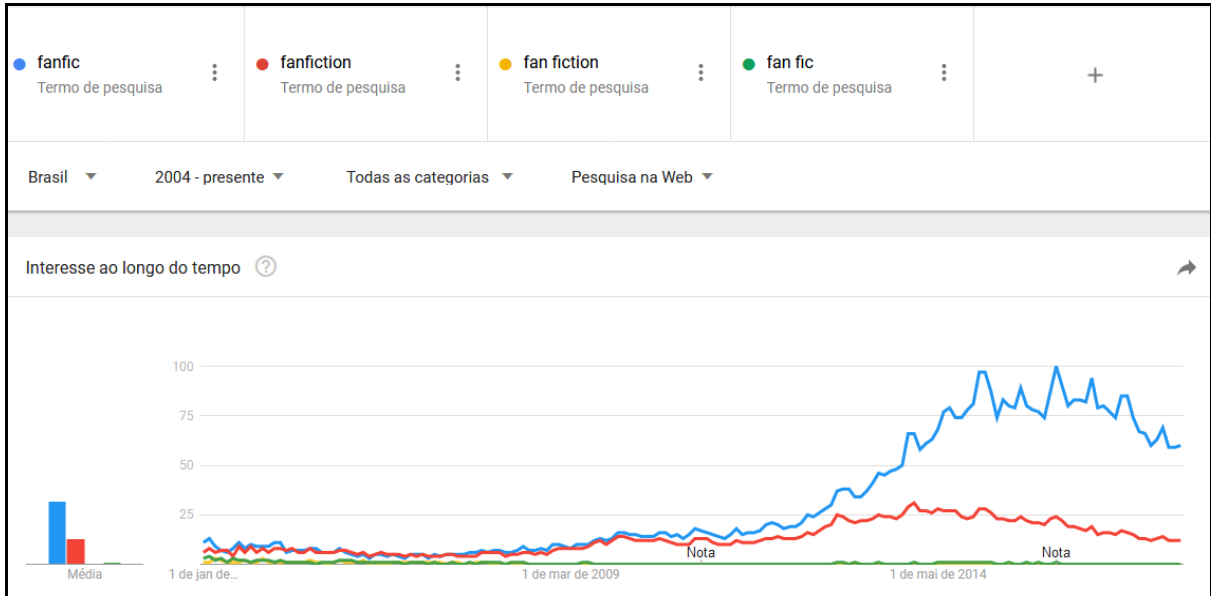
Apesar dos desafios, foi possível localizar o site Shipper X³, criado em agosto de 1999 por uma fã de Brasília, que disponibiliza fanfics de Arquivo X, além de informações sobre a série. O site parece inativo desde 2002, mas já em 2000 contava com mais de 400 histórias em seu acervo. As fanfics não estão disponíveis para leitura online, é preciso baixar os arquivos a partir de links diretos no site. Antonio Magnoni e Giovani Miranda (2013, p. 109), porém, apontam que “[n]o Brasil, uma das primeiras publicações foi feita no site Exodus FanFictions, de 1997”, infelizmente o site foi desativado em 2011.

Como mais uma forma de contextualizar a fanfic no Brasil, fez-se uma busca pelo uso dos termos relacionados em pesquisas online com o auxílio do Google Trends, um dos recursos oferecidos pelo Google, sendo que o serviço não guarda registros antes de 2004.

Apesar da limitação, pode-se observar no Gráfico 1 que o termo *fanfic* é o mais usado pelo brasileiro, *fanfiction* ficando em segundo lugar e os outros dois termos buscados com representatividade quase nula. Outro fato notável é que a popularidade do termo *fanfic* cresce bastante a partir de 2012, sugerindo uma maior demanda por essas histórias pelos fãs nacionais. Os picos representados nos gráficos coincidem com as férias escolares, tanto de inverno (junho e julho) quanto de verão (dezembro e janeiro).

Gráfico 1 – Popularidade de termos de busca relacionados à fanfic no Brasil

³ Disponível em: <http://www.shipperx.com>. Acessado em 12/10/2017.



Fonte: Gráfico gerado pelo Google Trends

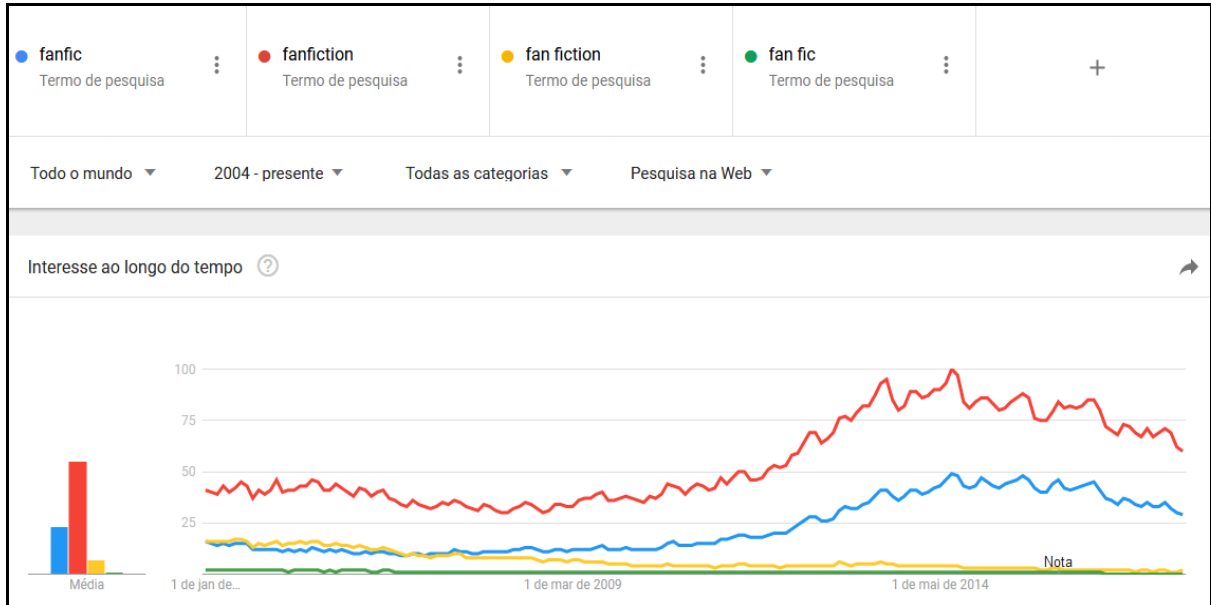
As buscas pelos termos *fanfic* e *fanfiction* são mais populares na Região Norte, principalmente no Amazonas, enquanto os termos *fan fic* e *fan fiction* só são usados na região sudeste, principalmente em São Paulo⁴.

Em comparação, o termo mais popular se considerarmos o mundo inteiro é *fanfiction* (Gráfico 2), bastante usado nos EUA e na Europa. O Brasil segue a tendência da América Latina como um todo em sua preferência pelo termo *fanfic*⁵.

Gráfico 2 – Popularidade de termos de busca relacionados à fanfic no mundo

⁴Dados gerados através do Google Trends e disponíveis no link: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=fanfic,fanfiction,fan%20fiction,fan%20fic>. Acessado em 21/10/2017.

⁵Dados gerados através do Google Trends e disponíveis no link: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&q=fanfic,fanfiction,fan%20fiction,fan%20fic>. Acessado em 21/10/2017.



Fonte: Gráfico gerado pelo Google Trends

Apesar das diferenças em termos de busca, há similaridades entre os fãs brasileiros e os fãs internacionais. Monique também contou sobre a fanfic *Ledo Engano*, conhecida no fandom brasileiro de Harry Potter como a pior fanfic já escrita. A história foi escrita na época em que o Orkut era a rede social mais usada no Brasil, foi impossível recuperar a data exata ou de quem é a autoria original, considerando que a fanfic só está disponível atualmente devido a fãs que a republicaram com comentários adicionados⁶.

Eu lembro que essa fanfic popularizou o *spork* aqui no Brasil. Basicamente, esse é um termo para quando uma fanfic é ridicularizada, analisada por outras pessoas com comentários e tudo mais. (Monique, em entrevista)

O impacto de *Ledo Engano* no fandom foi tão significativo que um fórum foi criado e nomeado em homenagem à história. Apesar de o site não existir mais, a página no facebook ainda pode ser acessada⁷. A fanfic virou piada interna do fandom:

Eu lembro que uma amiga chegou a ir na Pottercon de 2004 com o cosplay de "Hermione de gorro e havaianas". Em 2005, eu ajudei a organizar um evento chamado Harry Potter FanFic Fest em SP, uma das atrações era uma leitura dramática de *Ledo Engano*. Digamos que era uma piada

⁶É possível ler a fanfic nos links: <https://spiritfanfics.com/jornais/a-pior-fanfic-de-harry-potter-223743> e <https://www.wattpad.com/412905206-fanfics-da-depress%C3%A3o-2-ledo-engano-part-one>.

⁷ Página *Ledo Engano*: <https://www.facebook.com/LedoEngano/>.

recorrente.

Ledo Engano faz paralelo com *My Immortal*, outra fanfic de Harry Potter tida como a pior já escrita, porém no fandom internacional. A fama de *My Immortal* é tão conhecida que ela ganhou uma página no site *Know Your Meme*⁸ e virou notícia no *The Guardian*⁹ recentemente.

Há, porém, duas peculiaridades dos fãs nacionais que valem a pena ser comentadas: as fanfics sobre política e as fanfics “interativas”.

Como exemplo de fanfics políticas temos uma releitura de *Os 13 Porquês*, série da Netflix que estreou esse ano e gerou tanto sucesso quanto controvérsias. Essa fanfic, porém, centraliza a ex-presidente Dilma Rouseff e conta o seu *impeachment* e está disponível para leitura no Spirit Fanfics¹⁰. Outro exemplo é *Corrupta-me com seu Desejo*, um romance entre Doria e Temer, escrito originalmente no Twitter e depois publicado no Spirit Fanfics¹¹.

Fanfics “interativas” foram assim denominadas pela fã Pâmela em entrevistas. Consiste em histórias publicadas principalmente no site *Fanfic Obsession* em que antes do texto ser disponibilizado, uma janela pop-up abre pedindo que o leitor determine o nome dos personagens principais – indicados pelo autor. Como Pâmela explica:

Fics interativas são aquelas em que os personagens principais não são fixos, ao abrir a fic aparece uma caixa de perguntas e você pode colocar seu nome e o do crush, ou de outros a seu gosto, assim podendo ler a fic como se a história fosse sua, o que torna a história ainda mais emocionante e realista, porém algumas já vem com algumas características pré-definidas, como no caso das asiáticas que escrevo, geralmente o protagonista sempre é coreano, já a protagonista é brasileira.

O que caracteriza essas histórias enquanto fanfic (e não histórias originais), é o fato de serem ambientadas em universos de outras fanfics, mesmo que os personagens sejam originais.

Apesar de o fandom considerar essas fics como “interativas”, o leitor não tem

⁸ Disponível em <http://knowyourmeme.com/memes/my-immortal-the-worst-fanfiction-ever>.

⁹ Disponível em https://www.theguardian.com/books/2017/sep/12/my-immortal-why-the-famously-awful-harry-potter-fanfiction-isnt-bad-at-all?CMP=fb_a-culture_b-gdnculture.

¹⁰ Link: <https://spiritfanfics.com/historia/13-reasons-why--dilma-rousseff-9040330>.

¹¹ Link no twitter: <https://twitter.com/oremuslupin/status/921073347240198144>. Link no Spirit Fanfics: <https://spiritfanfics.com/historia/corrupta-me-com-seu-desejo-10691141/capitulo1>.

maior controle sobre a história do que teria lendo qualquer outro tipo de fanfic, o único momento em que é permitido fazer escolhas é em relação aos nomes dos personagens, o resto é definido pelo autor e publicado de forma fixa.

Fanfics com essa mesma denominação também existem no fandom internacional, mas costumam abranger desde histórias em que são dadas opções para o leitor escolher o caminho a seguir a histórias de interpretação de personagem, o que as aproxima a um jogo.

2 CRIATIVIDADE E INTERTEXTUALIDADE

Para realizar o estudo, partimos de uma definição mais ampla de texto entendida como uma trama finita, com espaço para a interpretação do consumidor e influenciada pela textura do suporte, de acordo com o conceito de Donald Mckenzie:

Eu defino 'textos' para incluir informação verbal, visual, oral e numérica, na forma de mapas, imagens, e música, de arquivos de som, filmes, vídeos e qualquer informação armazenada em computador, tudo desde a epigrafia às formas mais recentes de discografia. Não tem como escapar do desafio que essas novas formas criaram.

Nós podemos encontrar nas origens da palavra 'texto' base para estender o seu significado de manuscritos e impressos para outras formas. Ela deriva do latim *textere*, 'tecer', e portanto se refere, não a um específico material como tal, mas ao seu estado de tecido, a rede ou tessitura dos materiais. (2004, p. 13; tradução minha)

Em complementação a esse conceito, também é levado em consideração o argumento de Umberto Eco que incorpora na definição de textos o espaço para a interpretação do leitor, “um tecido cheio de buracos, repleto de não-ditos, e, todavia, esses não-ditos são de tal modo não-ditos que ao leitor é dada a possibilidade de colaborar, para preencher e dizer esses não-ditos” (ECO, 1984, p. 96).

Já Roy Kaveney (2005), ao conceituar texto denso, inclui no conceito a existência de um processo de criação artístico, que leva em consideração a história do meio, da linguagem e dos artistas que precedem e sucedem o texto propriamente dito. Não só isso, mas são também inacabados, passíveis de mudança quando são revisitados por outros artistas ou pelo artista original tempos depois. Nas palavras da autora:

O que então, é um texto denso? A precondição para ler ou reconhecer um texto denso é aceitarmos que todos os textos não são apenas um produto de processo criativo, mas contem todos os estágios desse processo dentro deles como cicatrizes ou órgãos vestigiais. [...] Temos que aprender novamente que todos os trabalhos artísticos são, até certo ponto, provisórios – no sentido de que são abandonados em vez de completados, e que estão sempre num estágio particular num processo nocional que pode ser retomado duas décadas depois. Temos que aprender que toda arte é contingente. [...] Temos que aprender que qualquer versão específica de um trabalho artístico é passível de ser um palimpsesto através de cuja superfície pode-se vislumbrar versões anteriores. [...] Temos que aprender que toda arte é, de uma forma ou de outra, coletiva – seja devido a natureza específica (cinema, dança, ópera, teatro) que envolve colaboração, seja porque se espelha, se inspira ou discute com trabalhos anteriores. Temos

que aprender que a maioria dos trabalhos artísticos são compromissos – compromissos com visões imperfeitas, com técnicas imperfeitas, com as demandas de patronos, estúdios, da Igreja ou do Estado. Para ler um filme, um romance ou um grande coral na luz dessas sabedorias é vê-lo como texto denso. (KAVENEY, 2005, p. 5-6, tradução minha)

A noção de texto denso nos ajuda a compreender como as práticas de diversos artistas se influenciam, numa perspectiva que leva em consideração as interações com o outro.

Um conceito importante para esse estudo é a criatividade. Através da história humana, esse conceito vem sendo estudado e suas definições são várias; algumas concepções filosóficas para esse conceito, assim como apresentadas na Enciclopédia INTERCOM de Comunicação são: criatividade como origem divina – a criação do artista enquanto inspirado por um “poder superior”, fruto da intuição; criatividade como loucura – resultado da espontaneidade e aparente irracionalidade do artista; criatividade como gênio – que restringe a criatividade àqueles possuidores do dom ou gênio criativo; criatividade como força vital – em que é “manifestação da força criadora inerente à vida” e presente em todas as formas de vida; criatividade como força cósmica – que seria universal (SANTOS, 2010, p. 342-343). Para Janaina Panizza:

é considerado criativo aquilo que gera novas relações entre informações, objetos, situações etc. que, supostamente, não possuíam ligação; é observar o “problema” sob um ponto de vista inteiramente novo e, quiçá, propor uma solução, se não inovadora, ao menos curiosa e inusitada. (2004, p. 163)

Tal relação da criatividade com resolução de problema em Panizza tem paralelos nas práticas do fandom, incluindo as fanfictions. Muitos fãs escolhem escrever suas histórias para “resolver” algo que a mídia original deixou em aberto ou concluiu de maneira insatisfatória, como é o caso de Lucas, que reagiu ao livro *A Criança Amaldiçoada*, continuação da série Harry Potter, escrevendo sua própria história:

Eu sempre gostei de ler, mas fanfic mesmo foi quando entrei num grupo de HP porque sou fã e vi q muitas pessoas escreviam histórias baseadas nos livros. Foi aí que lançou o último livro agora, *A criança Amaldiçoada*, eu li e não gostei, então resolvi escrever uma como eu gostaria mais ou menos que fosse a nova história, e foi a pouco tempo q fiz. (Lucas, em entrevista)

Steven Johnson possui um conceito de criatividade que pode conversar com

a noção de texto denso de Kaveney. Em seu livro *Where Good Ideas Come From* (2010), o autor se utiliza de exemplos tanto da biologia quanto de invenções tecnológicas para explicar como entender a criatividade como algo contextual pode ajudar a estudá-la:

“Alguns ambientes esmagam novas ideias; alguns parecem criá-las com facilidade. A cidade e a Web tem sido motores da inovação porque, por razões históricas complicadas, ambos ambientes são poderosamente adequados para a criação, difusão e adoção de novas ideias. Nenhum ambiente é perfeito, de forma alguma. (...) Mas tanto a cidade quanto a web possuem um recorde de gerar inovação. [...] Se queremos entender de onde vem as boas ideias, temos que colocá-las em contexto.” (JOHNSON, 2010, p. 16-17, tradução minha)

O autor divide esse contexto das novas ideias em sete padrões, que equivalem a um aspecto: adjacente possível, possibilidades presentes no ambiente – seja ele tecnológico, social ou biológico; redes líquidas, a configuração do contexto, que devem ser de grande magnitude (com muitas conexões possíveis) e plásticas (capazes de tomar nova forma); intuição lenta, que se refere ao progresso natural de uma ideia, surgindo de uma intuição que pode, ou não, vir a florescer; acaso (*serendipity*, no original), os “acidentes felizes” ou encontros que ocorrem nas redes e que podem resultar em sementes de ideias; erro, se refere às falhas que abrem caminho para ideias diferentes, às vezes não-relacionadas com o objetivo original; exaptação, conceito da biologia que explica como algumas características evoluíram para ter sua função atual através de incentivos a funções diferentes; e plataformas, as bases para que todos os outros padrões possam existir.

Entender criatividade como contextual também se alinha com a cognição atuada de Varela (1993), colocando em evidência a importância da interação com o ambiente para o surgimento de novas ideias e do aprendizado.

Para Fátima Regis (2008, p.4), a criatividade é uma das categorias de análise das habilidades cognitivas estimuladas pelos produtos de entretenimento na cultura digital. Estaria relacionada à criação e participação nas atividades colaborativas na rede”. Para ela, a criatividade pode ser investigada observando-se:

o estímulo à intervenção nos produtos, por parte dos usuários, seja pela construção de obras inéditas ou pela criação por meio de mixagens, fanfictions, paródias, mashup e spoofs. Essa categoria envolve a construção social de conhecimento por meio dos recursos de blogs, redes P2P e redes de relacionamento. (REGIS, 2008, p. 4)

Flusser, em seu ensaio *Exílio e Criatividade* (sd, sp), vê a criatividade como diálogo com o outro, independente da forma que esse outro assume – pode ser o ambiente, a tecnologia, a cultura ou outras pessoas. Para o autor, a ideia de alteridade, um outro, é a base para entender o conceito de *criatividade*. Flusser deixa essa noção bem clara essa noção quando iguala a sobrevivência do exilado com a sua capacidade de ser *criativo*:

[C]riar é sinônimo de processar dados. O que quis dizer é que a criação de informações novas depende da síntese de informações anteriores. Essa síntese consiste na troca de informações e seu armazenamento em memórias individuais ou coletivas. Podemos falar da criação como um processo dialógico. (FLUSSER, sd., sp.)

Indo além, a perspectiva criativa do diálogo é, para o autor, o que define a experiência humana. E essa troca não acontece apenas entre humanos, não-humanos (objetos técnicos, ambiente, animais) também são capazes de diálogo criativo. Para Flusser, “[c]riatividade significa produção do novo e diferenciação.” (FELINTO, SANTAELA, 2012, p.22)

O conceito de criatividade também aparece no texto do autor *A Filosofia da Caixa Preta*, em que ele discute sobre fotografia e considera o diálogo entre o aparelho e o fotógrafo um jogo.

Aparelho é brinquedo e não instrumento no sentido tradicional. E o homem que o manipula não é trabalhador, mas jogador: não mais *homo faber*, mas *homo ludens*. E tal homem não brinca com seu brinquedo, mas contra ele. Procura esgotar-lhe o programa. Por assim dizer: penetra o aparelho a fim de descobrir-lhe as manhas. [...] Trata-se de função nova, na qual o homem não é constante nem variável, mas está indelevelmente amalgamado ao aparelho. Em toda função aparelhística, funcionário e aparelho se confundem. (FLUSSER, 1985, p. 15)

Considerando a *programação* – conjunto de regras previamente inscritos – do aparelho, ela vai influenciar de que maneiras o funcionário pode jogar. O aparelho engloba as potencialidades contidas no programa e condiciona a criatividade do funcionário. A criatividade, então, pode ser entendida como um diálogo entre um sujeito e seu outro (podendo ser esse outro uma pessoa, um animal, objeto ou situação).

Quando se fala em fã, como já discutimos, a ideia que costuma vir primeiro é a de uma pessoa que possui um vínculo emocional e intelectual com um produto

mediático, podendo ser considerado um leitor “excessivo”, que se destaca do “normal” na importância que o produto adquire em sua vida (FISKE, 1992), mas seguindo o pensamento de Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford em *Cultura da Conexão*, o fã é visto então como participante ativo e agente criador de valor a partir do seu engajamento.

A criatividade pode ser encontrada nessa participação, tanto na criação de algum produto quanto nas discussões e críticas sobre o material midiático. Também podemos considerar que há criatividade nas maneiras como os fãs circulam conteúdo “ilegal”, seja para suprir a falta de acesso em sua área, seja por conflito de interesse com os detentores dos direitos autorais. Os autores, inclusive, sugerem que a “pirataria” é mais frequentemente uma falha por parte da indústria do que falha moral dos fãs (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p.154). Essa efervescência de produção por parte dos fãs foi potencializada também pelo advento das tecnologias digitais, que baratearam os custos e facilitaram o acesso aos meios de produção e distribuição de conteúdo.

Nesse panorama, os fãs conseguem dialogar entre si com mais facilidade e portanto, a criatividade como definida por Flusser pode florescer. Eles criam informações novas – teorias, histórias, cenas – a partir das informações que já existem no contexto em que se veem inseridos.

É possível perceber como o conceito de criatividade é central na cultura do fã, que abrange desde o artista profissional ao amador com acesso à internet. Tudo o que o fã produz pode ser considerado criativo, se nos guiarmos pelo conceito de Flusser, já que participar do fandom implica diálogo constante com outros fãs, com a tecnologia usada para mediar esse diálogo e auxiliar na produção de conteúdo, e com o produto midiático que os inspira. As capacidades cognitivas relacionadas com a criatividade são, então, postas em evidências no fandom. Como Regis define:

A criatividade se dedica às habilidades que estimulam a criação e participação nas atividades colaborativas na rede. Investiga o estímulo à intervenção nos produtos, por parte dos usuários, seja pela construção de obras inéditas ou pela criação por meio de mixagens, fanfictions, paródias, mashup e spoofs. Essa categoria envolve a construção social de conhecimento por meio dos recursos de blogs, redes P2P e redes de relacionamento que constituem a chamada Web 2.0. (REGIS, 2008, p. 35)

Também podemos identificar no conceito de Flusser relações com o conceito de *interatividade*, de Alex Primo. Como o autor explica, “a interação é uma ‘ação

entre' os participantes do encontro" (2005, p.2). Primo busca na etimologia da palavra a base para suas considerações e chega à conclusão de que *interação* tem um significado de *ação recíproca e interdependência* (2005, p.3). Essa interação pode ser considerada um diálogo entre os participantes do encontro e, havendo troca de informação, há espaço para a criatividade.

Continuando por essa linha, também podemos identificar de que modos o fandom é essencialmente interativo. As produções dos fãs são feitas para serem divididas com seus iguais, principalmente quando publicadas nas redes sociais, que facilitam a divulgação entre as comunidades.

As habilidades desenvolvidas pelos fãs – de ler e manipular produtos midiáticos –, passam a ser fundamentais para lidar com o ambiente altamente midiático da atualidade. Desse modo, “estudar os fandoms de mídia é, essencialmente, estudar a relação entre pessoas e mídia: o que as pessoas fazem com a mídia, como elas a consomem e o papel que ela tem em sua vida” (THE JANISSARY COLLECTIVE, 2014, p. 86, tradução minha).

Podemos perceber que a criatividade é uma das maneiras pela qual o fã se apropria do produto midiático; essa apropriação o caracteriza como sujeito dentro do contexto da cultura popular indicado por Soares (2015, p. 22). O fã se envolve pelo gosto, é pelo afeto que se estabelece a relação entre fã e produto, indo além da lógica do consumo que permeia a cultura pop.

O conceito de intertextualidade aqui usado tem origem no conceito de intertextualidade, de Julia Kristeva, elaborado em *Introdução à Semanálise* (2005), a partir do conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin (1981). Kristeva (2005, p. 68) explica que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de intertextualidade”. A autora ainda denomina intertextualidade como “cruzamento de enunciados tomados de outros textos” (Kristeva, 2005, p. 111). A interpretação dessas citações requer o que Umberto Eco (1989, p.127) mais tarde chama de *enciclopédia intertextual*, ou seja, o conhecimento prévio das referências feitas. Para Eco (1989, p. 120-139), dialogismo intertextual seria a “capacidade do produto de uma mídia (livro, filme, revista etc.) citar direta ou indiretamente, por meio de repetição, paráfrase ou outro recurso, uma cena de filme, um trecho de obra literária, uma frase musical” (ECO, 1989, p. 124-126).

Assim como Flusser entende a criatividade como diálogo, a intertextualidade

também pode ser compreendida por essa metáfora: textos que conversam entre si. Umberto Eco (1989, p. 120-139) segue essa linha de pensamento, conceituando o que chama de dialogismo intertextual: a “capacidade do produto de uma mídia (livro, filme, revista etc.) citar direta ou indiretamente, por meio de repetição, paráfrase ou outro recurso, uma cena de filme, um trecho de obra literária, uma frase musical” (ECO, 1989, p. 124-126)”. Julia Kristeva (2005) vê, ainda, a possibilidade de troca entre autor e leitor pela intertextualidade.

Para a autora, o texto é um mosaico de citações, resultado da absorção e transformação de um outro texto. (KRISTEVA, 2005, p. 68). Navegar nesse “mosaico” requer que se conheça as referências que são feitas. Tal conhecimento para identificar as referências é, para Eco (1989, p. 127), uma “enciclopédia intertextual”, que consiste tanto textos como conhecimento de mundo e experiências de vida:

Mais interessante, para uma análise da nova intertextualidade e dialogismo dos meios de comunicação de massa, é o exemplo de ET, quando a criatura espacial (invenção de Spielberg) é levada à cidade durante o Halloween e encontra um outro personagem, fantasiado de gnomo de O Império Contra-ataca (invenção de Lucas). ET sobressalta-se e tenta ir ao encontro do gnomo para abraçá-lo, como se se tratasse de um velho amigo. Aqui o espectador deve saber muitas coisas: deve certamente saber da existência de um outro filme, (conhecimento intertextual), mas deve também saber que ambos os monstros foram projetados por Rambaldi, que os diretores dos dois filmes estão ligados por várias razões, não só porque são os diretores de maior sucesso da década, deve, em suma, possuir não somente um conhecimento dos textos mas também um conhecimento do mundo, ou seja, das circunstâncias externas aos textos. Observe-se, naturalmente, que tanto o conhecimento dos textos como o conhecimento do mundo, não passam de dois capítulos do conhecimento enciclopédico (ECO, 1989, p. 127).

A intertextualidade pode, também, extrapolar o conteúdo, quando um texto faz referência a outro pela forma ou linguagem, a “citação estilística”, tal como acontece em paródias e homenagens, quando intencionais e explícitas (ECO, 1989, p. 125).

Outro conceito importante é o de sociabilidade, que será utilizado para compreender as relações que os fãs estabelecem entre si por meio dos recursos fornecidos nas plataformas utilizadas para a disponibilização das fanfictions. Termo cunhado por Simmel em seu texto *Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal*, publicado no Brasil em 1983, o autor enxerga a sociedade como um processo, sempre em movimento e, nessa visão, sociabilidade é uma forma de interação social. Para Regis, sociabilidade é mais uma das categorias de análise das

habilidades cognitivas estimuladas pela cultura digital:

A sociabilidade se refere ao modo como as tecnologias digitais, ao favorecerem a produção de conteúdo, incentivam o indivíduo a esquadrihar as diversas mídias em busca da informação desejada e a engendrar um processo de colaboração entre indivíduos que se reúnem em comunidades virtuais, listas de discussão, blogs para buscar, produzir e partilhar informações adicionais sobre seus produtos culturais favoritos. (REGIS, 2008, p. 3-4)

Manuel Castells (2010) entende a sociabilidade como a maneira pela qual as pessoas se relacionam, seja *online* ou *offline* e a Internet, nesse contexto, potencializa comportamentos que já estavam presentes fora dela. Para o autor, as tecnologias digitais estão transformando a sociabilidade principalmente no sentido de que possibilitam a escolha de com quem nos relacionamos:

A sociabilidade está se transformando através daquilo que alguns chamam de privatização da sociabilidade, que é a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos, que não são os que trabalham ou vivem em um mesmo lugar, que coincidem fisicamente, mas pessoas que se buscam. (CASTELLS, 2010, p. 274)

Por fim, tem-se que conceituar a cultura do fã. Em seu livro *Textual Poachers: television fans and participatory culture*, Henry Jenkins (2005, p. 284-286) aponta algumas características dessa cultura. Fandom representaria um modo particular de consumo, com uma série de práticas críticas e interpretativas e formas particulares de produção cultural, além de constituir uma comunidade social.

A compreensão envolve compartilhar, enunciar e debater os significados. Para o fã, assistir à série é o começo, não o fim, do processo de consumo da mídia. [...] Os fãs críticos trabalham para preencher buracos, explorar detalhes e potenciais subdesenvolvidos. Esse modo de interpretação os leva além da informação explicitamente presente e em direção a construção de um metatexto que é maior, mais rico e mais complexo e interessante que a série original. (JENKINS, 2005, p. 284; tradução minha)

Esse metatexto produzido pelos fãs é um esforço coletivo que embaça as diferenças entre produtor e consumidor. Os resultados dessa colaboração podem ser observados nas fanarts – ilustrações produzidas por fãs -; fanfictions; vídeos e músicas que são compartilhadas na comunidade, além das discussões entre os fãs.

É importante indicar que os conceitos aqui apresentados serão utilizados de forma interligada. Não se pode falar de como acontece a intertextualidade sem primeiro definir o que é texto, que, por sua vez, influencia a maneira como

intertextualidade pode ser entendida. Ao considerar texto um tecido com espaços a serem preenchidos pela interpretação do consumidor, a intertextualidade não precisa se referir apenas ao tipo de tecido usado (palavra, vídeo, imagem, som) mas pode se referir também a como o texto é construído, às interpretações e às vivências dos consumidores. A criatividade e a sociabilidade também estão conectadas com a intertextualidade: há criatividade na maneira como o fã inclui referências em suas produções e o tipo de referências que ele escolhe fazer, assim como há sociabilidade – quando as referências são conscientes, pode-se concluir que há a intenção de que elas sejam percebidas e comentadas dentro do fandom.

3 O FÃ-AUTOR

3.1 Metodologia

Num primeiro momento, se viu necessário escolher como seria feita a escolha dos fãs e fanfics a serem estudados. Como o objetivo está diretamente ligado ao processo de criação, priorizou-se então a experiência do fã, tanto ao ler quanto ao escrever. Portanto, começar o estudo pela fanfic para depois chegar ao fã constituía um problema em potencial, caso os fãs-autores das histórias escolhidas não estivessem dispostos a participar da etapa de entrevistas. Assim, priorizou-se a busca pelos fãs, que já estariam dispostos a participar de todas as etapas da pesquisa.

O segundo impasse era como selecionar os fãs-autores a serem estudados e se fecharíamos a pesquisa para alguma franquia específica. Optou-se por não restringir a uma franquia para que pudéssemos aproveitar as respostas de todos os fãs que se dispusessem a ajudar. Um questionário exploratório (Anexo A) foi aplicado entre 9/11/2016 e 02/07/2017 em grupos de divulgação de fanfic no Facebook. Nesse período, foram coletadas 501 respostas de fãs. O questionário era anônimo, mas aqueles que se interessassem em participar da fase de entrevistas tinham a possibilidade de deixar um e-mail para contato. Dentre os 224 fãs-autores que responderam, 138 deixaram contato para serem entrevistados. Devido à natureza do questionário, não foi possível identificar franquias específicas, já que o objetivo era encontrar os fãs-autores. Por isso, a pesquisa se restringe à análise das fanfics escritas pelos fãs entrevistados, ou por eles indicadas, e não por uma franquia específica.

A criação do roteiro de entrevista (Anexo B) se deu pensando em explorar a rotina de escrita, principalmente, e leitura dos entrevistados de forma a apontar possíveis caminhos para se identificar os processos de criação colaborativa de narrativas, assim como evidenciar possíveis influências de fontes internas (referências, experiência de vida) e externas (amigos, comentários, leitores) ao fã-autor.

Em seguida, foram realizadas as entrevistas com os fãs que se prontificaram

a participar e alguns por eles indicados. Dos 138 que deixaram contato, apenas 6 responderam a tempo para a realização da pesquisa.

As entrevistas (Anexos C a H) foram o ponto de partida para a seleção das fanfics estudadas. Cada autor indicou suas próprias histórias e onde poderiam ser lidas online, de forma que informações como curtidas e comentários pudessem ser observados em conjunto com a fanfic em si.

3.2 Questões sobre o fã-autor

A partir desse entendimento de criatividade, percebemos que a produção do fã é um diálogo que ele estabelece com o produto midiático, motivado pelo afeto que surge. Como explica Denise Siqueira, “o sensível ocupa papel de catalisador na produção de sentidos no campo midiático. É agregador de substâncias distintas, faz compreender atos, fatos que sem essa impregnação não teriam a mesma força” (SIQUEIRA, 2015, p.33)

Em questionário anônimo aplicado nas redes sociais ¹², alguns fãs responderam sobre suas motivações para escrever fanfics e muitos indicam seu afeto quanto ao produto midiático e se referem a vontade de explorar situações e ideias que não estavam presentes no produto original:

“Sempre gostei de ter a possibilidade de caminhos alternativos em uma história, ou as vezes ambientar a historia e os personagens em outros mundos.”

“Comecei a escrever porque me sentia sozinha, e por me identificar com os personagens.”

“Sempre gostei de reimaginar meus personagens preferidos.”

“Ter ideias que não estavam contempladas na obra original e querer desenvolvê-las por escrito”

“As vezes, tem coisas que eu gostaria que acontecessem na história oficial, ou de ver um certo aspecto dos personagens e suas relações serem abordados de determinada maneira. E porque é divertido.”

“Ponto de vista diferente da história original. Explorar campos que foram deixados a desejar nas histórias entre outros motivos.”

¹²Questionário realizado entre 9/11 e 20/11/2016.

Como explicam Simone Sá e Beatriz Polivanov, o gosto não é uma qualidade fixa, que precede a interação, “mas sim um gesto relacional e performático entre pessoas e coisas, uma conquista sempre evanescente e instável.” (SÁ; POLIVANOV, 2012, p. 24-25)

Apesar de não ser um fenômeno novo, a produção dos fãs alcança um público maior graças às tecnologias digitais. Chris Anderson, em seu livro *Cauda Longa* (2006), já identifica os efeitos do que ele chama de democratização dos meios de produção e distribuição. De acordo com o autor, o digital barateou o custo e facilitou o acesso às ferramentas de produção. A consequência “é que estamos deixando de ser apenas consumidores passivos¹³ para passar a atuar como produtores ativos. E o estamos fazendo por puro amor pela coisa (a palavra ‘amador’ vem do latim amator, ‘amante’, de amare, ‘amar’).” (ANDERSON, 2006, p. 45)

Umberto Eco (2012, p. 14), ao conceituar leitores empíricos diz que tais leitores podem ler de formas variadas e “não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto”. A partir disso, podemos entender os fãs-autores como leitores empíricos para os quais o texto se torna um receptáculo insuficiente. Suas paixões transbordam, independente do motivo. Buscam então criar seus próprios textos, onde outros fãs podem vir depositar as próprias paixões e continuar o ciclo.

Exemplo disso é o caso da fanfic seriada de Paula, cujo primeiro livro se chama *A Garota Malfoy*¹⁴:

Eu amo Harry Potter desde os meus 12 anos e eu sempre gostei de me inserir nas histórias com personagens próprios (mesmo que não fossem necessariamente eu) e foi assim que criei a história que só fui vir a desenvolver ano passado. (Paula, em entrevista)

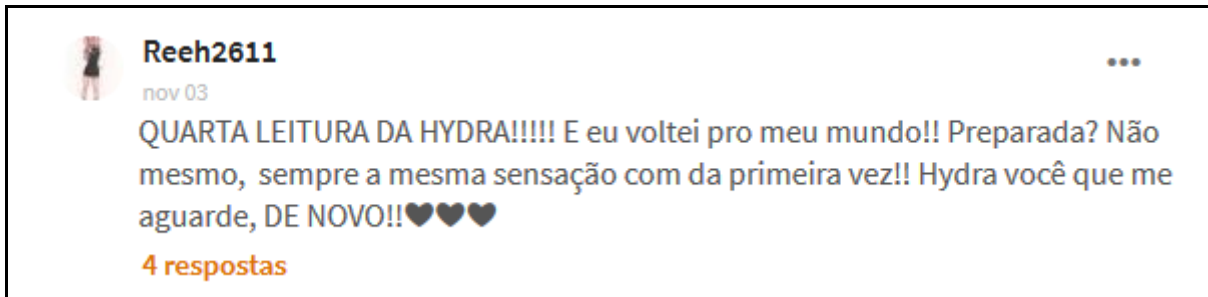
Dessa vontade de se aproximar tanto da história que virou personagem, Paula escreveu 6 livros, publicados no Wattpad. O sucesso foi tanto (o primeiro livro

¹³ É preciso abrir um parêntese aqui para ressaltar que, apesar de Anderson se referir aos consumidores dos meios analógicos como passivos, esta pesquisa discorda, partindo do princípio que o ato de consumir qualquer tipo de mídia já implica alguma ação por parte do consumidor.

¹⁴ Disponível no link: <https://www.wattpad.com/story/105141406-a-garota-malfoy-projetonovaera-eraterceiraedicao>. Acessada em 30/11/2017

apenas conta com, aproximadamente, 66 mil leituras e 2,6 mil comentários) que ganhou fãs próprios. *A Garota Malfoy* gerou duas fanfics de terceiros¹⁵ e recebeu fanarts¹⁶ de seus leitores, que leem e releem a história constantemente (Figura 1).

Figura 1 – Comentário no primeiro capítulo da fanfic *A Garota Malfoy*, datado de 03/11/2017



Os fãs-autores se envolvem de tal forma que, como explica Jamison, a comunidade da fanfic extrapola o campo do fazer:

Escrever e ler fanfiction não é apenas algo que você faz; é uma forma de pensar criticamente sobre a mídia que você consome, de estar consciente de todas as suposições implícitas que um trabalho canônico carrega, e de considerar a possibilidade que aquelas suposições poderiam não ser as únicas existentes. (JAMISON, 2017, p. 13)

Quem escreve fanfic não se envolve apenas com a escrita, fãs-autores costumam realizar um trabalho extensivo para garantir que suas histórias não contradigam o que é apresentado no cânone¹⁷, seja em termos de enredo, cronologia, ou personagem. Mesmo quando a fic explicitamente foge do cânone, esse trabalho ainda é feito para que ao menos os personagens sejam reconhecíveis pelos leitores.

Tal esforço normalmente se traduz em pesquisa extensa. Quase todos os entrevistados disseram fazer pesquisa para escrever suas histórias e alguns enfatizaram a importância dela para cativar os outros fãs:

¹⁵ As duas fanfics são Amethysta Tonks (<https://www.wattpad.com/story/121595560>) e Peter Macmillan – Uma Garota Muda Sua História (<https://www.wattpad.com/story/123600812-peter-macmillan-uma-garota-muda-sua-hist%C3%B3ria>)

¹⁶ A autora coloca as artes recebidas em capítulos especiais no final do livro: <https://my.w.tt/UiNb/sxfevhSVTI> e <https://my.w.tt/UiNb/qnuxOnYVTI>

¹⁷ Entende-se por cânone os materiais relativos ao produto midiático que vem da fonte original ou são por ela confirmados ou aprovados.

Essa é uma característica que define todas as autoras de fics, a pesquisa, assim não erramos em uma informação, e não deixamos passar nenhum detalhe, como na minha fic Beauty and the Beast, tive que pesquisar quando os javalis foram extintos da Inglaterra, para que um detalhe não ficasse solto e esse cuidado que temos com a história é muito importante. (Pâmela, em entrevista)

Muitas pesquisas, mesmo se não for uma história de fanfic e sim uma original, às vezes é preciso pesquisar, porque quanto mais realista e influente a história for, chama mais a atenção de quem ler. (Lucas, em entrevista)

Sim! Muitas vezes faço pesquisa inútil, mas sou o tipo que gosta de checar todos os fatos. Lembro de ter procurado o tempo exato de uma viagem entre Lima, Ohio até Nova Iorque. Nomes de bairros, estações de trem e muitas outras coisas que não fazem tanta diferença na história, mas que eu preciso saber. (Monique, em entrevista)

Sim, muita. Eu tentei fazer o mais coerente com os livros originais, então pesquisei muito neles e também sites com informações extras que pudesse usar para ser bem coerente mesmo. (Paula, em entrevista).

E, no caso da história de Paula, essa preocupação se mostrou justificada. Uma leitora deixou um comentário questionando sobre a coerência com os livros da J. K. Rowling (Figuras 2 e 3).


Figura 2 – Comentários datados de 30/08/2017

cazumouse
ago 30
Como que Rony parecia chocado se ele tava escondido no armário da sala dos professores junto com Harry?
3 respostas

PaulaHydraMello
ago 30
Isso foi BEM depois.
Responder

PaulaHydraMello
ago 30
Eles já estavam na sala comunal.
Responder

Figura 3 – Comentário da autora, datado de 30/08/2017



PaulaHydraMello
ago 30

...

Eis o trecho do livro da câmara secreta que mostra que eles voltam para a sala comunal antes de partirem para resgatar a Gina.

"Foi provavelmente o pior dia da vida de Harry. Ele, Rony, Fred e Jorge se sentaram juntos a um canto da sala comunal da Grifinória, incapazes de dizer qualquer coisa. Percy não estava presente. Fora despachar uma coruja para o Sr. e a Sra. Weasley, depois trancou-se no dormitório. Nenhuma tarde jamais se arrastou tanto quanto essa, nem tampouco a Torre da Grifinória esteve tão cheia e, no entanto, tão silenciosa. Próximo ao pôr do sol, Fred e Jorge foram se deitar, porque não conseguiam continuar sentados."

[Responder](#)

Fãs-autores também podem extrapolar o campo do fazer quando usam suas histórias para lidar com suas emoções em relação ao produto midiático. Em sua fic *Chapel of Love*, do fandom de *Glee*, Monique coloca a seguinte nota de prefácio:

Toda vez que escuto Chapel of Love, entro em um modo de pânico e stress pós-traumático. Me lembro quando a montagem com a música começou a tocar no episódio On My Way, o quanto me senti desesperada e precisei pausar tudo para beber um copo de água. Meses depois, essa é minha tentativa de aliviar tudo o que senti com aquela maldita cena do acidente. Escutem Chapel of Love das Dixie Cups durante a leitura. Prometo que até o final da história, nós finalmente vamos nos curar desse trauma!

Mesmo que ela esteja exagerando sua reação ao episódio, o objetivo de lidar com o trauma, como ela se refere, não deixa de ser uma motivação além da vontade de contribuir para aquele universo.

4 PRÁTICAS E RELAÇÕES DO FÃ-AUTOR NO UNIVERSO DA FANFIC BRASILEIRA

Este capítulo mapeia as práticas de criação e colaboração e das relações afetivas observadas durante a pesquisa e as respostas dadas pelos próprios fãs, tanto no questionário quanto durante as entrevistas, a partir dos conceitos explorados no capítulo 2 e do entendimento estabelecido sobre cultura participativa (SHIRKY, 2011) e cultura do fã (JENKINS, 2005, 2006, 2008, 2014; JAMISON, 2017). Os perfis dos fãs entrevistados podem ser vistos a seguir (Figura 4 a 9):

Figura 4 – Perfil do entrevistado Lucas

Nome:	Lucas
Idade:	23
Estado:	Bahia
Escolaridade:	Ensino Médio completo
Fanfic:	Wizards – Linhagens de Sangue
Idioma:	Português
Fandom:	Harry Potter
Onde publicou:	Wattpad

Figura 5 – Perfil da entrevistada Luna

Nome:	Luna
Idade:	19
Estado:	São Paulo
Escolaridade:	Ensino Superior incompleto
Fanfic:	Maré Imprevisível
Idioma:	Português
Fandom:	Pequena Sereia
Onde publicou:	Nyah! Fanfiction

Figura 6 – Perfil da entrevistada Monique

Nome:	Monique
Idade:	29
Estado:	São Paulo
Escolaridade:	Pós-graduação
Fanfic:	Chapel of Love
Idioma:	Português
Fandom:	Glee
Onde publicou:	Nyah! Fanfiction

Figura 7 – Perfil da entrevistada Pâmela

Nome:	Pâmela
Idade:	25
Estado:	Minas Gerais
Escolaridade:	Pós-graduação
Fanfic:	Smooth Criminal
Idioma:	Português
Fandom:	Doramas Coreanos
Onde publicou:	Fanfic Obsession

Figura 8 – Perfil da entrevistada Paula

Nome:	Paula
Idade:	27
Estado:	Rio de Janeiro
Escolaridade:	Ensino Superior completo
Fanfic:	A Garota Malfoy
Idioma:	Português
Fandom:	Harry Potter
Onde publicou:	Wattpad

Figura 9 – Perfil da entrevistada Sofia

Nome:	Sofia
Idade:	26
Estado:	Rio de Janeiro
Escolaridade:	Pós-graduação
Fanfic:	Voulez-vous couchez avec moi?
Idioma:	Inglês
Fandom:	Deadpool / Homem-Aranha
Onde publicou:	Archive of Our Own

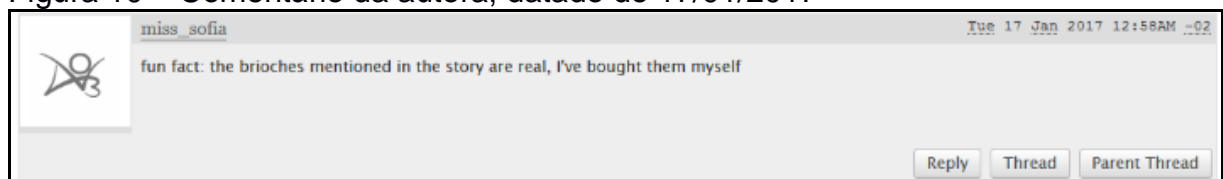
Jamison estabelece que o universo da fanfiction:

alimenta-se de seus predecessores e contemporâneos, interage com eles, torna-os novos. Está em um constante estado de conversa e troca. Geralmente não está claro onde estão seus limites. Geralmente não está claro quem é o escritor e quem é o leitor, e qual é a diferença. Às vezes faz referências a eventos do 'mundo real'; às vezes cria elementos ficcionais mascarando-os como reais. Extrai o que normalmente transpira por muitos textos e os coloca numa rede virtual metade real, metade ficcional. (JAMISON, 2017, p. 28)

É possível enxergar no pensamento de Jamison paralelos com a definição de texto denso de Kaveney e de criatividade de Johnson. A fanfic não apenas nasce de um contexto específico, mas precisa dele para florescer e ter sentido.

Analisando as fanfics indicadas pelos entrevistados, encontra-se pistas do contexto vivido por eles. Em sua fic *Voulez-vous couchez avec moi?*, Sofia inclui brioques com formato obsceno. Mais tarde, em resposta a um leitor, explica que os brioques são reais e ela mesma já tinha comprado (Figura 4).

Figura 10 – Comentário da autora, datado de 17/01/2017



Tradução: Fato curioso: os brioques mencionados na história são reais, eu mesma já comprei

Lucas, em sua fanfic, mistura o uso de tu / ti e o uso de você na fala dos personagens, o que pode indicar seu próprio hábito oral transparecendo no texto;

além de deixar transparecer alguns valores nas cenas de reunião familiar em que apenas as mulheres cozinham.

Pâmela faz questão de ambientar suas fanfics na Coreia, já que são fanfics sobre celebridades coreanas, inspiradas em dramas coreanos; mas suas protagonistas são sempre brasileiras, como a autora. Em *Smooth Criminal*, especificamente, a personagem principal também é formada em arquitetura e originária de Minas Gerais, assim como a autora.

Seguindo a lógica do texto denso, muitos fãs-autores fazem uso de leitores beta (*beta-readers*) como revisores do texto antes de publicar. Esses ajudantes também tem influência no resultado final, mesmo que ouvir seus conselhos ou não fique a cargo do escritor do texto.

Eu mesma reviso meus textos, e como sou autora independente do FFOBS e beta de outro site, o Purple Line Fics, então tenho que fazer isso pessoalmente, mas quando estou com dúvidas, acabo pedindo a minha equipe de controle de qualidade, que são três amigas minhas que sempre leem para saber se está tudo ok, tanto na ortografia, quanto na escrita em si, como o *plot* [enredo] da história. (Pâmela, em entrevista)

Raramente. Às vezes mando/mandava pra alguém antes se estava mais insegura, mas no geral postava/posto meio direto. (Sofia, em entrevista)

Tenho uma amiga, mas ela é mais *alpha reader* do que beta. Ela lê primeiro e faz comentários, perguntas e etc... (Monique, em entrevista)

Pra ser sincera, a revisão eu mesma que faço quando eu tô escrevendo no Word. Às vezes, eu acabo pedindo opinião pro meu namorado ou pra uma outra amiga minha mais próxima que sabe que eu sou autora e que contribui, às vezes, com ideias ou informações que eu realmente não sabia, não tinha. (Luna, em entrevista)

Sim, meus leitores betas, uma amiga e meu namorado. É okay [trabalhar com eles], meu namorado que quer dar mais opinião na história. É bom porque me ajuda. (Paula, em entrevista)

As respostas de Pâmela e Sofia são interessantes por relacionar a revisão de terceiros a qualidade do texto, no caso da primeira, e a autoconfiança, no caso da última. Ambos indicam uma vontade de que o texto esteja bom o suficiente para ser publicado, dentro de parâmetros próprios do fandom, seja esses parâmetros técnicos, como no caso de Paula, ou emocionais, como no caso de Sofia.

Aqui também é possível perceber relação com o conceito de cognição atuada, já que os autores que se utilizam de leitores beta estão interagindo com seu ambiente (social, no caso) para terem resultados melhores com seus textos, seja

esse resultado agradar os fãs ou apenas a confiança em suas habilidades.

Esse contexto por trás do texto também aparece nas inspirações dos fãs-autores. Muitos não se restringem a olhar apenas para o produto sobre o qual escrevem, indo atrás de referências em suas vidas e em outros produtos midiáticos que chamem sua atenção:

Jesus Cristo, ele é minha inspiração suprema, quem me fornece minha criatividade! (Pâmela, em entrevista)

Ah, eu me inspiro muito nos filmes q eu assisto, eu gosto muito de filmes, principalmente de aventura e mistérios. Mas pra escrever um livro, eu não sei como eu faço, as ideias brotam do nada. (Lucas, em entrevista)

Eu geralmente escrevo sobre assuntos que não vivi. Por exemplo, minha fanfic atual é sobre divórcio e descobrir que se tem mais de uma alma gêmea nesse mundo. Tento tirar inspiração de todos os lugares. Experiências dos meus amigos, músicas, filmes, outros livros e até fanfics. (Monique, em entrevista)

Às vezes, é quando eu tô fazendo alguma coisa que eu gosto e a ideia simplesmente surge, às vezes, a partir de alguma história de algum livro que eu li, às vezes, a partir de um filme que eu vi, outras vezes eu simplesmente tô, como eu posso dizer, lendo um mangá ou simplesmente distraída, pensando na vida sabe, e de repente a ideia aparece, não é uma coisa muito programada. Só... Acontece.

Às vezes, também é quando eu tô discutindo a respeito de alguns temas meio polêmicos, isso foi uma das coisas que me inspirou pra essa saga que eu tô escrevendo atualmente, tem muitos temas que não são discutidos entre os jovens, entre os adultos, são temas tão importantes mas que o pessoal ainda trata como tabu, fica tentando esconder ou fingir que não existe, sabe, e outras vezes são problemas que as pessoas tão tentando enfrentar e não sabem como fazer. (Luna, em entrevista)

Nos livros, tanto os de Harry Potter quanto os outros que já li e gostei quem tenha a ver com a história e também em músicas e na minha imaginação mesmo também. (Paula, em entrevista)

Todas essas instâncias de inspiração e as pistas sobre o contexto do próprio autor que passa para o texto fazem parte do diálogo que se estabelece ao se criar algo. Steven Johnson explica que “boas ideias são, inevitavelmente, restringidas pelas partes e habilidade que as rodeiam. [...] Nós pegamos ideias que herdamos ou sob as quais tropeçamos, e damos novas formas a elas” (2010, p. 28-29). essa noção também aparece na teoria de Kaveney, “não é apenas que indivíduos tem boas ideias; é que, na maior parte, essas ideias têm profundidade, têm contexto num diálogo contínuo” (2005, p. 110). Monique exemplifica bem isso:

Eu acho que o essencial é você ter intimidade com o material original. Também é interessante ver o que outras pessoas estão fazendo naquele

fandom, quais são as principais discussões, o que as pessoas acham dos ships... Acho importante, pois pode te dar um *insight* novo que você não teria sozinho. (Monique, em entrevista)

Simone Sá (2002) escreveu sobre o pertencimento da prática da fanfic numa “cultura das interfaces”, prática essa potencializada pela comunicação mediada por computador. Como a autora explica, “[a] *criação suplementar e derivada* é anterior ao surgimento da Internet. Todavia, ao ser transportada para este meio, esta atividade consolida-se, permitindo-nos reconhecer uma prática social e um gênero específico [...] que deve suas características ao meio” (SÁ, 2002, p. 13).

Uma das características potencializadas pelo meio é o contato quase imediato com os leitores. Seja por comentários, curtidas ou qualquer outra métrica usada pelo site escolhido pelo autor, esse retorno acontece num tempo relativamente curto (a velocidade e intensidade desse contato costuma variar de acordo com a popularidade do autor no fandom, a popularidade do tema ou a popularidade dos personagens usados na fanfic). E essa validação pelo fandom muitas vezes é a gratificação que o fã-autor recebe por seu trabalho:

Felizmente, graças a Deus, recebo sim vários comentários e para mim é muito gratificante e estimulador, principalmente pelo fato de escrever para um público mínimo, pois nem todos gostam de ler fics asiáticas, e quando vejo alguém comentando que não gosta de ler, mas lê minhas fics, fico ainda mais motivada a continuar escrevendo. (Pâmela, em entrevista)

Maravilhoso! Eu adoro esse relacionamento com o leitor. Já deixou de ser só sobre a fanfic faz tempo. Tem leitor que me conta sobre a semana de provas, o que eles andam lendo, já conversei com leitores sobre problemas pessoais (tipo o meu alcoolismo). Enfim, não recebo só resenhas, já virou um lance de amizade mesmo. Quando eu sumo, eles me mandam mensagem e tudo mais. Dei muita sorte com os leitores que tenho. (Monique, em entrevista)

Bom, eu acho superimportante ter alguém comentando ou dando críticas, quando são construtivas, no caso né, porque as críticas destrutivas, às vezes, magoam bastante.

No geral, eu não tive tantas porque eu só postei uma história lá, uma história que não gerou muito interesse nos leitores do Nyah, mas, de resto, eu procuro bastante ver as opiniões do meu namorado, da minha sogra, das minhas amigas mais próximas, porque, apesar de serem meio suspeitos pra dar opinião, eu sempre peço “por favor sejam sinceros” e eles acabam fazendo exatamente o que eu pedi. Às vezes, eles criticam meio negativamente, tipo “você precisa melhorar isso, pelo amor de Deus”, mas aí que eu vejo se eu tô no caminho certo, por mais autoconfiança que eu tenha, quando à minha linguagem e a minha escrita, às vezes, eu fico insegura, não sei se a minha história tá agradando ou se eu tô sendo formal demais, considerando que o público é mais pro juvenil e é nessas horas que eu conto 100% com as opiniões dessas pessoas, digamos que elas servem de termômetro, pra eu ver se eu tô fazendo do jeito certo ou se eu tô desviando

disso. (Luna, em entrevista)

Apesar de existir esse entusiasmo pelo contato, o fandom não é monolítico. Opiniões divergem e conflitos podem surgir:

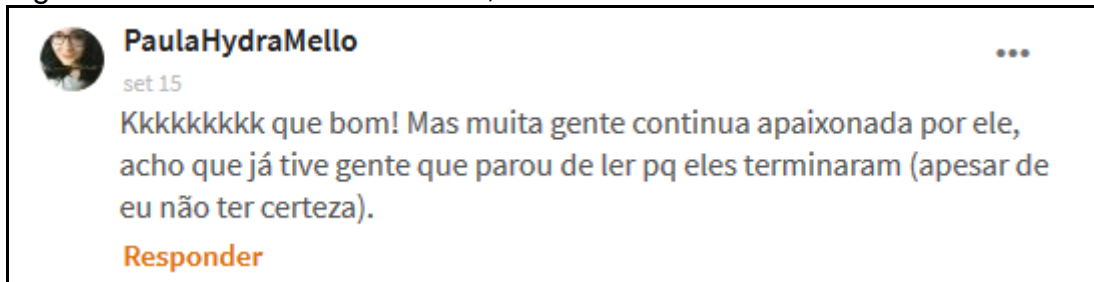
Também é verdade que o mundo da fanfiction não é sempre uma anarquia feliz. [...] A fic pode ser conhecida por criar mundos nos quais qualquer coisa pode acontecer (...), mas comunidades e indivíduos podem policiar estes mundos e suas fronteiras com uma vigilância tremenda. [...] Guerras em torno de relacionamento de personagens, de que tipo de histórias devem ser contadas sobre quais personagens e por quê, podem destruir amizades. (JAMISON, 2017, p. 34)

Às vezes, esses conflitos ocorrem nos comentários das fanfics e o texto do fã-autor vira motivo de discussão. A fanfic da Paula, *A Garota Malfoy*, tem exemplos disso. Além do caso discutido mais acima, em que uma fã questionou a continuidade da fanfic, a autora apontou que alguns fãs não gostaram da direção que ela tomou em relação ao romance (Figuras 11 e 12).

Figura 11 – Comentários datados de 20/08/2017



Figura 12 – Comentário da autora, datado de 15/09/2017



Os elementos até aqui discutidos são referentes principalmente a intertextualidade e a sociabilidade. Onde fica a criatividade na produção de fanfic? Como já expusemos acima, muitos fãs relataram que começaram a escrever fanfic por alguma insatisfação. A criatividade está na fanfic em si, é a resposta do fã-autor aos problemas que ele identificou no produto midiático, mas também está nos problemas que os fãs tentam responder.

Lucas, como já discutimos, resolveu escrever quando o último livro de Harry Potter não o agradou. O problema que ele se pôs a resolver foi o do enredo, em busca de algo que estivesse mais alinhado aos seus gostos. Os problemas e as soluções variam:

Nem lembro? Comecei a ler/escrever fanfic quando tinha uns 11 anos, faz muito tempo (risos). Mas pensando em retrospecto/no que me interessa hoje em dia, acho que sempre gostei de ler fic porque gosto de mergulhar profundamente no universo da história e fics expandem o universo de formas criativas e interessantes. Quanto a escrever, sempre gostei de escrever no geral, e sempre tive muitos *headcanons* e vontades de modificar o *canon*.

Eu, em geral, escrevia fic a partir de prompts, em trocas/desafios/prompt memes, então qualquer coisa que fosse de um fandom que eu gostava/me inspirasse eu escrevia.

Quanto a temas: em geral eu escrevia fics mais *ship-centric* e com *vibe* mais de *character study*. Nunca escrevia case fic ou fics longas com muito *plot*,[...]. Minha *vibe* sempre foi mais explorar sentimentos/dinâmicas de personagens e/ou estabelecer o universo no caso de AU. E eu sempre escrevi fic curta. (Sofia, em entrevista)

Eu tinha uns 8 anos de idade e era fã de *Spice Girls*. Como não havia essa aproximação que temos hoje em dia com celebridades, sobrava muito espaço pra que eu imaginasse situações do dia a dia delas e foi assim que me peguei escrevendo fanfics pela primeira vez. (Monique, em entrevista)

Eu amo Harry Potter desde os meus 12 anos e eu sempre gostei de me inserir nas histórias com personagens próprios (mesmo que não fossem necessariamente eu) e foi assim que criei a história que só fui vir a desenvolver ano passado. (Paula, em entrevista)

A criatividade também surge da interação com o fandom em si. A maneira

como os fãs-autores lidam com os comentários, com os leitores, também é criativa e faz parte da construção da narrativa, principalmente nos casos em que o fã-autor resolve mudar o desenrolar da história, seja para agradar o leitor, seja para surpreendê-lo:

Acho que a história primeiro tem que agradar a mim, para depois agradar o próximo. Um exemplo disso foi em *My Little Thief*, muitas leitoras esperavam que aconteceria uma coisa e eu coloquei a protagonista para fazer outra, claro que elas ficaram chocadas e uma até brigou comigo, mas tudo saiu como eu queria e elas entendem que eu gosto de ver tretas rolando. Eu sempre me cobro muito quando estou escrevendo e a maioria sabe que sou bem chata com relação a minha escrita, então mesmo que eu não mude de ideia, elas sabem que sempre tento não decepcioná-las e já prometi a todas que a história terá reviravoltas. Porém a toda regra, existe uma exceção, teve um capítulo de *My Little Thief* que fiquei insegura em uma certa cena, então duas amigas do meu controle de qualidade leram e, como elas são bem mais exigentes e críticas que eu, tive que reescrever um trecho importante, achei necessário para que ficasse no mesmo ritmo de adrenalina e ousadia que a fic pedia. (Pâmela, em entrevista)

Esse feedback em tempo real é muito bacana. Tinha uma cena em que eu estava pensando em matar um personagem que era criança ainda. Uma leitora, que era mãe, me disse que o coração dela estava apertado com o desenrolar da história e ela ficava imaginando o filho dela naquela situação. Mudei a história pra que ele fosse salvo e matei um personagem adulto no lugar.

Escrever fanfic é bem diferente de escrever histórias originais. Muito do que escrevo é *wish fulfillment* [realização de desejo], não só meu, como dos leitores. Por isso, sempre levo em consideração o que eles querem que aconteça.

Eu até entendo não querer que os leitores influenciem sua “visão”, mas realmente acho que as pessoas quando estão lendo fanfics, tem uma motivação diferente do que quando estão lendo uma história original. (Monique, em entrevista)

No universo de fanfics, é comum que aconteçam desafios de escrita, que podem ser dos mais diversos formatos, seja uma lista de ideias para o fã-autor seguir, seja um tema específico. Participar desses desafios costuma ser descrito como um exercício de criatividade:

Foi uma mistura de insegurança, adrenalina e motivação em dar o meu melhor, gostei bastante em ter participado, me fez trabalhar ainda mais a criatividade e minha escrita. (Pâmela, em entrevista)

Legal? Era bem envolvido no sentido de comunidade e eu sempre escrevi melhor tendo parâmetros prévios. (Sofia, em entrevista)

Divertido! Eu lembro que um dos desafios era escrever algo inspirado por uma música da Lana del Rey. O mais interessante foi ver como cada um interpretou o desafio. (Monique, em entrevista)

Essa relação entre os desafios e a criatividade fica evidente nas respostas das três entrevistadas. Pâmela vai além, indicando que as limitações “força[m] a ser mais criativo”. Voltamos então a noção de criatividade como diálogo, os desafios estabelecem um interlocutor para o fã-autor, de forma que ele possa criar problemas e soluções em cima dos parâmetros dados, o que não é muito diferente do que escrever fora do desafio, apenas que, nesse caso, seu interlocutor é um produto midiático, os possíveis leitores e sua própria vivência e experiência de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como estabelecemos, as fanfictions costumam ser mais estudadas no campo de letras, vistas como problema autoral ou como auxílio no aprendizado de língua portuguesa e redação. Para a comunicação, porém, é mais interessante a perspectiva da construção de narrativa pela colaboração e pela economia da afetividade.

Todos os conceitos estudados nesse trabalho tem em comum o paradigma do diálogo e levam em consideração o contexto, desde o conceito de cognição atuada de Varela (1993), passando pela noção de criatividade de Johnson (2010) e texto denso de Kaveney (2005). A partir deles, buscamos explorar como os fãs-autores fazem uso do contexto digital para produzir fanfictions, e as práticas de leitura e escrita que são enfatizadas pelo meio digital.

O fã já foi considerado obcecado, leitor excessivo (FISKE, 1992) e, mais recentemente, propagador de conteúdo (JENKINS, 2009). A definição de fã tem sido discutida desde os primeiros textos acadêmicos sobre o assunto, mas como Kristina Busse (2006) apontou, ampliar demais essa definição é um problema, pois esvazia o termo de um senso de identidade e comunidade que dá base para o fandom. A autora sugere entender fã como um espectro de engajamento, baseado no investimento emocional e no envolvimento com a comunidade. As práticas dos fãs mais visíveis são as que resultam em alguma produção (fanfics, fanart, cosplay), mas não são as únicas formas de se envolver com o fandom. Muitas vezes, esse envolvimento é imaterial.

As possibilidades existentes na Internet, potencializam a capacidade do fã de dialogar com a mídia e criar a partir dela. Considerando que, como explica Miller (2010), a Internet consolida formas de uso e é uma plataforma que permite a criação de tecnologias, podemos imaginar a organização dos fandoms como grandes redes sociais que se articulam online.

A fanfic é uma das formas de produção dos fandoms mais visível, mas não é única dessa comunidade, nem um fenômeno recente. Anne Jamison (2017) fez um apanhado histórico de comportamentos que podem ser considerados exemplos do que hoje é considerado fanfiction, um dos mais antigos sendo o caso do romance medieval *O Cavaleiro da Carreta*, que acrescenta o enredo de Arthur, Lancelot e

Guinevere ao cânone da lenda arturiana. Mas é na década de 1960 que o termo se estabelece na forma contemporânea, com as fanzines de *Jornada nas Estrelas*.

A Internet também é responsável por moldar a fanfic. Jamison (2017) pontua que a fanfic é algo que se lê *por todo lugar*, no sentido de que está espalhada por toda a Internet. Tem inclusive um componente temporal, já links mais antigos podem não funcionar mais.

As tecnologias digitais também impactaram a maneira como essas histórias circulam. Na década de 1960, com o fandom de *Jornada nas Estrelas*, eram as fanzines e as convenções responsáveis por fazer com que as histórias chegassem nas mãos dos fãs (PENLEY, 1991). Atualmente, existem sites dedicados a fanfic, como FanFiction.Net, Archive Of Our Own, Wattpad, Nyah! Fanfiction, entre outros, onde há, inclusive, espaço para discussão, através de comentários.

O conceito de fanfic gira em torno da noção de que são fãs escrevendo baseado em outros produtos midiáticos, mas os detalhes do que é considerado fanfic varia de fã para fã. Mas, geralmente, há elementos reconhecíveis que indicam qual produto midiático foi usado como base. Podemos definir fanfic como uma história escrita por fãs que faz uso de, pelo menos, um elemento reconhecível de algum produto midiático, seja esse elemento o enredo, os personagens ou o cenário.

No que diz respeito ao Brasil nesse contexto, muitos indicam o lançamento da franquia de Harry Potter nos anos 2000 como início do fenômeno das fanfics no país. É difícil encontrar relatos mais antigos que possam indicar a existência dessa prática antes de Harry Potter, o que coincide com o fato de que a internet banda larga só se popularizou por aqui em 1994. Apesar disso, temos evidências de que essa prática existia antes, como o site Shipper X, criado em agosto de 1999, que disponibiliza fanfics de Arquivo X para download.

A primeira ideia que costuma vir quando se fala de fã é a de uma pessoa que possui um vínculo emocional e intelectual com um produto midiático. Esse vínculo pode ser considerado um diálogo, metáfora que, como vimos, engloba os conceitos de intertextualidade, criatividade, sociabilidade e cognição atuada.

Esses conceitos são centrais na cultura do fã, que abrange desde o artista profissional ao amador com acesso à internet. Tudo o que o fã produz pode ser considerado criativo, intertextual e social, já que se considerar parte de um fandom implica diálogo constante, tanto com outros fãs e com o produto midiático si, quanto com a tecnologia que media esse diálogo e auxilia na produção de conteúdo. As

capacidades cognitivas relacionadas à criatividade, intertextualidade e sociabilidade são, então, postas em evidências no fandom. Tais capacidades, desenvolvidas pelos fãs – de dialogar com produtos midiáticos –, são fundamentais para lidar com o ambiente altamente midiaticizado da atualidade.

A prática de escrita de fanfic pode ser considerada colaborativa desde sua concepção, já que é intertextual por natureza, ao partir de outro produto midiático. Mas a interação com o fandom acrescenta camadas de colaboração: a prática de leitura beta; os comentários deixados pelos fãs, principalmente em fics publicadas durante sua escrita, que podem alterar o curso da história se o fã-autor estiver disposto; a participação em desafios.

Entender fanfic pela lente de texto denso permite enxergar toda essa colaboração que acontece em paralelo ao texto. O diálogo do fã-autor com seu texto, sua história, com os produtos midiáticos em que se inspira e se baseia, com os fãs que leem o texto, às vezes durante todo o processo de escrita, é a base para a intertextualidade e a criatividade existente nas fanfics.

E toda essa complexidade se reflete no fato de que muitos fãs leem a mesma fanfic mais de uma vez. Todos os entrevistados indicaram que leem ou leriam repetidas vezes se o texto despertasse afeto. Monique, inclusive, aponta que ler as fanfics preferidas é rotina de cuidados pessoais: “Com certeza! Tem algumas fanfics de Harry Potter que são parte da minha rotina de *self-care*. Sempre que estou um pouco pra baixo, me desligo e vou reler minhas favoritas”.

[Leio] quando gosto muito. E é sempre o mesmo sentimento de surpresa e emoção, Islands, que foi escrita por minha irmã, é um exemplo disso, sempre termino de ler toda emocionada. (Pâmela, em entrevista)

Tem fanfics que eu releio, sim! Porque eu gosto de reler/rever coisas das quais eu gosto! Também releio livros que amo, revejo filmes, revejo séries. Sempre gostei de ver/ler a mesma coisa mil vezes (risos). (Sofia, em entrevista)

Isso pode ser considerada uma prática característica de fã, mais uma vez remetente ao leitor empírico de Umberto Eco, cujas paixões extrapolam os limites do texto, ou do leitor excessivo de Fiske, mas que ganha conotação positiva na atualidade. Como explica Kaveney, uma das forças da cultura do nosso tempo é a leitura apaixonada que inclui todos os aspectos do texto, expandindo o cânone, de forma a democratizar sensibilidade crítica. A autora, inclusive, considera esse envolvimento ativo com produtos culturais um bem positivo.

A figura do fã-autor pode ser resumida na expressão “e se?”. São os fãs que se fazem perguntas hipotéticas sobre um produto midiático e escrevem a partir dessa pergunta. As principais motivações para essas inquirições são a vontade de explorar caminhos narrativos que não foram explorados pelo produto original. São leitores para os quais o texto se torna insuficiente, seu afeto transbordam, independente do motivo. Criam, então seus próprios textos, e outros fãs podem vir e continuar o ciclo.

Esses fãs não se envolvem apenas com a escrita. Costumam realizar um trabalho de pesquisa extensivo para garantir que suas histórias tenham coerência em relação ao cânone, seja em termos de enredo, cronologia, ou personagem. Mesmo quando a fic propositalmente diverge do cânone, esse trabalho ainda é feito para dar consistência aos personagens.

O contexto onde nasce a fanfic é o que lhe permite florescer e ter sentido. Tal contexto inclui o herdado do produto original em que é baseado – incluindo aí sua materialidade, seu(s) criador(es), onde é disponibilizado – e o que o fã traz consigo – suas experiências de vida, referências anteriores, afetividades, contextos culturais e sociais.

Seguindo a lógica do texto denso, muitos fãs-autores fazem uso de leitores beta (*beta-readers*) como revisores do texto antes de publicar. Esses ajudantes também tem influência no resultado final e integram o contexto da fanfic, mesmo que ouvir seus conselhos ou não fique a cargo do escritor do texto.

O digital potencializa o contato com os leitores, de forma que o torna quase imediato. Seja qual for a forma usada para esse contato com os leitores, esse retorno acontece num tempo relativamente curto se comparado com meios analógicos. E, muitas vezes, essa validação do fandom é tudo que o fã-autor busca ao publicar suas histórias.

A fanfic e os fãs que dela participam pode abrir caminhos de pesquisa tanto em relação aos conceitos de intertextualidade e criatividade quanto às relações sociais e colaborativas que se estabelecem na comunidade de forma natural. Essa colaboração dos fãs pode inclusive extrapolar a fanfic, no caso de artistas de fanart se juntarem com um fã-autor para algum projeto.

Outro ponto de investigação possível são os pontos de tensão dentro do fandom que, com um estudo mais aprofundado, podem indicar conflitos desde os mais chamativos até os mais sutis. Um indicativo de conflito é apontado por Monique,

que diz se sentir “estranha em comentar sobre [a] vida como escritora de fanfics para amigos ou família. Tanto que [usa] o mesmo nome para tudo na internet, menos para escrever fanfics”. Entender porque ela sente essa necessidade de esconder sua atividade no fandom e identificar se isso é recorrente entre os fãs é algo que exige um trabalho mais extenso que não caberia nesta pesquisa.

Também é pertinente indicar que as falas dos entrevistados, por vezes, apontavam tensões passíveis de serem exploradas, mas que não cabiam no escopo deste trabalho, como a fala de Lucas, que deixa transparecer noções sobre gênero, possivelmente relacionadas a sua visão de mundo ao dar indicações de fanfics: “Além da minha como eu disse, tem a saga Hydra Malfoy, principalmente pra vocês, mulheres, que gostam de romances (risos)”.

No que diz respeito a história da fanfic no Brasil, para ir além de 1999 e do advento da internet no país, seria necessário uma pesquisa mais profunda para identificar fãs que participassem de alguma comunidade offline e estivessem dispostos a contar suas experiências.

Comunidades mais antigas, possivelmente de produtos midiáticos dos anos 1980, 1970 ou até 1960, que podem ter existido e funcionado no Brasil de forma semelhante aos fãs de *Jornada nas Estrelas* estadunidenses, enviando fanzines e fanfics pelos correios e organizando eventos para promover o encontro e a troca entre a comunidade, mas que são difíceis de mapear com o uso da internet pela falta de registro – indicado pela decadência de muitos dos sites da década de 1990 e pela dificuldade em encontrar informações sobre essa época.

Apesar dessa desconexão com o passado da fanfic brasileira, os fãs nacionais continuam escrevendo e interagindo nas redes sociais e compartilhando suas criações de todas as formas que encontram, desde distribuição de PDFs, como é o caso da Paula e do Lucas, até a criação de grupos de discussão específicos para suas próprias fics, como fez a Pâmela.

A prática da fanfic é permeada por processos criativos, intertextuais e colaborativos, mas dificilmente é o único exemplo de tais processos. O que foi apresentado nesse trabalho pode ser usado para criar paralelos com outras formas de diálogos existentes nas mais diversas comunidades, tanto *online* quanto *offline*.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; CARLOS, Giovana. Fandoms, Objetos e Materialidades: Apontamentos iniciais para pensar os fandoms na cultura digital. In: FELINTO, Erick; MÜLLER, Adalberto; MAIA, Alessandra. *A Vida Secreta dos Objetos*. Rio de Janeiro: Azogue Editorial, 2016. p. 43-66.

ANDERSON, Chris. *A Cauda Longa*. Editora Elsevier, 2006.

_____. *Makers: the new industrial revolution*. New York: Crown Business, 2012.

AUXÍLIO, Thais; MARTINO, Luis Mauro; MARQUES, Ângela Cristina. Formas específicas de produção cultural dos fãs brasileiros da série britânica Doctor Who. *Ciberlegenda* (UFF Online), v. 1, p. 110-124, 2013

BLACK, REBECCA W. Language, Culture, and Identity in Online Fanfiction. *E-Learning*, 2006, v. 3, n. 2, p. 170-184. Acessado em 10/07/2017. Disponível em <<<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2304/elea.2006.3.2.170>>>.

BARROS, Maria Rita. *A construção da autoria compartilhada no universo da fanfiction*. 2009. 108 folhas. Dissertação (Mestrado) – PUC-SP.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013; p. 19-62.

BUSSE, Kristina. Fandom-is-a-Way-of-Life versus Watercooler Discussion; or, The Geek Hierarchy as Fannish Identity Politics. *Flow TV: A Critical Forum on Television and Media Culture*, v. 5.13 – Special Issue: Flow Conference, 2006.

CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. Introdução. In: _____. *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p. 5-10.

CASTELLS, Manuel. Internet e Sociedade em rede. In: MORAES, Dênis. (org). *Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder*. Record, Rio de Janeiro. 2010, p. 285-287.

CASTRO, Fábio F. de. Temporalidade e quotidianidade do pop. In: SÁ, Simone; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador, Edufba; Brasília, Compós, 2015, p. 35-44

ECO, Umberto. A inovação no seriado. In _____. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1989.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ENNE, Ana Lucia S. O conceito de rede e as sociedades contemporâneas. *Comunicação e Informação*, v 7, n 2: 264-273, jul/dez, 2004.

FELINTO, Erick; SANTAELLA, Lucia. *O explorador de abismos: Vilém Flusser e o pós-humanismo*. São Paulo: Paulus, 2012.

FISKE, John. The Cultural economy of fandom In: LEWIS, Lisa. *The adoring audience: fan culture and popular media*. Londres: Routledge, 1992, p. 30-49.

FLUSSER, Vilém. *A Filosofia da Caixa Preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. *Exílio e Criatividade*. Acessado em 26/08/2016. Disponível em <<http://piseagrama.org/exilio-e-criatividade/>>

GONÇALVES, Márcio; REGIS, Fátima. “Consumo de textos e tipos de atenção nos meios de comunicação contemporâneos”. In: DONIZETE, Shirley; FREITAS, Ricardo (orgs). *Comunicação, Consumo e Nutrição*. Curitiba: CRV, 2015.

GROSSBERG, Lawrence. Is there a fan in the house?: the affective sensibility of fandom. In: LEWIS, Lisa. *The adoring audience: fan culture and popular media*. Londres: Routledge, 1992, p. 50-65.

HANKE, Michael. A comunicologia segundo Vilém Flusser. *Galáxia*, n.7, 2007, p. 59-72.

HILLS, Matt. *Fan Cultures*. Londres: Routledge, 2002.

HINE, Christine. Etnografia e digitalização. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (org). *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p. 11-28.

HJORTH, Daniel. *Imagination – Fabulation*. ESU Conference, Itália: Benevento, abr, 2009.

JAMISON, Anne. *Fic: Por que a fanfiction está dominando o mundo*. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

JANISSARY COLLECTIVE, THE. Fandom as survival in media life. In: DUIJS, Linda; ZWAAN, Koos; REIJNDERS, Stijn. *The Ashgate Research Companion to Fan Cultures*. Londres: Ashgate, 2014, p. 77-89.

JENKINS, Henry. *Textual Poachers: television fans and participatory culture*. Taylor & Francis e-Library, 2005.

JENKINS, Henry. *Fans, bloggers and gamers: exploring participatory culture*. New York: New York University Press, 2006.

_____. Afterword: The Future of Fandom. In: GRAY, Jonathan; SANDVOSS, Carl; HARRINGTON, C. Lee. *Fandom: Identities and Communities in a Mediated World*. New York; London: New York University Press, 2007, p. 357-364.

_____. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da Conexão*. São Paulo: Aleph, 2014.

JOHNSON, Steven. *Where Good Ideas Come From: The Natural History of Innovation*. New York: Riverhead Books, 2010.

JUNIOR, Jeder J. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador, Edufba; Brasília, Compós, 2015, p.45-56.

KAVENEY, Roz. *From Alien to the Matrix: Reading Science Fiction Film*. London: I.B. Tauris, 2005.

KEEN, Andrew. *O culto do amador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2005.

MAGNONI, Antonio Francisco; MIRANDA, Giovani Vieira. Novas formas de comunicação no século XXI: o fenômeno da cultura participativa. *Conexão – Comunicação e Cultura*, v. 12, n. 23, jan/jun, p. 103-120. Caxias do Sul, 2013.

MILLER, Daniel. *Stuff*. Cambridge: Polity Press, 2010.

MCKENZIE, Donald. *Bibliography and the Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NAKAGOME, Patrícia. MURAKAMI, Raquel. Transculturalidade, transformação: a relação dos fãs e dos estudantes com a literatura. *Interdisciplinar*, Itabaiana, a. VIII, n. 1, v.19, p. 71-86, 2013.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Uso de entrevistas on-line no método de explicitação do discurso subjacente (MEDS) *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, n. 1, v. 20, p. 65-73, 2007

OLIVEIRA, Marcos de. Primórdios da rede: A história dos primeiros momentos da internet no Brasil. *Pesquisa FAPESP*, ed. 180, p. 16-25, 2011. Disponível em:

<http://revistapesquisa.fapesp.br/2011/02/18/prim%C3%B3rdios-da-rede_/>. Acesso em: 12/10/2017.

PANIZZA, Janaina. *Metodologia e processo criativo em projetos de comunicação visual*. 2004. 254 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas*, Brasília, a. 2, n. 3, p. 61-71, 2013.

PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. *404NotFound*, n. 45, 2005. Acessado em: 26/08/2016 Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf>.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. 2. ed. São Paulo, SP: Forense Universitária, 2006.

RECUERO, Raquel. Métodos mistos: combinando etnografia e análise de redes sociais em estudos de mídia social. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (org). *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p. 117-132.

REGIS, Fátima. Tecnologias de comunicação, entretenimento e competências cognitivas na cibercultura. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 1, n. 37, p. 32-37, 2008.

ROCHA, Paula. MONTARDO, Sandra. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. *E-Compós*, p. 1-22, dez. 2005.

SÁ, Simone. Fanfictions, comunidades virtuais e cultura das interfaces. In: INTERCOM – XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, 2002.

SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Presentificação, vínculo e delegação nos sites de redes sociais. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, 2012, v. 9, p. 13-36.

SÁ, Simone; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. O Pop não poupa ninguém? In: SÁ, Simone; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador, Edufba; Brasília, Compós, 2015, p. 9-16.

SANTOS, Goiamérico. Criatividade / Criação. In: DE MELO, José Marques et al. *Enciclopédia INTERCOM de comunicação*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo da sociologia pura ou formal. In: _____. *Simmel: sociologia*. São Paulo: Ática, 1993, pp. 165-181. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SIMONOVA, Natasha. Fan Fiction and the Author in the Early 17th Century: The Case of Sidney's *Arcadia*. *Transformative Works and Cultures*, n. 11, 2012. Acesso em 09/07/2017. Disponível em <<<http://dx.doi.org/10.3983/twc.2012.0399>>>.

SIQUEIRA, Denise da C. O. Corpo, construção social das emoções e produção de sentidos na comunicação. In: SIQUEIRA, D.C.O. (org.). *A construção social das emoções: corpo e produção de sentidos na comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 15-36.

SOARES, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, Simone; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogerio. (Orgs.). *Cultura Pop*. Salvador, Edufba; Brasília, Compós, 2015, p. 19-33;

SOUZA, Juliana. Fanfiction como recurso de letramento e cultura. *Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*, a. VI, n. 02, p. 1-10, 2014.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Massachusetts Institute of Technology, 1993.

VARGAS, Maria Lúcia Bandeira. *Do fã consumidor ao fã navegador-autor: o fenômeno fanfiction*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2005.

ANEXO A – Questionário

Desenvolvimento de Habilidades no Fandom

O questionário que se segue faz parte da pesquisa de mestrado em Comunicação Social que realizo no PPGCOM / Uerj. As respostas serão apenas utilizadas como dados para respaldar a pesquisa e nenhuma informação pessoal será divulgada.

Fandom é a palavra utilizada para se referir a um grupo de fãs. Vem do inglês e é uma junção entre as palavras fan (fã) e kingdom (reino).

Desde já agradeço o interesse e sua disposição em me ajudar nesse trabalho.

Idade:

Escolaridade:

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Pós-Graduação
- Outros

Quais dos termos abaixo são familiares para você?

- Fanfic / Fanfiction
- Fanart
- Fanvid
- Ship / OTP / NOTP / OT3
- Canon / Fanon / Headcanon
- AU

Interlúdio

Essa seção está aqui para determinar quais outras questões você terá que responder dependendo da sua resposta.

Você escreve fanfic?

- Sim.
- Apenas leio.

Não e não leio.

Escritores de Fanfic

Quantas fanfics você escreve por ano?

1 a 5

6 a 10

Mais que 10

Onde você publica?

Nyah Fanfiction

Fanfiction.net

Archive of Our Own

Wattpad

Não publico

Outros

Quais motivos que te levaram a escrever fanfic?

Você acha que fanfic traz algum benefício? Quais?

Você publica o que escreve? Por quê?

Comentários, votos, feedback em geral é importante pra você? Por quê?

Leitores de Fanfic

Quantas fanfics você lê por ano?

1 a 5

6 a 10

Mais que 10

Onde você lê?

Nyah Fanfiction

Fanfiction.net

Archive of Our Own

Wattpad

Outros

Quais motivos que te levaram a ler fanfic?

Você acha que fanfic traz algum benefício? Quais?

Você deixa comentário, voto ou outro tipo de feedback?

Fãs em geral

Como você participa do fandom?

Desenhando

- Fazendo análises e criando teorias
- Discutindo / conversando com outros fãs
- Não participo

Onde você participa?

- Redes sociais (Facebook, Tumblr, Twitter, etc)
- Sites de Fanfic (Nyah! Fanfiction, Fanfiction.net, Archive of Our Own, etc)
- Fóruns
- Outros

Quais benefícios da sua participação? O que essa experiência te trouxe de bom?

Informação para contato

Se desejar fazer parte da fase de entrevistas, por favor deixe o seu endereço de email.

Email:

ANEXO B – Roteiro de Entrevista

1. Nome / Idade / Escolaridade
2. O que motivou a começar a ler / escrever fanfics?
3. Sobre o que você escreve?
4. No que você se inspira para escrever?
5. Como você lida com a inspiração?
6. Existe algo essencial de consumir/ler/assistir para escrever fanfics?
7. Você faz pesquisa pra escrever?
 1. Como é sua rotina de pesquisa?
8. Como é sua rotina de escrita?
9. Tem beta-reader / revisor / alguém que lê o texto antes de publicar?
10. Como você recebe críticas / sugestões / comentários?
 1. Costuma alterar o texto em função dessas críticas / comentários?
11. Existe alguma fanfic que você acha essencial à leitura pra quem participa no fandom?
12. Você costuma ler a mesma fanfic mais de uma vez?
 1. Por quê?
13. Já participou de algum desafio de fanfic?
 1. Qual?
 2. Como foi a experiência?
14. Quais fanfics você indicaria para quem está começando agora?
 1. E quais você indicaria para quem está no fandom há muito tempo?
15. Onde posso encontrar suas fics?
 1. Qual você diria que é a sua melhor?
16. O que você consome, além de fanfic?

ANEXO C – Entrevista: Lucas

Primeiro, só pra constar, pode me dizer seu nome, idade e nível de escolaridade?

Meu nome é Lucas, 23 anos, ensino médio completo.

O que te motivou a começar a ler e a escrever fanfic?

Eu sempre gostei de ler, mas fanfic mesmo foi quando entrei num grupo de HP porque sou fã e vi q muitas pessoas escreviam histórias baseadas nos livros. Foi aí q lançou o último livro agora, *A criança Amaldiçoada*, eu li e não gostei, então resolvi escrever uma como eu gostaria mais ou menos que fosse a nova história, e foi a pouco tempo q fiz.

E você só escreveu essa fic ou teve outras depois?

Não, só escrevi essa até agora, não tem muito tempo q descobri sobre fanfics e escrevi essa.

No que você se inspira pra escrever? Não precisa se restringir no que a fic é baseada.

Ah, eu me inspiro muito nos filmes q eu assisto, eu gosto muito de filmes, principalmente de aventura e mistérios. Mas pra escrever um livro, eu não sei como eu faço, as ideias brotam do nada.

Essas ideias brotam fácil quando você senta pra escrever ou tem algum processo pra ir atrás delas?

Muitas vezes elas brotam fácil assim que escrevo, mas quando eu me deito e fico pensando na história vão surgindo mais coisas; quando eu estou no chuveiro, eu também tenho ideias, penso muito lá ☐ (emoticon usado pelo entrevistado)

Você acha que existe algo essencial de se ler / assistir / jogar pra escrever fanfic?

Completamente essencial, é como se isso lhe trouxesse aprendizado extras, uma imaginação mais fértil e experiências novas.

Você faz pesquisa pra escrever?

Muitas pesquisas, mesmo se não for uma história de fanfic e sim uma original, às vezes é preciso pesquisar, porque quanto mais realista e influente a história for, chama mais a atenção de quem ler.

Como é a sua rotina de escrita?

Eu sempre escrevi histórias e contos, nunca publiquei nenhuma a não ser a mais nova fic. O que mais faço agora são poesias, atualmente eu estou escrevendo pouco, não tive nenhuma ideia ou inspiração pra escrever, estou mais lendo que escrevendo. É como se eu tivesse me preparando pra escrever algo daqui a algum tempo.

Tem alguém que revisa seus textos pra você?

Não tenho auxílio algum, eu mesmo reviso várias e várias vezes, e por incrível q pareça sempre aparece alguns erros, principalmente de escrita por culpa do teclado kkkkkk. Publiquei a minha achando q estava tudo ok, quando fui olhar por esses dias, erros kkkkkk.

A sua fic teve muito comentário / curtida?

Nos sites que eu coloquei, não teve muito, porque eu divulguei bem pouco, mas a maior parte das pessoas me pediram pra enviar pra elas como pdf, então quando acabavam de ler me traziam as críticas. Deu muito trabalho enviar tanto pdf pra tanta gente.

Essas pessoas – as que pediram em pdf – te achavam como?

Divulgação pelo face [Facebook] e por grupos de whats [Whatsapp]. Depois q eu coloquei nos sites, eu parei de divulgar, achei que ia ficar chato eu postando sempre a mesma coisa então eu deixei pra lá, não fiquei insistindo nas divulgações.

Você divulgou quando a fanfic já tava toda terminada ou foi divulgando capítulo por capítulo?

Divulguei quando estava toda terminada.

Tem alguma fic que você conheça que você diria que é essencial pra quem participa no fandom?

Olha a maioria das fics que eu vi e li foram todas do mundo de HP [Harry Potter], são as que mais interessa, e todas elas se tratam de envolver uma terceira pessoa na história original e isso é uma coisa q eu não gosto muito. Porém, de todas elas, a melhor que li foi a saga de Hydra Malfoy.

Você lê a mesma fic mais de uma vez?

Eu não, até porque nenhuma me agradou tanto (risos).

Mas você acha que leria se alguma te agradasse?

Se me agradasse, com certeza.

O que você acha dos desafios de fanfic, se é que conhece algum?

Eu acho ótimo, participei até de um recentemente, acho que nem divulgaram os ganhadores ainda (risos).

Como foi a experiência?

Sempre bom competir, né!? Pra mim qualquer coisa que inspire uma competição cultural e intelectual é satisfatório. Mesmo se não ganharmos.

Tem alguma fanfic pra recomendar?

A minha (risos).

Além da sua?

Além da minha como eu disse, tem a saga Hidra Malfoy, principalmente pra vocês, mulheres, que gostam de romances (risos).

Além de fanfic, o que você gosta de ler / jogar / assistir? Pode falar os gêneros que você gosta ou algum título específico.

Ler, eu gosto de ler ficção científica e aventura, como *Código Da Vinci*, *Anjos e Demônios* e outros. Jogar... Amo jogos de ação, aventuras e terror, adoro jogos que falam sobre mitologia como *God of War*. Assistir filmes é o que mais gosto de fazer, gosto de filmes mitológicos, filmes de idade média, de terror e ficção (*Harry*

Potter, Transformers, Senhor dos Anéis, Invocação do Mal, Gladiador, são uns de meus preferidos), gosto de algumas séries também: *Vikings, Grimm, Black Sails* e a melhor série de todos os tempos, *Game of Thrones*, são os tipos de série que eu gosto.

De onde você é?

Sou do estado da Bahia, de Ilha de Vera Cruz, uma Ilha próxima a Salvador. Moro no paraíso (risos).

Agora me diz onde eu posso ler a sua fic.

<http://my.w.tt/UiNb/nMPoSXDjrG>. Releve o título e a capa, usei tanta imaginação pra história q não sobrou pro título ☐ e a capa não é a original, eu troquei porque a outra recebeu críticas.

ANEXO D – Entrevista: Pâmela

Primeiro, pra constar, pode me dizer seu nome, idade, escolaridade e de onde você é?

Pâmela (Pâms para os amigos), 25 anos, pós-graduada em arquitetura, BH (Mg)

O que te motivou a ler / escrever fanfic?

A ler, foi curiosidade, comecei a ler fics numa época quem nem sabia que era assim que chamava. A primeira que li foi uma do Harry Potter no orkut, em meados de 2009. Depois descobri esse termo em 2014, com uma amiga que lia fics asiáticas e me apresentou um site interativo só de fics asiáticas chamado Lollipop Fics, que atualmente se encontra em hiatos. Mesmo já gostando de escrever histórias desde criança e sempre tendo professores de literatura que me motivavam, eu nunca publiquei nada. Foi em 2014 mesmo, que essa mesma amiga me incentivou a publicar uma história minha, que ela leu em um dos meus cadernos, no Lollipop, no formato de uma fic, que é a Smooth Criminal, que escrevo até hoje.

Sobre o que você escreve?

Como gosto do gênero de ação e aventura, Smooth Criminal é mais nesse estilo, além de possuir uma breve influência da música do Michael Jackson. É uma fic inteiramente voltada para o público de gosta de fics asiáticas, a história gira em torno da protagonista brasileira que terminar seu curso de arquitetura e viaja para Seul, para trabalhar na construtora de um amigo do seu tio coreano, casado com sua tia brasileira. Logo no primeiro dia, ela acaba se perdendo na cidade e após ser abordada por homens de caráter duvidosos, recebe a ajuda do protagonista, que no caso é o ultimate / crush escolhido pela leitora. Assim, a fic se desenrola, com a protagonista a cada capítulo se afundando mais na vida do protagonista ao perceber que a família dele é da máfia coreana.

Após esta fic, comecei a me influenciar pelos doramas que vejo com frequência e acabei escrevendo fics de outros gêneros também, como colegial, fantasia, comédia romântica, drama.

Como você definiria fanfic?

Uma forma de viver uma história / vida com o artista que admiro, mesmo que por alguns minutos de imaginação, dando a chance de saber como seria minha vida o conhecendo de verdade, podendo ele ser ou não famoso. No caso das pessoas que gostam de artistas asiáticos, ainda é mais intenso, pois a diferença de cultura é muito grande, e quanto mais a fic segue fielmente os padrões de comportamento da cultura nos personagens, que no meu caso são coreanos, mais realista a fic se torna, fazendo o leitor viver cada palavra a sua maneira.

No que você se inspira pra escrever, além do material no qual a fic é baseada?

Jesus Cristo, ele é minha inspiração suprema, quem me fornece minha criatividade!

Como você lida com a inspiração?

É complicado, por que em alguns momentos minha mente pensa em várias coisas ao mesmo tempo. E sempre que estou escrevendo uma fic, ao mesmo tempo já estou pensando no que vai acontecer na outra, em alguns momentos minha digitação não consegue acompanhar meu raciocínio rápido, é bem complicado conseguir pensar devagar ou focar em uma só história. Além de eu não me dar bem com cronogramas, planilhas ou anotações muito detalhadas, já tentei várias vezes, mas nesse caso não sou muito organizada, sempre que quero que algo aconteça numa fic e não posso escrever, acabo anotando em tópicos para não esquecer a ideia e depois desenvolvo. Pois se eu detalhar muito, na hora de escrever sempre mudo tudo e não sei nada do que planejei. Um exemplo disso foi na fic My Little Theif, eu escrevi no bloco de notas do celular o resumo detalhado de cada capítulo do 12 em diante, no caderno escrevi totalmente diferente, e quando fui desenvolver no notebook o que aconteceria no capítulo 19, acabou acontecendo no capítulo 32, não sei o que aconteceu, mas a fic multiplicou.

Tem algo que você acha essencial ler / assistir / jogar pra escrever fanfic?

No meu caso que gosto de escrever fics asiáticas, ver doramas (novelas asiáticas) é essencial, pois posso ver como é o cotidiano deles, formas de tratamento, comportamento deles, como é um namoro tradicional e moderno da cultura deles, existem também os programas de entretenimento coreanos que vejo

muito para saber a personalidade dos artistas, como é o humor coreano também, como eles agem naturalmente. Além dos MVs [Music Videos] de kpop que sempre ajuda também, além de que é uma marca registrada minha, sempre tem trechos de músicas de kpop em minhas fics, e geralmente são trechos que se encaixam no que aconteceu naquele capítulo, então preciso conhecer muita música e ouvir bastante para ver se ela se encaixa tanto sonoramente quanto na parte da letra/tradução.

Animes e mangás, me ajudam também, principalmente quando vou escrever algo relacionado ao Japão, mas na maioria das vezes, meu foco é mais na Coreia do Sul.

Como é sua rotina de pesquisa pra uma fic?

Sempre vou pesquisando de acordo com a necessidade, por exemplo apesar de alguns lugares eu fazer fictício, tenho uma noção, graças aos doramas, porém o Google Maps sempre está aberto para saber exato a distância. Mas tem casos que preciso fazer pesquisas mais afundo, como na fic My Little Thief, seus roubos são sempre peculiares e diferentes, o que me faz desenvolver uma linha de pesquisa de qual o objeto de desejo da protagonista, onde vai estar, como ela vai entrar, como vai roubar, como vai fugir. Para isso tenho sempre que pesquisar. Essa é uma característica que define todas as autoras de fics, a pesquisa, assim não erramos em uma informação, e não deixamos passar nenhum detalhe, como na minha fic Beauty and the Beast, tive que pesquisar quando os javalis foram extintos da Inglaterra, para que um detalhe não ficasse solto e esse cuidado que temos com a história é muito importante.

E a sua rotina de escrita?

É bem louca (risos). É incrível, mas só consigo escrever à noite/madrugada, então sempre que sento na frente do notebook à tarde ou manhã, não consigo digitar uma palavra, não sei o que acontece, mas minha mente sempre funcionou melhor à noite, o que me deixa louca, pois quando me deito para dormir, minha mente ferve de ideias e não posso escrever nada. Quando estava de férias, não tinha muita disciplina de dormir cedo e virava a madrugada escrevendo, mas agora que vou voltar a estudar e trabalhar, terei que me organizar para escrever à noite sem atrapalhar meu sono ou prejudicar meu rendimento na escrita.

Tem alguém que revisa os textos pra você?

Eu mesma reviso meus textos, e como sou autora independente do FFOBS e beta de outro site, o Purple Line Fics, então tenho que fazer isso pessoalmente, mas quando estou com dúvidas, acabo pedindo a minha equipe de controle de qualidade, que são três amigas minhas que sempre leem para saber se está tudo ok, tanto na ortografia, quanto na escrita em si, como o plot [enredo] da história.

Você recebe comentários / curtidas? Como é isso pra você?

No caso dos sites que posto, são comentários. Felizmente, graças a Deus, recebo sim vários comentários e para mim é muito gratificante e estimulador, principalmente pelo fato de escrever para um público mínimo, pois nem todos gostam de ler fics asiáticas, e quando vejo alguém comentando que não gosta de ler, mas lê minhas fics, fico ainda mais motivada a continuar escrevendo. O que se duplicou quando algumas fics minhas estiveram no top10 de fics da semana no FFOBS, além de ficar surpresa, fiquei feliz e animada. Porém mesmo não tendo muitos comentários, não me desanimaria, eu demorei dois anos no FFOBS para que minhas fics começassem a ganhar algum destaque ou reconhecimento. E mesmo não sendo a pioneira de fics asiáticas nesse site, não deixei que essa categoria morresse e continuei escrevendo mesmo não tendo tanta visibilidade como está tendo este ano.

Para mim, isso é uma conquista e fico feliz por mais escritoras aparecerem, pois só leio fics asiáticas.

Você altera o texto de acordo com os comentários e sugestões que recebe?

Não, pois acho que a história primeiro tem que agradar a mim, para depois agradar o próximo. Um exemplo disso foi em My Little Thief, muitas leitoras esperavam que aconteceria uma coisa e eu coloquei a protagonista para fazer outra, claro que elas ficaram chocadas e uma até brigou comigo, mas tudo saiu como eu queria e elas entendem que eu gosto de ver tretas rolando. Eu sempre me cobro muito quando estou escrevendo e a maioria sabe que sou bem chata com relação a minha escrita, então mesmo que eu não mude de ideia, elas sabem que sempre tento não decepcioná-las e já prometi a todas que a história terá reviravoltas. Porém a toda regra, existe uma exceção, teve um capítulo de My Little Thief que fiquei insegura em uma certa cena, então duas amigas do meu controle de qualidade

leram e, como elas são bem mais exigentes e críticas que eu, tive que reescrever um trecho importante, achei necessário para que ficasse no mesmo ritmo de adrenalina e ousadia que a fic pedia.

No geral, acho bom os comentários para ver se estou fazendo algo legal que não agrade somente a mim, mas os outros que estão lendo, porém a minha decisão se estou gostando ou não do que estou escrevendo, é a principal.

Tem alguma fic que você acha essencial pra quem quer participar do fandom?

Hum, acho que essas são as que eu mais evidencio o comportamento dos coreanos, segundo sua cultura de acordo com o que vejo nos doramas, além de ambientadas, na maioria das vezes, na Coréia.

Smooth Criminal: <http://fanficobsession.com.br/independentes/s/smoothcriminal.html>

My Little Thief: <http://fanficobsession.com.br/independentes/m/mylittlethief.html>

Genie: <http://fanficobsession.com.br/independentes/g/genie.html>

Destiny's: <http://fanficobsession.com.br/independentes/d/destinys.html>

I Need You Girl: <http://fanficobsession.com.br/independentes/i/ineedyougirl.html>

Photobook: <http://fanficobsession.com.br/independentes/p/photobook.html>

Coffee House: <http://fanficobsession.com.br/independentes/c/coffeehouse.html>

Mixtape: Piano Man <http://fanficobsession.com.br/mixtape/04pianoman.html>

Mixtape: The Boys <http://fanficobsession.com.br/mixtape/04theboys.html>

Mixtape: I Am The Best <http://fanficobsession.com.br/mixtape/04iamthebest.html>

Finally 16th: <http://purplelinefanfics.blogspot.com/2015/12/other-finally-16th-por-pams.html>

São todas suas?

Sim, tenho outras, mas essas acho que são as mais importantes.

Tem alguma de outros escritores que você acha importante ler?

De outros escritores, eu sempre indico Closer que foi a primeira fic asiática que li, mas está em hiatos junto com o Lollipop e não tenho o link.

Você costuma ler a mesma fic mais de uma vez?

Sim, quando gosto muito. E é sempre o mesmo sentimento de surpresa e emoção, Islands, que foi escrita por minha irmã, é um exemplo disso, sempre

termino de ler toda emocionada .

Já participou de desafios de fanfic?

Sim, participei de um Challenge e fiquei em 3º lugar com Electrick Shock, e já participei de dois concursos de contos, no primeiro, não ganhei com a fic Promise, mas no segundo, que era do dia dos namorados, ganhei com a fic Beauty and the Beast, ambos os especiais do FFOBS.

Como foi a experiência? ^^

Foi uma mistura de insegurança, adrenalina e motivação em dar o meu melhor, gostei bastante em ter participado, me fez trabalhar ainda mais a criatividade e minha escrita.

Como você diria que participar dos desafios é diferente de escrever livremente no quesito criatividade?

Acho que por limitar a fazer certas coisas, no caso do concurso de contos já havia um tema pré-definido, porém tínhamos um pouco mais de liberdade no roteiro, porém no Challenge, além do tema que no meu caso foi viagem aos quatro cantos, eles também davam palavras que deveriam ter na fics e algumas ações que os personagens deveriam fazer, além de demarcar o número mínimo de personagens. Então te limita de uma certa forma, mas te força a ser ainda mais criativo para que sua fic não seja tão óbvia ao passar por essas exigências que tem, como também não correr o risco de ter uma fic parecida por causa do tema e das exigências. Apesar da limitação é uma oportunidade para evoluir ainda mais.

Agora queria que você me explicasse um pouquinho sobre fanfics interativas O que elas são exatamente?

Fics interativas são aquelas em que os personagens principais não são fixos. Ao abrir a fic, aparece uma caixa de perguntas e você pode colocar seu nome e o do crush, ou de outros a seu gosto, assim podendo ler a fic como se a história fosse sua, o que torna a história ainda mais emocionante e realista, porém algumas já vem com algumas características pré-definidas, como no caso das asiáticas que escrevo, geralmente o protagonista sempre é coreano, já a protagonista é brasileira.

O andar da história é decidido em conversa com os leitores nessas fics? Por fórum ou outro tipo de contato? Ou fica a cargo do autor?

No meu caso, eu criei um grupo no facebook para manter minhas leitoras sempre informadas do que ando escrevendo, do que envio para os sites, quando tem atualização, acho importante pelo menos dar uma satisfação para elas, afinal elas tiram um tempo do dia delas para lerem as fics e muita acompanham as que estão em andamento, além de comentarem nas fics também. Então, acho que mais do que só responder aos comentários delas, é bom e divertido manter um contato de perto, dar spoilers, obter críticas construtivas, avisar quando vou atrasar alguma atualização, se alguma fic vai entrar em hiatos, mesmo que não seja obrigatório isso, acho que é uma forma de demonstrar meu carinho e respeito por elas.

Ok, mas a minha pergunta era se os leitores têm algum controle sobre a direção da história nesse tipo de fic? Tipo, rola enquete pra saber qual ação o protagonista vai tomar? Tem autor que faz isso e autor que não faz? Esse tipo de coisa

Ah tá (risos). Desculpa, entendi errado.

Não (risos). Eu já fiz uma vez, mas só para saber o que elas iriam escolher por curiosidade, mas minha decisão já estava tomada.

O que você lê / assiste / joga além de fanfic?

Assisto muito animes, a maioria animes de esportes como *Haikyuu* e *Kuroko no Basket*, e bastante doramas que se estende a coreanos, japoneses e taiwaneses, séries americanas mesmo só duas ou três, vejo filmes também. Leio a Bíblia Sagrada, mangás e poucos livros fictícios, gosto muito de livros medievais, mas nada me conquistou mais de *O Senhor dos Anéis* e *As Crônicas de Nárnia*, apesar de gostar muito de *Harry Potter*. E sim, gosto de jogar, sou gamer assumida, atualmente dei uma parada, mas eu sempre jogo otome games e outros jogos online, além dos clássicos para PC, já que não possuo PS ou Xbox.

ANEXO E – Entrevista: Paula

Primeiro pra constar, pode me dizer nome, idade, escolaridade e de onde você é?

Paula, 27 anos, sou estudante universitária de letras e psicologia e formada em publicidade e sou do Rio de Janeiro.

O que te motivou a ler/escrever fanfic?

Eu amo Harry Potter desde os meus 12 anos e eu sempre gostei de me inserir nas histórias com personagens próprios (mesmo que não fossem necessariamente eu) e foi assim que criei a história que só fui vir a desenvolver ano passado.

Sobre o que vc escreve?

Harry Potter, uma personagem original que criei para inserir na saga.

No que você se inspira pra escrever?

Nos livros, tanto os de Harry Potter quanto os outros que já li e gostei quem tenha a ver com a história e também em músicas e na minha imaginação mesmo também.

Como você lida com a inspiração?

É complicado, tem dia que tenho muita e às vezes fico dias sem ter direito, eu tento me forçar um pouco às vezes. Mas procuro mais deixar livre.

Você se organiza pra escrever? Tem algum horário no dia ou algo assim?

Eu tento escrever no tempo vago, mas especialmente amo de noite, quando não tenho aula no dia seguinte, é claro (risos).

Existe algo essencial de ler/jogar/assistir pra escrever fanfic?

Não, acho que o que você gostar mesmo. Pelo menos eu penso assim!

Você faz pesquisa pra escrever fanfic?

Sim, muita. Eu tentei fazer o mais coerente com os livros originais, então pesquisei muito neles e também sites com informações extras que pudesse usar para ser bem coerente mesmo.

Tem alguém que revisa o texto pra você?

Sim, meus leitores betas, uma amiga e meu namorado.

Como é “trabalhar” com essas pessoas?

É okay, meu namorado que quer dar mais opinião na história.

E isso é ruim / bom pra você?

É bom porque me ajuda. Nos primeiros livros, eu não tive isso

Como é receber comentários / curtidas?

Muito bom, ainda mais em um número tão grande, nunca imaginei que fosse chegar nesse ponto.

Já ocorreu de você mudar o que ia acontecer por causa de comentário? Como é isso pra você?

Não porque meus livros são fechados, eu só posto tudo de uma vez geralmente. Já aconteceu de eu mudar por causa do que meu namorado pediu e tal, porquê ele é leitor beta, mas eu só mudo o que eu quero mesmo.

Existe alguma fanfic que você acha essencial ler pra quem quer participar no fandom?

Não, tem as que eu indico porque gosto. Cada um tem seu estilo do que gosta também. Eu, por exemplo, odeio fanfic de ship. Mas tem quem ame.

Você costuma ler a mesma fic mais de uma vez?

Não costumo ler muitas, as que estou lendo comecei tem pouco tempo. Mas acho que leria mas de uma vez sim.

O que você acha que te motivaria a ler mais de uma vez?

Eu gosto de ler mais de uma vez às histórias que eu gosto.

Já participou de algum desafio de fanfic?

Já sim.

Como foi a experiência?

Ainda não tive o resultado, mas está sendo legal.

Quais fanfics vc indicaria?

Tem uma chamada Amethysta Tonks que estou gostando muito (ela é uma fanfic da minha fanfic e de Harry Potter). E Rigel Finnigan (mesmo caso, fanfic da minha fanfic e de Harry Potter). Os dois com personagens originais também.

Ah é, como é ter fic feita baseada na sua fic?

Tem várias, é meio que uma honra e dá um ciúme também (risos). Muitas pessoas me pedem pra usar meus personagens nas fics delas, eu deixo, desde que coloquem créditos.

Ciúme dos seus personagens ou da história como um todo?

Dos personagens. Porque são tipo filhos. Mas eu no geral até ajudo eles a falarem sobre. Dou dicas de como eles são. Só não gostaria muito se mudassem muito a personalidade deles.

Os outros autores costumam vir pedir ajuda?

Alguns sim, outros não.

Onde posso encontrar suas fics?

Wattpad e praticamente todos os sites de fic. Tem link para download direto e envio por e-mail também. Tem a página no Facebook aonde o pessoal pede. E no instagram.

Além de fanfic, o que você costuma ler/assistir/jogar?

Livros de fantasia são meus preferidos. No momento estou lendo *As Crônicas*

de Gelo e Fogo. Assisto muita série também. Amo filmes de terror (risos) e não jogo muito, jogava *The Sims* e *Tíbia* antigamente (risos).

Pode me passar o link da sua fic (o livro 1) e das fics que você recomendou?

Link do meu primeiro livro: <http://my.w.tt/UiNb/fGt2vXxLBG>

O da Amethysta Tonks: <http://my.w.tt/UiNb/B5LzeqzLBG>

O do Rigel ainda está no começo: <http://my.w.tt/UiNb/4m7J15BLBG>

ANEXO F – Entrevista: Luna

Primeiro, pra constar, pode me dizer seu nome, idade, escolaridade e de onde você é?

Meu nome é Luna Ashfield, tenho 19 anos. Estou no segundo ano de faculdade e sou de Ribeirão Preto.

O que te motivou a ler / escrever fanfics?

Eu me senti motivada primeiro porque eu já adorava ler. Ler é uma coisa que faz parte da minha vida desde pequenininha, começou com a minha avó contando histórias pra mim e aí com o passar do tempo eu pensei ‘ah, porque não eu criar uma história’ e aí começou essa ideia ‘nossa, se tanta gente por aí consegue fazer isso, porque não?’ E então eu comecei a tentar. Já que pegaram no meu pé durante muito tempo com português e eu tenho uma gramática boa, eu achei que podia conseguir alguma coisa com isso, nem que fosse pra ser uma espécie de hobby ou lazer.

Sobre o que você escreve?

Depende, porque às vezes, eu vou estar inspirada pra uma história de ficção fantástica, ou outras vezes, uma história de ficção, mas puxada mais pra realidade mesmo. Então, no geral, depende muito da inspiração. Não adianta nada eu tentar escrever uma história x se eu tô inspirada pra uma história y. Mas, no geral, tem a ver também com os sentimentos, porque pra mim, escrever acabou se tornando não só um lazer, mas uma espécie de terapia, vamos dizer assim. Porque, às vezes, eu ficava muito mal e era um jeito que eu encontrava de desabafar. Desabafar ou fugir da realidade. Então tem uma série de fatores, por isso que varia muito.

Pra quais fandoms você escreve? Ou todas as suas histórias são originais?

Bom, eu só escrevi uma pra postar no Nyah Fanfiction. Foi uma ideia da minha sogra porque, pra começar, eu queria saber até onde eu conseguia ir, era a primeira vez que eu tava fazendo e como era uma fanfiction, eu postei lá.

Depois disso, quando eu vi que o feedback foi até que positivo e que eu podia ir mais além, eu comecei a criar uma história própria, completamente original, na

verdade é uma saga, e por enquanto eu tô mantendo ela no meu computador, por que de verdade eu pretendia ir mais além, eu queria publicar mesmo, numa editora, pra valer. Vai ser caro e vai dar um trabalhão, mas eu queria muito, então eu mantive só aquela primeira história no Nyah Fanfiction e o restante eu tô atrás de uma editora, ou no caso, eu vou assim que eu terminar.

No que você se inspira pra escrever?

Às vezes, é quando eu tô fazendo alguma coisa que eu gosto e a ideia simplesmente surge, às vezes, a partir de alguma história de algum livro que eu li, às vezes, a partir de um filme que eu vi, outras vezes eu simplesmente tô, como eu posso dizer, lendo um mangá ou simplesmente distraída, pensando na vida sabe, e de repente a ideia aparece, não é uma coisa muito programada. Só... Acontece.

Às vezes, também é quando eu tô discutindo a respeito de alguns temas meio polêmicos, isso foi uma das coisas que me inspirou pra essa saga que eu tô escrevendo atualmente, tem muitos temas que não são discutidos entre os jovens, entre os adultos, são temas tão importantes mas que o pessoal ainda trata como tabu, fica tentando esconder ou fingir que não existe, sabe, e outras vezes são problemas que as pessoas tão tentando enfrentar e não sabem como fazer.

Eu já tive muitos problemas ao longo do tempo e os livros me ajudaram muito com isso, tem certos autores que, por mais que eles estivessem escrevendo alguma coisa de ficção, às vezes, até fantástica, tinha algumas partes lá, alguma cena que se assemelhava muito a um problema que eu tava passando e eles me apresentavam uma solução e isso eu achei uma coisa fantástica, porque, às vezes, eu não conseguia ajuda de pessoas e, de repente, lendo eu tinha a solução bem ali, então também é outra coisa que me inspira, por que se os livros me ajudaram, por que as minhas histórias não poderiam ajudar outras pessoas também, não é mesmo?

Existe algo essencial de ler / assistir / jogar pra escrever fanfic?

Não exatamente. Primeiro, porque pra você escrever, você tem que tornar essa atividade prazerosa pra você, escrever por obrigação é uma coisa que fica massante e você não vai querer fazer, e mesmo que fizer, vai ser forçado e você não vai fazer direito, então, eu acho que você tem que fazer alguma coisa que você goste, ler coisas que você goste, assistir coisas que você goste e escrever fanfics sobre coisas que você goste. Você tem que gostar, se não, não vai adiantar nada.

Por exemplo, eu não gosto de realismo em português, mas eu tinha que ler na escola. Se eu fosse escrever alguma coisa sobre os livros que eu li na escola, obrigada, eu não ia conseguir, e não ia ser nada prazeroso, então por que eu ia fazer? Até porque ia se tornar uma coisa massante, um sofrimento, não iria pra frente. Então eu acho que não importa muito desde que você esteja fazendo algo que você goste muito, não importa o que seja.

Às vezes, pode parecer que não tem nada a ver com a história em si o que você tá fazendo, pelo menos pros outros, mas aquilo tá te ajudando, então você tá no caminho certo, é isso que eu acho, porque, pra mim, é o que funciona. Não só pra mim, mas pra outras pessoas que eu conheço que também são autores, então, não é como se tivesse uma receita do sucesso, mas você é que cria o seu caminho pro sucesso.

Você faz pesquisa pra escrever?

Sem dúvida, pesquisa é uma coisa que eu particularmente acho essencial, porque, às vezes, você pode estar precisando de uma informação real ou simplesmente tem algo que você ficou em dúvida que só pesquisa vai te ajudar, não importa se você vai perguntar pra alguém que conhece melhor do assunto ou se você vai no Google como a maioria das pessoas fazem, incluindo eu.

Então, com certeza, é mais do que essencial, essa saga que eu tô escrevendo agora, eu posso dizer que a principal base foi a pesquisa, por que ela se passa num lugar que eu não conheço pessoalmente, então tudo que eu tô falando a respeito desse lugar, de costumes, de aparência, e etc, é baseado no que eu pesquisei, além disso, os assuntos que eu tô tratando lá não tem só questões de experiência pessoal, ou temas em que eu só conheço por cima, eu me aprofundi através da pesquisa.

Eu acho que se você não pesquisar, nem que seja minimamente, você corre o risco de não ter sucesso algum, não conseguir ir pra frente do jeito certo

Como é sua rotina de pesquisa?

Bom, eu não tenho exatamente uma rotina de pesquisa, mas no geral a minha principal fonte de pesquisa acaba sendo o Google. Eu não tenho muitas pessoas que possam me ajudar com certas informações que eu queria saber, então eu vou pesquisando por lá.

Eu escrevo quando eu tenho tempo e eu pesquiso nesse tempo também, eu tenho faculdade, eu tenho que fazer as minhas coisas de casa, as tarefas domésticas, eu tenho que cuidar das minhas gatas, eu tenho muitas coisas pra fazer ao longo da semana e não necessariamente em horários certos, com exceção da faculdade, o resto vai variando, então, eu escrevo quando eu tenho tempo e inspiração, e se eu tenho tempo e inspiração pra escrever é o momento em que eu também vou pesquisar

Tem alguém que revisa o seu texto pra você?

Pra ser sincera, a revisão eu mesma que faço quando eu tô escrevendo no Word. Às vezes, eu acabo pedindo opinião pro meu namorado ou pra uma outra amiga minha mais próxima que sabe que eu sou autora e que contribui, às vezes, com ideias ou informações que eu realmente não sabia, não tinha. Então, eu confio mais é no corretor do Word, e no meu conhecimento de língua portuguesa, principalmente questão de gramática e redação, que eu sempre tirei notas boas. Ter muita professora cismada com português na família dá nisso, sabe (risos), mas assim dá pra ir, e o Word, tirando uma coisinha ou outra que às vezes tá fora do que deveria, ele é bem confiável até. O Microsoft Word, adoro escrever nele, até porque se eu fosse escrever em um caderno, eu gastaria muita folha e muito lápis, grafite e borracha, não ia dar muito certo.

Como é receber comentários / críticas / curtidas pra você?

Bom, eu acho superimportante ter alguém comentando ou dando críticas, quando são construtivas, no caso né, porque as críticas destrutivas, às vezes, magoa bastante.

No geral, eu não tive tantas porque eu só postei uma história lá, uma história que não gerou muito interesse nos leitores do Nyah, mas, de resto, eu procuro bastante ver as opiniões do meu namorado, da minha sogra, das minhas amigas mais próximas, porque, apesar de serem meio suspeitos pra dar opinião, eu sempre peço “por favor sejam sinceros” e eles acabam fazendo exatamente o que eu pedi. Às vezes, eles criticam meio negativamente, tipo “você precisa melhorar isso, pelo amor de deus”, mas aí que eu vejo se eu tô no caminho certo, por mais autoconfiança que eu tenha, quando à minha linguagem e a minha escrita, às vezes, eu fico insegura, não sei se a minha história tá agradando ou se eu tô sendo formal

demais, considerando que o público é mais pro juvenil e é nessas horas que eu conto 100% com as opiniões dessas pessoas, digamos que elas servem de termômetro, pra eu ver se eu tô fazendo do jeito certo ou se eu tô desviando disso.

Você costuma ler a mesma fanfic mais de uma vez?

Só se eu gostar muito da fanfic. Algumas basta uma vez de leitura e eu tô satisfeita, sabe, mas tem outras que, às vezes, eu acho tão boa, mas tão boa, que eu quero ler de novo, não importa se vai ser uma, duas, três vezes.

É como os livros que eu tenho aqui em casa, tem histórias que eu não precisei comprar o livro por que bastou uma vez que, pra mim, tava tudo certo. Agora tem outras que eu tive que comprar porque eu releio, não vou dizer constantemente, porque eu tô me dedicando mais à escrita, nos últimos anos, mas tem histórias que eu já reli umas três, quatro vezes, nem que sejam só minhas partes favoritas porque estavam muito bem escritas ou que não deixavam de impressionar.

Apesar de eu saber detalhe por detalhe, às vezes decorar o que tava escrito lá, então só se eu gosto muito, senão uma vez só já dá.

Já participou de algum desafio de fanfic?

Infelizmente, ainda não. Deve ser divertido.

Que fanfics você indicaria pra quem quer começar?

Isso é o que eu chamo de pergunta difícil, porque, pra começo de conversa, cada um tem um gênero favorito, ou um tipo de história que prefere, então é meio complicado eu falar, por exemplo, de alguma história de romance pra alguém que prefere terror.

De verdade, eu não sei o que indicar, por que varia de pessoa pra pessoa. Às vezes, uma história que eu gosto pode não agradar outra pessoa. Um exemplo, o meu namorado, ele prefere histórias de ação que a descrição seja mais focada nas ações, como se o tempo de escrita acompanhasse o tempo das ações, uma ação rápida vai ter uma descrição rápida, e uma ação lenta aí sim vai ter uma descrição lenta, já no meu caso varia, tem histórias que eu prefiro que descreva todos os detalhes, pra eu conseguir imaginar com mais perfeição ainda a cena.

Então eu não sei o que indicar, sinceramente, mas eu indicaria a pessoa

procurar primeiro no gênero que ela gosta, ou procurar pelo tema, algumas pessoas escrevem sobre animes, outras sobre filmes, se a pessoa tem algum filme que ela gosta muito ou algum anime que ela gosta muito, ela pode tentar procurar ele pelo site, pelo menos no Nyah, tem essa opção e aí ver o que tiver por lá, porque, de resto, eu não tenho como indicar pra quem tá querendo começar. Eu só posso esperar que a pessoa já tenha um gosto pela leitura, que ela leia alguma coisa que ela goste e pegue aos poucos, pegar uma história curta pra começar se você não tiver o hábito e depois começar a aumentar aos poucos e sempre pegando alguma história que você goste, por que senão você não vai dar conta.

Além de fanfic, o que você lê / assiste / joga?

Bom, eu leio bastante, muitos dos meus livros, a maioria na verdade, são de ficção fantástica, alguns títulos mais famosos como dos *Instrumentos Mortais* ou *Jogos Vorazes*, *Crepúsculo* também li, mas tem alguns que eu vejo que a maioria não lê tanto, como a saga *Wicked Lovely*, da Melissa Marr, ou *O Lado Mais Sombrio*, que a saga toda é uma adaptação mais gótica e juvenil de Alice no País das Maravilhas, a best seller *Hush Hush*, da Beck Fitzpatrick, a trilogia *Seven Waters*, que acabou virando quadrilogia mas eu ainda não consegui o último livro.

Eu leio bastante mangá também, o meu favorito até agora tem sido *Psychic Detective Yakumo*, do Manabu Kaminaga, e de filmes eu tenho bastante de ação e também de ficção fantástica, alguns romances também. Digamos que, às vezes, perde a graça se não tem um e um pouquinho de nada de comédia, mas não gosto de terror e normalmente eu evito.

Quanto a jogos, eu não jogo muito, quem gosta mais de jogar é meu namorado, então às vezes, eu acompanho ele em algum jogo mais estilo RPG porque eu tenho muita dificuldade com câmera, eu sou menos pior quando eu tô com mouse e teclado, mas se é pra usar o controle do Xbox, por exemplo, eu sou uma negação, apanho muito, ainda mais quando ele quer um jogo de tiro em primeira pessoa, é pura câmera aquilo.

Enfim é isso, minha leitura não é tão variada quanto deveria mas dá pra resumir em ficção fantástica, romance, ação e suspense.

ANEXO G – Entrevista: Monique**Primeiro, pra constar, pode me falar nome, idade e escolaridade?**

Monique, 29 anos, pós-graduada

O que te motivou a começar a ler / escrever fanfics?

Eu tinha uns 8 anos de idade e era fã de *Spice Girls*. Como não havia essa aproximação que temos hoje em dia com celebridades, sobrava muito espaço pra que eu imaginasse situações do dia a dia delas e foi assim que me peguei escrevendo fanfics pela primeira vez.

Ler fanfics assiduamente só aconteceu lá por 99, como já te contei, em que eu descobri um site de Sailor Moon. Como na época não tinha televisão a cabo e não podia assistir as outras fases do desenho, ler fanfic era o mais próximo que eu tinha de uma continuação.

Essas primeiras fanfics você chegou a compartilhar com alguém? Mostrar pra amigo / família?

Nunca! Até hoje me sinto estranha em comentar sobre minha vida como escritora de fanfics para amigos ou família. Tanto que eu uso o mesmo nome para tudo na internet, menos para escrever fanfics.

Sobre o que são as suas fanfics, em geral?

Atualmente, acabei voltando para o fandom de *Harry Potter* e para o meu primeiro OTP [One True Pairing] (Draco/Hermione). Mas já escrevi bastante para o fandom de *Glee* e *Scream* (o seriado da MTV). Gosto de escrever romance, mas em especial, *femslash*.

No que você se inspira pra escrever?

Eu geralmente escrevo sobre assuntos que não vivi. Por exemplo, minha fanfic atual é sobre divórcio e descobrir que se tem mais de uma alma gêmea nesse mundo. Tento tirar inspiração de todos os lugares. Experiências dos meus amigos, músicas, filmes, outros livros e até fanfics.

Como você lida com a inspiração?

Eu tenho um caderno em que anoto todas as ideias que tenho para futuras histórias. Sempre tento anotar a referência que me levou até essa ideia também, geralmente é útil no futuro.

Existe algo essencial de ler / assistir/ jogar pra escrever fanfic?

Eu acho que o essencial é você ter intimidade com o material original. Também é interessante ver o que outras pessoas estão fazendo naquele fandom, quais são as principais discussões, o que as pessoas acham dos ships... Acho importante, pois pode te dar um *insight* novo que você não teria sozinho.

Como geralmente você fica enturmada nas discussões do fandom?

Antigamente, o melhor lugar para isso eram os fóruns. Hoje em dia, caso você tenha domínio do inglês, o melhor lugar é o Tumblr. Sinto que lá existe um espaço para todos os tipos de fã e quando você encontra sua turma, a discussão meio que sempre vem até você, sempre está em sua órbita (mesmo que você não participe ativamente).

Esse antigamente é por volta de 99?

De 99 até 2005, eu era bem ativa em fóruns. E eles eram sempre bem agitados. Foi como conheci muitos amigos. Os fóruns eram minha vida. Os de Harry Potter, principalmente. Mas já moderei até fórum de *Heroes* (!!!!!). Sinto saudades desse tipo de confraternização online.

Você faz pesquisa pra escrever?

Sim! Muitas vezes faço pesquisa inútil, mas sou o tipo que gosta de checar todos os fatos. Lembro de ter procurado o tempo exato de uma viagem entre Lima, Ohio até Nova Iorque. Nomes de bairros, estações de trem e muitas outras coisas que não fazem tanta diferença na história, mas que eu preciso saber.

Como é a sua rotina de pesquisa?

Não é tão organizado. Vou fazendo a pesquisa conforme a necessidade surge, enquanto vou escrevendo a história. Mas quando quero fazer algo maior que exige uma pesquisa prévia, crio um documento no OneNote e vou anotando as referências,

criando linhas do tempo e tudo mais

E a sua rotina de escrita?

Eu prefiro escrever de noite/começo da manhã, quando não tem ninguém acordado. Preciso me concentrar no que estou fazendo e geralmente crio playlists pra “entrar no clima” da história.

Você publica suas fics?

Sim! Apesar de ter decidido que de agora em diante, só vou publicar quando a história estiver terminada (já que muitas vezes eu enrolo um pouco pra atualizar e imagino que isso seja frustrante para quem gosta de ler)

Onde você costuma publicar?

No Fanfiction.net (<http://fanfiction.net>) e no Nyah! FanFiction (<http://www.fanfiction.com.br>)

Tem alguém que revisa as histórias pra você? Algum beta-reader?

Tenho uma amiga, mas ela é mais alpha reader do que beta. Ela lê primeiro e faz comentários, perguntas e etc...

Como é receber comentários/ curtidas nas suas fics?

Maravilhoso! Eu adoro esse relacionamento com o leitor. Já deixou de ser só sobre a fanfic faz tempo. Tem leitor que me conta sobre a semana de provas, o que eles andam lendo, já conversei com leitores sobre problemas pessoais (tipo o meu alcoolismo). Enfim, não recebo só resenhas, já virou um lance de amizade mesmo. Quando eu sumo, eles me mandam mensagem e tudo mais. Dei muita sorte com os leitores que tenho.

E quando você publicava enquanto escrevia, já chegou a mudar o que ia acontecer por pedido dos leitores?

Sim! Esse feedback em tempo real é muito bacana. Tinha uma cena em que eu estava pensando em matar um personagem que era criança ainda. Uma leitora, que era mãe, me disse que o coração dela estava apertado com o desenrolar da história e ela ficava imaginando o filho dela naquela situação. Mudei a história pra

que ele fosse salvo e matei um personagem adulto no lugar.

Escrever fanfic é bem diferente de escrever histórias originais. Muito do que escrevo é *wish fulfillment*, não só meu, como dos leitores. Por isso, sempre levo em consideração o que eles querem que aconteça.

Eu até entendo não querer que os leitores influenciem sua “visão”, mas realmente acho que as pessoas quando estão lendo fanfics, tem uma motivação diferente do que quando estão lendo uma história original

Existe alguma fic que você acha essencial ler pra participar do fandom?

Sim! Apesar de praticamente todas que eu recomendaria serem em inglês (o idioma que mais leio no momento). Mas tenho uma autora de fanfics de *femslash* aqui no Brasil que eu leio tudo o que ela escrever, de qualquer fandom e acho essencial pra quem curte *femslash* (a Fer Redfield).

Esse é o perfil dela: <https://fanfiction.com.br/u/71647/>

Você costuma ler a mesma fic mais de uma vez?

Com certeza! Tem algumas fanfics de Harry Potter que são parte da minha rotina de *self-care*. Sempre que estou um pouco pra baixo, me desligo e vou reler minhas favoritas.

Já participou de algum desafio de fanfic?

Já! Mas foi entre amigos. no fandom de *Glee*. Nós tínhamos um grupo no facebook e fazíamos alguns desafios. Mas nada sério.

Como foi a experiência?

Divertido! Eu lembro que um dos desafios era escrever algo inspirado por uma música da Lana del Rey. O mais interessante foi ver como cada um interpretou o desafio.

Pode me passar o link de alguma fic sua? De preferência uma que seja importante pra você.

Essa é a minha favorita, um oneshot que escrevi sobre Faberry no fandom de *Glee* (https://fanfiction.com.br/historia/234789/Chapel_Of_Love/...)

Essa é a dramione que estou escrevendo agora e demorando uns séculos pra

atualizar [https://fanfiction.com.br/historia/706505/The Ice is Getting Thinner/ ...](https://fanfiction.com.br/historia/706505/The_Ice_is_Getting_Thinner/)

O que mais você lê/ assiste / joga além de fanfic?

Eu consumo MUITA cultura pop diariamente. Gosto muito de ler Young Adult, é meu gênero favorito. No momento estou lendo *Kill All Happies*, da Rachel Cohn. Vejo vários seriados, mas acho que curto mais comédia. Estou viciada em *The Good Place*, não perco um episódio de *Brooklyn Nine Nine* e pra dormir todos os dias, obrigatoriamente revejo uns episódios de *Arrested Development*.

Eu estou tentando terminar *Dragon Age: Inquisition*, e eu adoro a mitologia da série *Dragon Age*. Jogo *The Sims 4* todo santo dia.

E adoro ver filmes ruins, principalmente filmes de terror.

Sabe quando Ledo Engano foi escrita originalmente?

Eu lembro que ela se tornou bem popular por meados de 2004/2005. Então, eu tenho quase certeza que foi por aí.

Posso ver se consigo achar no <http://archive.org>

Obrigada, vou tentar isso. E pode me explicar um pouco do impacto na comunidade?

Então, eu lembro que essa fanfic popularizou o *spork* aqui no Brasil. Basicamente, esse é um termo para quando uma fanfic é ridicularizada, analisada por outras pessoas com comentários e tudo mais.

Eu lembro que uma amiga chegou a ir na Pottercon de 2004 com o cosplay de “Hermione de gorro e havaianas”. Em 2005, eu ajudei a organizar um evento chamado Harry Potter FanFic Fest em SP, uma das atrações era uma leitura dramática de Ledo Engano. Digamos que era uma piada recorrente. Todo mundo sabia o que era o “Conheço-te?”.

Como foi esse evento que você ajudou a organizar?

Foi relativamente pequeno, se comparado com a Pottercon e etc... Fizemos em uma escola no Jabaquara. Rolaram premiações para escritores de fanfics, palestras sobre os gêneros, ships, coisas assim...

Tá até aqui nessa cronologia de eventos na wikipedia, 2005: Fan Fiction Festival – 22/04 – São Paulo:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Fandom_de_Harry_Potter...

Acabei de achar uma fanpage dedicada a essa fic

la justamente te mandar esse link: <https://www.facebook.com/LedoEngano/> (risos).

É uma pena que não tenha tanta história escrita sobre as origens das fanfics no Brasil. Eu não me lembro se li Ledo Engano na Harryoteca (tô achando que não) ou se foi na Floreio e Borrões.

Pois é, tô tentando desenterrar isso pra minha dissertação. Tudo que eu li parece concordar que começou com Harry Potter.

Olha, talvez a popularização de fanfic no Brasil seja por conta de Harry Potter. Mas eu me lembro de ler fanfics de Sailor Moon em 1999.

Pois é, eu lembro de fanfics de anime / mangá antes disso.

Não só me lembro, mas tenho por aqui um arquivo de fanfic de Sailor Moon que tentei escrever nesse ano. Era uma tristeza! Eu me lembro que baixava os arquivos txt com as fanfics de Sailor Moon pra ler (a internet não era banda larga).

Eu fico mais inclinada a dizer que fanfic começou com Sailor Moon, Cavaleiros do Zodíaco e/ou Yuyu Hakusho, mas preciso achar fontes pra citar.

Eu jurava que o site era o SOS Sailor Moon, mas não tem vestígio do site antes da revitalização dele em 2004, então fica complicado. Acho que a história de Harry Potter é bem mais registrada, mas, bem, eu me lembro que comecei a ler fanfics de Harry Potter aqui:

<https://web.archive.org/web/20031205004238/http://www.harryoteca.com:80/inicial.html...> Também me lembro que naquela época, a Aline Carneiro era uma das escritoras mais populares.

O site das fanfics da Aline Carneiro ainda existe (desde 2002): <http://www.acasadesheeba.xpg.com.br/start2.htm>

Eu estava aqui pensando e lembrei do fandom de Arquivo X. Encontrei esse site de fanfics que está desde 1999 no ar. Acho que pode te ajudar em algo: <http://www.shipperx.com/>

ANEXO H – Entrevista: Sofia

Pra constar, preciso do seu nome (como você quer ser identificada na pesquisa), idade e escolaridade.

Sofia, 26, Pós-graduação

O que motivou a começar a ler / escrever fanfics?

Nem lembro? Comecei a ler/escrever fanfic quando tinha uns 11 anos, faz muito tempo (risos). Mas pensando em retrospecto/no que me interessa hoje em dia, acho que sempre gostei de ler fic porque gosto de mergulhar profundamente no universo da história e fics expandem o universo de formas criativas e interessantes. Quanto a escrever, sempre gostei de escrever no geral, e sempre tive muitos *headcanons* e vontades de modificar o *canon*.

Sobre o que são as fanfics que você escreve / escrevia?

Em que sentido? Fandoms? Ships? Temáticas?

Todos os sentidos, quanto mais você falar, melhor pra pesquisa ^^

Eu variei MUITO de fandom e ship, não sou nada leal (risos). Shippo qualquer coisa, escrevia fic pra qualquer fandom. Comecei com Harry Potter (especialmente Harry/Ginny, antes deles ficarem de fato juntos nos livros! Não é mais um ship no qual sou investida, mas foi meu primeiro no mundo das fics) e na mesma época escrevia fics de livros da Meg Cabot.

Parei por um tempo e quando voltei, acho que meus maiores fandoms eram Star Trek (inclusive/especialmente RPF [Real Person Fic] dos filmes atuais, especialmente Chris Pine/Zachary Quinto) e Marvel (alguns dos maiores ships: Spider-Man/Deadpool, Erik/Charles). Mas das fics que passei pro ao3 (eu escrevia principalmente no livejournal), que tô olhando agora, tem até fic histórica sobre Maria Antonieta e minha fic de RPF mais crack!ship de todas: Zachary Quinto/Ezra Koenig.

Eu, em geral, escrevia fic a partir de prompts, em trocas/desafios/prompt memes, então qualquer coisa que fosse de um fandom que eu gostava/me inspirasse eu escrevia.

Quanto a temas: em geral eu escrevia fics mais *ship-centric* e com *vibe* mais

de *character study*. Nunca escrevia case fic ou fics longas com muito *plot*, mas também escrevi pouca fic mais *smutty/pwp*. Minha *vibe* sempre foi mais explorar sentimentos/dinâmicas de personagens e/ou estabelecer o universo no caso de AU. E eu sempre escrevi fic curta.

Acho que minha única fic mais *plotty* foi uma que escrevi lá pros 11 anos, de Harry Potter, com minha melhor amiga da época. Era uma fic inspirada pelo filme Memento (que a gente amava? Éramos crianças esquisitas) e por isso era não-linear, e era Harry/Ginny e Draco/Cho (acho que escrevemos na época do quarto livro?) e eu não lembro realmente do *plot*. Acho que a gente nunca terminou de escrever.

No que você se inspira pra escrever?

Como eu falei, sempre escrevi fic mais baseada em prompts, então... nos prompts (risos).

Existe algo essencial de ler / assistir / jogar pra escrever fanfic?

Como assim?

Tem alguma referência que você vê todo mundo usar e pra entender precisa conhecer?

Acho que não...

Você faz pesquisa pra escrever?

Praticamente nunca, eu vou enrolando/inventando/me baseando em coisas que já li/vi antes (eu pesquisei relativamente pouco até pra ficção original). Mas, como eu disse, sempre escrevi fic mais de estudo de personagem, pouco de *plot*, então pesquisa fica menos importante?

Como é sua rotina de escrita?

Não tenho/nunca tive. Hoje em dia raramente escrevo fic, mas mesmo quando escrevia mais, fic sempre foi uma *vibe* “deu vontade/aquele prompt me animou, aí escrevi”. Pra ficção original, depende do projeto no qual tô trabalhando, se tenho *deadlines*, etc.; Não tenho uma rotina única.

Tem alguém que revisa ou lê o texto antes de você publicar?

Raramente. Às vezes mando/mandava pra alguém antes se estava mais insegura, mas no geral postava/posto meio direto.

Como você se sente em relação a comentários / curtidas / feedback em geral?

No LiveJournal eu sentia uma *vibe* maior de Comunidade e era mais investida em comentários. Não no sentido de me preocupar muito, mas eu conversava mais com quem comentava/comentava mais nas fics das outras pessoas e tal. No ao3, eu sou totalmente indiferente. Nunca fiz ~sucesso~ como escritora de fic então sempre foi mais por escrever/compartilhar do que pelas reações. Mas gosto quando recebo comentários legais, claro!

Você costuma / costumava alterar a direção que a história ia tomar baseada nos comentários?

Eu sempre só escrevi fic curta e pouco *plotty*, então nem se aplica. Não tenho fics de mais de um capítulo, nem direções para tomar baseado em comentários. Além disso, como eu disse, nunca tive um volume grande o suficiente de leitores pra isso ser uma questão.

O que você pensa dessa prática no geral?

Que prática? Mudar a direção da história de acordo com os comentários?

Sim

Eu acho que as pessoas podem fazer o que elas quiserem com as próprias fics! (risos) Seja seguir o caminho que queria, seja seguir o caminho que os leitores querem.

Existe alguma fanfic que você acha essencial ler em relação aos fandoms que você participa/participava?

Não, acho que parte da graça do mundo das fanfics é que existe opção para todos os gostos. Eu tenho minhas favoritas, dentre elas, algumas “grandes”, mas não acho essencial – não acho essencial ler fic nenhuma, honestamente.

Você costuma ler a mesma fanfic mais de uma vez?

Tem fanfics que eu releio, sim!

Por que?

Porque eu gosto de reler/rever coisas das quais eu gosto! Também releio livros que amo, revejo filmes, revejo séries. Sempre gostei de ver/ler a mesma coisa mil vezes (risos).

Já participou de algum desafio de fanfic?

Sim! Eu gostava muito de escrever em desafios/prompt memes/etc.

Como foi a experiência?

Legal? Era bem envolvido no sentido de comunidade e eu sempre escrevi melhor tendo parâmetros prévios.

Quais fanfics dos fandoms que você participa você indicaria pra quem tá começando agora?

Depende do que a pessoa gosta no fandom, de que tipo de história no geral a pessoa gosta, dos ships... Como eu disse, tenho favoritas, mas não acho que existe leitura básica/essencial.

Onde eu posso encontrar as suas fics?

Sou miss_sofia no ao3!

Qual é a sua melhor / que você mais gosta?

Das minhas? Acho que gosto mais das duas Spider-Man/Deadpool que tenho no ao3: *I'll be your slaughterhouse*, que é mais ~dark, e «*voulez-vous coucher avec moi?*» que é bem *cracky* e ridícula e divertida.

Além de fanfic, o que você lê / joga / assiste? Pode ser o quanto fangirl você quiser.

Muita coisa? (risos). Nem sei te dizer! Eu acompanho umas 30 séries, revejo minhas favoritas sempre, leio basicamente qualquer coisa... Como eu falei, nunca fui leal a um fandom, sempre fui fã de muita coisa ao mesmo tempo!

Eu preciso que você seja um pouquinho mais específica pra pesquisa

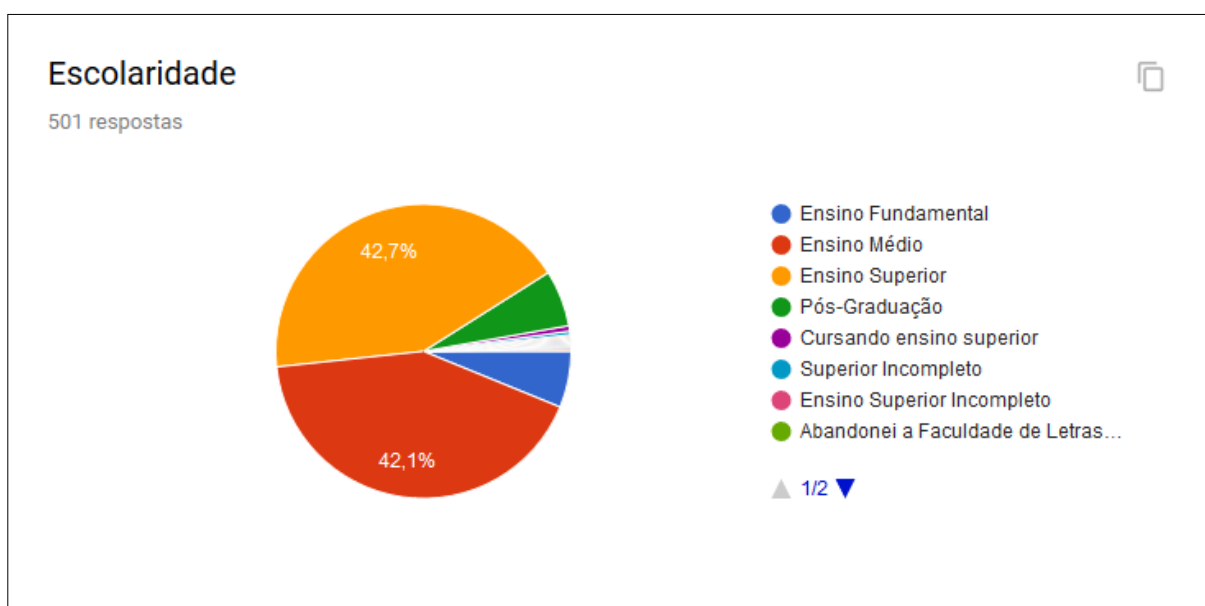
Acho que minhas duas séries preferidas são *Gossip Girl* e *Buffy*. No quesito

leitura, sou mais ampla e é realmente difícil definir/te dizer. Como gênero, sempre gostei de YA/séries teen contemporâneas, não sou muito fã de coisas históricas nem de high fantasy, gosto de sci-fi/fantasia urbana/universo de quadrinhos...

Ah, e eu não tenho indicações de fics essenciais etc. Mas deixa eu te dizer três das minhas autoras favoritas de fic (de qualquer fandom): postcardmystery, gyzym e likecharity no ao3!

ANEXO I – Seleção de Respostas do Questionário

Idade	Quantidade	Idade	Quantidade
12 a 15	49	31 a 35	5
16 a 20	289	44 a 49	3
21 a 25	123	51	1
26 a 30	27	52	1



Quais os motivos que te levaram a escrever fanfic?

1. Publicar minhas histórias e receber um feedback.
2. Eu apenas li durante muito tempo, então, um dia, queria começar a postar, mas não sabia se minhas originais seriam suficientemente boas, por isso decidi começar pelas fics.
3. Foi sem querer. Eu estava muito ansioso para ver “Cidades de Papel”, do John Green e também pra escrever um livro. Aí, dias depois de ter visto o filme, eu comecei a escrever um livro, que agora, no quinto capítulo, olhando em retrospectiva, pode ser considerado como uma fanfic do filme.
4. Ter ideias que não estavam contempladas na obra original e querer desenvolvê-las por escrito
5. Treinar escrita, elaboração de roteiro para história em quadrinhos
6. Sempre gostei de escrever, mas sempre tive dificuldade de desenvolver personagens. Li uma fanfic que amei e decidi tentar.
7. Às vezes, tem coisas que eu gostaria que acontecessem na história oficial, ou

de ver um certo aspecto dos personagens e suas relações serem abordados de determinada maneira. E porque é divertido.

8. Minha paixão pela escrita e literatura e a liberdade que tenho para criar qualquer história independente do tema usando personagens que conheço e amo como base.
9. Ponto de vista diferente da história original. Explorar campos que foram deixados a desejar nas histórias entre outros motivos.
10. Gostar dos personagens
11. Ter mais contato com o universo
12. Sempre gostei de ler, com o tempo, senti a necessidade de escrever.
13. Pro otp ficar junto/gosto de sofrer
14. Conforme leio ou assisto coisas, tenho a tendência de traçar tramas paralelas na minha cabeça ou até mesmo rumos completamente novos quando algo me desagrada.
15. Incapacidade de criar personagens verosímeis, então preferia usar os personagens dos outros
16. Dar vida às histórias que imagino com meus personagens preferidos
17. Um é quando o autor estraga o canon.
18. Mais do que qualquer coisa, exercer minha criatividade. “Se algo não existe, posso fazer existir”, e isso vai de ships a AUs a continuações ou reinterpretações de histórias já existentes.
19. Treinar escrita, melhorar o vocabulário e escrever histórias que eu gostaria de ler
20. Esvaziar a cabeça de tantas histórias
21. Poder entrar e fazer parte dos universos que gosto, poder ver casais que não existem no trabalho original, ter a liberdade de mudar acontecimentos e personagens, etc.
22. Envolvimento com os personagens, não existir a fanfic que eu queria ler, diversão
23. A vontade de saber mais sobre os personagens e poder desenvolver melhor as histórias.
24. Não tinha uma história bem escrita sobre o tema que acordei, como tive uma ideia e gosto de escrever, decidi publicar essa história.
25. Aperfeiçoar a escrita e diversão.
26. Para mim funciona como terapia/vício, e é divertido além de desafiante.
27. Eu gostar de escrever
28. Eu amo escrever, permite-me fugir a todos os meus problemas. Além disso, a profissão que eu quero exige habilidades de escrita.
29. Superar uma depressão e aliviar a ansiedade
30. Diversão
31. Sempre gostei de ler e escrever histórias no geral. Escrever fanfics é uma forma de ter público que gosta das mesmas coisas que eu. Gosto de produzir

também por colocar coisas que acontecem na minha vida que eu gostaria de ver em uma história (coisas que não acontecem também).

32. Sempre gostei de ler/escrever, isso me incentivou muito
33. Por diversão.
34. O gosto pela escrita e a possibilidade de criar um mundo aonde meus ídolos estavam inseridos.
35. É legal poder ter uma forma de colocar as ideias pra fora e abandonar um pouco a realidade que chega a ser tão repetitiva.
36. Passatempo / Treino pra escrever ficção
37. Relaxar e amar esse mundo
38. Porque é assim que consigo demonstrar meus sentimentos
39. Um dia quero ser escritora e acho que a melhor maneira de praticar é escrevendo fic.
40. Prazer pela escrita e carinho pela história/fandom.
41. Poder imaginar meus ídolos, ou histórias que eu gosto, de uma maneira mais pessoal.
42. Gosto de criar situação que eu gostaria de viver ou por vontade de escrever o que eu gostaria de ler
43. Quando comecei a ficar brava com os finais de algumas fics, decidi fazer as minhas.
44. Querer inventar um mundo alternativo, tendo como protagonistas meus ídolos.
45. Sou escritora e escrever fanfics é uma forma de inspiração para meus outros projetos, além de um hobby que eu amo
46. Minha paixão pela escrita
47. Outras escritoras e meus ídolos
48. Minha paixão pela escrita e mil ideias que tenho rodeando minha mente a todo momento.
49. Gostar de escrever e ser muito fã de Harry Potter
50. Ideias que precisava compartilhar.
51. Queria viver outra realidade através dos meus personagens
52. Gosto pela literatura e amor pela escrita.
53. Tenho ideias, e gosto de escrever com bandas/atores que eu gosto
54. Eu sempre gostei de inventar histórias e vi nas fanfics público para poder publicar algo meu na internet, além de escrever histórias com artistas que eu gosto.
55. Eu gosto de criar esses universos alternativos porque é meio como um mundo imaginário que preenche minha vida que às vezes é sem graça.
56. A banda One Direction
57. Gostar de escrever histórias.
58. Escrever funciona como uma terapia, terminar uma história me dá um objetivo.
59. Melhorar habilidades de escrita e uso como um refúgio da minha própria realidade.
60. Sempre gostei de escrever e meus ídolos, de alguma forma, me inspiraram.

61. Meu gosto por escrita e pela possibilidade de uma área na qual eu teria pessoas interessadas no mesmo tipo de história que eu me interesse para escrever.
62. Por gostar de escrever, expressar alguns sentimentos, clarear as ideias
63. Prazer em escrever
64. Paixão por escrever
65. A fuga da realidade
66. Imaginar situações que na vida real, talvez nunca aconteçam. Além da diversão!
67. Pois desde sempre eu sofro com o acúmulo de ideias, escrevia histórias completas e depois de reler uma vez, eu as excluía. Aos 13 anos eu já tinha escrito 3 livros completos, e a partir disso descobri o universo das fanfics, iniciei uma procura de temas que me interessassem e após um tempo comecei a escrever coisas que me interessavam...Porém apenas publiquei a minha primeira fanfic aos 15 anos.
68. Indicação
69. Muitas ideias na cabeça que precisavam urgentemente ser colocadas pra fora.
70. Gostar de escrever
71. Criatividade em excesso
72. Gosto de inventar histórias e personagens
73. Sempre gostei de escrever. Descobri a plataforma quando ainda era bem jovem e achei muito interessante o retorno.
74. Gosto de escrever e tenho muitas ideias, sinto falta de alguns universos que acabaram então escrevo sobre eles.
75. Gostar de imaginar romances comigo mesma, e querer dá-los a ler a outras pessoas.
76. Eu escrevia fanfic quando mais nova, no começo foi pela empolgação e amor ao ídolo e depois se tornou uma paixão, escrever é um hobby hoje em dia.
77. às vezes por não encontrar uma fanfic em específico, e também porque gosto muito de escrever.
78. Minha melhor amiga me apresentou histórias com os McGuys e eu amei
79. Paixão pela escrita
80. Terapia.
81. Sempre gostei de escrever
82. Necessidade de extravasar meus pensamentos
83. Como fã, escrevia (e lia) fanfics para imaginar como seria uma vida com algum ídolo. Outro motivo é ter muitas ideias que nunca foram usadas.
84. Depois que me tornei fã de uma banda, durante uma pesquisa aleatória sobre eles na internet, acabei encontrando uma história postada no Blogger (Blogspot) onde eu podia inserir meu nome e sentir como se eu realmente fosse parte daquele mundo e convivesse com aquelas pessoas e situações. Então, eu comecei escrever a minha própria história (que depois descobri se chamar "fanfic") e acabei me apaixonando completamente pela escrita.

85. Porque eu quero
86. O fato de buscar alguns temas que até hoje não consegui achar.
87. Amor gigante pelo fandom e pela escrita.
88. Imaginava situações na minha cabeça, e acabei tendo uma necessidade de levar pro papel.
89. Prazer na escrita e na criação de histórias.
90. Minha paixão por escrita
91. Vontade de escrever e interagir com pessoas que têm o mesmo interesse.
92. Falta do que fazer, muitas ideias na mente.
93. A falta de enredos que me agradassem totalmente, então eu comecei a criar os meus.
94. Gosto de escrever e sair da realidade
95. Eu entrei no mundo das fanfics apenas como leitora, mas minha prima (aliás, eu que mostrei as fanfics pra ela) falou “vamos escrever uma” e então começamos. Depois disso eu comecei mais umas duas, dessa vez solo, porém nunca terminei de escrever nada. Nem em dupla nem sozinha.
96. Sempre amei escrever e considero um “começo”, para poder criar roteiros de filmes no futuro
97. Querer que fosse realidade
98. Muitas vezes vontade de ver mais um pouco da história, ou criar um mundo meu.
99. Vontade! Eu lia e minha criatividade pedia para escrever uma!
100. Não achei a fanfic que eu queria ler, então resolvi escrever eu mesma. E, além disso, eu me coloco muito nas minhas personagens. É como se elas fossem eu, só que num universo paralelo; e eu tenho controle total sobre a vida o destino delas (coisa que não tenho na minha).
101. Leitura.
102. Explorar possíveis relacionamentos entre casais não oficiais.
103. Adoro escrever e acho o gênero leve e tranquilo
104. Sempre gostei de escrever e contar histórias, juntar isso com aquilo que eu sou/eta fã tornava ainda mais incrível tudo o que eu podia imaginar e deixar as pessoas ler!
105. É uma forma de utilizar toda a criatividade que tenho.
106. A imaginação, eu sempre fui muito iludida, então quando eu comecei a criar maturidade, decidi sair um pouquinho dos meus contos de fadas e levar pro papel, pra fazer as pessoas felizes
107. Sempre gostei muito de escrever. Eu sempre imagino várias coisas com os meus ídolos e essa é a forma que encontrei pra eternizar o que crio na minha cabeça.
108. Simplesmente o fato de amar escrever
109. O amor que tenho pelos meus ídolos e como em algumas histórias eu sinto que precisamos ter uma continuação ou outra visão.

110. Tentar achar o sentido da minha vida.
111. Superar uma fase difícil da vida
112. Amor pela escrita, incentivo das pessoas, elogio dos professores quanto a minha escrita, inspiração momentânea
113. Vontade de que a história tivesse tomado aquele caminho.
114. Amo criar histórias
115. Eu queria mais informações sobre um personagem querido então resolvi inventá-las.
116. Corrigir erros do canon, trabalhar com ships que não são canon, explorar universos alternativos. Falta do conteúdo que eu quero ler (ou mal escrito) me leva a escrever tal conteúdo.
117. Por muito tempo, desde que eu era pequena, eu gostava muito. Costumava pegar fanfics gringas e ler tudo pelo Google Tradutor (eu tinha por volta de 9/10 anos, e as fanfics eram de The Suite Life On Deck). A medida que eu fui crescendo e virando fã de bandas como One Direction, o interesse pela leitura e escrita aumentou! Hoje estou convicta em fazer jornalismo por essa paixão!
118. Meu shipper. Geralmente eu tenho umas ideias legais e resolvo tentar criar uma história sobre isso envolvendo meu shipper
119. Necessidade de ver meu casal favorito vivendo outras histórias
120. Gostar de determinado artista ou personagem e imaginar ele vivenciando outras situações
121. Passar o tempo
122. Vontade de desenvolver algo com um tema que poucas pessoas abordam.
123. Poder escrever as histórias que imagino com quem eu quiser
124. A vontade de querer poder viajar em lugares da minha imaginação os quais eu não conhecia.
125. Sempre gostei de escrever e uma vez eu não fiquei contente com o final de um anime que eu assistia, então criei a minha versão.
126. Contato com fãs que escreviam e liam
127. A vontade de compartilhar minhas histórias com outros fãs
128. Sempre gostei de escrever e quando conheci esse mundo aos 11 anos de idade resolvi tentar. Gostei.
129. Querer mudanças no universo da história original.
130. Busca por novas histórias com meus ídolos
131. É uma forma de criar um mundo onde tudo que você quer e sonha se torna real.
132. Eu escrevo porque gosto, faz eu me sentir melhor, é como uma fuga da realidade.
133. Eu amo escrever, e sempre tenho várias ideias e gosto de passá-las para o papel.
134. Nos começo dos anos 2000, tava começando a estourar no Brasil a febre do universo de HP e foi um dos primeiros filmes que eu assisti. Lembro que a primeira

coisa que fiz depois de assisti os primeiro quatro da saga foi ir pesquisar mais coisas na internet sobre ele e lá nas buscas relacionadas do Google, apareceu "harry potter fanfic" e eu cliquei porque não fazia ideia do que aquele termo poderia ser. Abri os links que iam surgindo, eu ia descobrindo as histórias online e quando vi, tinha passado a madrugada lendo várias longs e shortfics da saga. Descobrir que eu poderia escrever um final diferente, mudar o roteiro de algum filme/livro ou poder me imaginar com AQUELE personagem que levava as garotas à loucura que conhecesse foi como se eu tivesse descoberto um poço de petróleo!

135. A falta de fanfic por bandas desconhecidas
136. Tinha nada melhor pra fazer e resolvi escrever fanfic.
137. Necessidade de compartilhar minhas ideias
138. Proximidade com a literatura; criatividade; Vontade de alterar pontos específicos/personagens/ships de livros que li.
139. Projeto de algumas Autoras do Wattpad com músicas da Tylor Swift e histórias originais baseada nelas. Tive uma ideia, me inscrevi e a minha história foi uma das escolhidas.
140. Passar o tempo
141. Buscar um novo olhar sobre uma história que já amo
142. Vontade de escrever.
143. A minha facilidade em criar histórias e meu amor pela escrita.
144. Inspiração
145. Querer fugir um pouco da realidade.
146. Escrever FF é a melhor forma de sair desse mundo cheio de obrigações e preocupações. Posso fazer um mundo "perfeito" com as pessoas que na minha cabeça são perfeitas.
147. Porque eu queria ler mais histórias com os personagens que eu amo.... Um dia só ler não era o suficiente
148. Desenvolver ideias diferentes
149. Amo ler, tenho uma imaginação descomunal e adoro de escrever, englobando todo o processo criativo de dar vida a estórias, desde ter uma ideia genial, pesquisar sobre os temas que serão abordados, até fazer um projeto, um planejamento de como serão os personagens, como a narrativa desenvolver-se-á (início, meio e fim), inclusive as diversas correções e "reescritas".
150. Não achava fanfics do jeito que eu queria, então resolvi escrever
151. Diversão
152. É uma forma de me sentir um pouco mais próxima dos meus cantores favoritos.
153. Sempre gostei de escrever muito.
154. Registrar minhas ideias e explorar minha criatividade.
155. Geralmente gostaria de ler uma fanfic com um determinado enredo ou com fandons/ships específicos e ou não encontrava ou não gostava, então acabava botando ideias em prática. Algumas também são para abordar determinados temas

- que podem não ter sido pensado dessa ou aquela maneira.
156. Gosto de ler e tenho muitas ideias para histórias
 157. Porque eu gosto de escrever, e decidir o destino dos personagens sempre de forma a surpreender os leitores.
 158. Ter uma história que moldasse exatamente ao que eu esperava ler
 159. Eu amo escrever e amo meus ídolos, então uni o útil ao agradável.
 160. Sempre me pego pensando em como seria ter algum envolvimento – normalmente romântico-com meu ídolo; fanfics ajudam a transformar a frustração do encontro imaginário em algo criativo e prazeroso.
 161. A possibilidade de criar todo um universo/vida diferente e colocar parte dos meus problemas nisso, ou simplesmente alterar tudo e fugir dos meus próprios problemas pessoais.
 162. Interesse pela escrita e pelo fandom
 163. Criar um mundo que não existe
 164. Diversão.
 165. Amo escrever
 166. Provavelmente meu grande interesse pela leitura e, é claro, o fato de poder criar universos alternativos para me imaginar conhecendo e tendo certo tipo de relacionamento/amizade com meus ídolos e personagens fictícios, como, por exemplo, o Harry Potter.
 167. Meu desejo de poder mostrar um pouco do meu ponto de vista para o mundo, e contar uma estória em que as pessoas possam gostar e se inspirar também.
 168. Querer escrever histórias como as que eu leio nos sites, mas com o meu jeito
 169. Necessidade de existência de uma fic exatamente como eu queria
 170. Gosto de imaginar histórias e finais alternativos. Gosto também de reescrever a história original “corrigindo” coisas que não gostei.
 171. Eu normalmente tenho um caminhão de ideias e eu fico desconfortável se eu não escrevo
 172. Comecei a escrever porque me sentia sozinha, e por me identificar com os personagens.
 173. Sempre gostei de reimaginar meus personagens preferidos.
 174. Criar cenas que sempre quis ver com os meus personagens preferidos, mas que não aparecem na história original.
 175. Inicialmente, foi meu fascínio pelo universo, a chance de criar histórias novas para meus personagens favoritos. Depois foi pelo gosto.
 176. Porque eu gosto e tem poucas fics de alguns dos meus ships em português
 177. Mudanças que desejava ver no canon, dar mais atenção a personagens e situações
 178. Sempre gostei de escrever, desde criança. Comecei a escrever fanfics depois que descobri esse mundo.
 179. Me conectar mais com pessoas que gostavam das mesmas coisas que eu
 180. Colocar para fora o que sinto

181. Vontade de compartilhar as ideias que surgiam para histórias.
182. A quantidade de ideias que eu possuía e a paixão pela escrita.
183. Tenho tantas ideias e tanto amor pelos meus ídolos, simplesmente sai. Eu sou apaixonada por livros, e a escrita é como uma válvula de escape para mim.
184. Queria expressar meus pensamentos e criatividade.
185. De início, a falta de fanfics em português de uma determinada série de livros. Depois, a sensação boa de criar histórias e personagens e transformar as palavras em coisas vivas.
186. Simplesmente gosto de escrever
187. Ter ideias de histórias diferentes o tempo todo.
188. Paixão pela escrita, escapar da realidade, etc.
189. Falta de satisfação com o material canon, querer expandir e desenvolver headcanons, querer escrever algo mas não precisar se preocupar com a criação de personagens e universo....
190. De início, a falta de fanfics em português de uma determinada série de livros. Depois, a sensação boa de criar histórias e personagens e transformar as palavras em coisas vivas.
191. A busca por histórias que as vezes não existiam ou que existiam e tinham uma escrita ruim
192. Vontade de viver o q escrevo
193. Sempre gostei de ter a possibilidade de caminhos alternativos em uma história, ou as vezes ambientar a história e os personagens em outros mundos.
194. O amor pela escrita, se alguém um dia me tirar esse amor, acho que nada resta....
195. Vontade de ver algo que eu queria que acontecesse acontecer na ficção.
196. E gosto de escrever e conheci muita gente legal
197. Vontade de pôr um sentimento no papel, criar uma história exatamente como eu queria
198. Treinar habilidade escrita, receber feedback de leitores reais
199. Minha imaginação muito fértil
200. Na verdade encaro como uma história como, chamo de fanfic por ser postada em sites de fics.
201. Pretendo trabalhar em uma área que envolva escrita e acho que essa é uma boa maneira de exercitá-la.
202. Fugir da realidade
203. Sempre gostei de escrever histórias, então pareceu uma boa ideia misturar isso com as coisas que eu gosto.
204. Sempre gostei de escrever, e nas fics eu consigo explorar ainda mais minha imaginação.
205. Gostar de escrever, ter interesse em transformar aspectos do canon, “brincar” com personagens e histórias que eu amo
206. Gostar de escrever, ter interesse em transformar aspectos do canon, “brincar”

com personagens e histórias que eu amo

207. Querer aproveitar uma ideia que tive para determinadas personagens
208. Eu queria ver aqueles personagens que eu tanto gostava vivendo outras situações. Por vezes era uma forma de “consertar” a história, mudar algo que eu não gostei, criar finais diferentes.
209. Meu amor pelo universo de Harry Potter e a vontade de me colocar dentro do universo dele com um personagem inventado por mim
210. Amor maior pela saga original
211. Amo
212. Li um livro que não gostei e resolvi fazer um do meu gosto.
213. Ver casais que eu gosto mais não existem nos originais
214. Hydra Malfoy
215. Sempre gostei de histórias. Então comecei a escrever algumas, baseadas em personagens secundários de algumas histórias que gosto.
216. Falta de fics ou livro sobre determinados assuntos aí vem a inspiração e escrevo
217. Gostar de escrever.
218. Esvaziar minha alma
219. Sou fã de Harry Potter e isso me motivou a escrever, além de exercitar minha escrita para o futuro.
220. Eu lia muita fanfic e me apaixonei pelas histórias, então decidi criar as minhas
221. É algo que eu gosto de fazer.